

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Ivan Almeida Rozario Júnior

**A modalização em notícias de violência doméstica contra a mulher
no Brasil e em Portugal: uma estratégia dialógica e discursiva**

Doutorado em Língua Portuguesa

**São Paulo
2017**

Ivan Almeida Rozario Júnior

**A modalização em notícias de violência doméstica contra a mulher
no Brasil e em Portugal: uma estratégia dialógica e discursiva**

Doutorado em Língua Portuguesa

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Língua Portuguesa sob a orientação da Professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias.

**São Paulo
2017**

Banca Examinadora

“Não se nasce mulher: torna-se”
Simone de Beauvoir

À minha bisavó Júlia Maria, exemplo de força e fé.
À minha mãe, pela intercessão constante em minha vida.
Às mulheres que fazem de sua vida um ato de liberdade.

Aluno Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –
CAPES/PROSUP
Número do Processo: 1302187

AGRADECIMENTOS

*“Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele e o
lance a outro; [...] que com muitos outros
galos se cruzem os fios de sol de seus gritos
de galo, para que amanhã, desde uma teia
tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.”*

João Cabral de Melo Neto

Toda produção acadêmica traz uma mistura de sensações, revisitamos saberes já apreendidos e novos saberes se constituem. A solidão bate à porta, quer nos fazer companhia. O silêncio é rompido no encontro com o outro, momento no qual palavras e contrapalavras despertam a dialogia necessária na construção de uma tese de doutorado. Agradeço a Deus, energia suprema, fiel interlocutor no espaço tempo da vida humana.

À Prof.^a Dr.^a Ana Rosa Ferreira Dias, pela companhia nessa caminhada de pesquisa, entremeada de obstáculos, mas superada com novos outros saberes e grandes vitórias.

À Prof.^a Isabel Ferin Cunha, por acolher-me em terras lusitanas e pelos apontamentos enriquecedores durante o estágio de doutorado na Universidade de Coimbra.

À Prof.^a Dr.^a Leonor Lopes Fávero e ao Prof. Dr. Édson Correia de Oliveira, pelas enriquecedoras contribuições na qualificação e defesa desta tese.

À Prof.^a Dr.^a Neusa Maria de Oliveira Barbosa Bastos e ao Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon, por conceder-nos, na defesa desta tese, as suas preciosas discussões.

Às professoras e aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, que dialogicamente possibilitaram a troca e a construção de novos saberes.

À secretária Maria de Lourdes Scaglioni, pelas interlocuções junto ao programa.

Às/Aos jornalistas do jornal *A Gazeta* e do jornal *Público*, pela parceria empreendida.

Às mulheres vítimas de violência doméstica cujas dores provocam em nós a ação.

Às/Aos colegas do GEBAKH e do DiME, leais interlocutores ao longo da pesquisa.

À CAPES, pelo financiamento e apoio a esta pesquisa, sem os quais nada seria possível.

Ao Allan de Andrade Linhares, um amigo que Deus me apresentou no curso e para a vida.

Ao amigo e irmão, Anderson Rocha Porto, por me manter conectado com a vida social.

À amiga Tatiana Aparecida Moreira, parceira leal nas discussões teóricas e da vida.

Aos meus pais, irmãos e sobrinhos(as) pelas ausências, mas o coração sempre presente.

Aos que dialogaram conosco nessa árdua e linda jornada – amigos(as), alunos(as), ex-alunos(as), constituindo-me um pesquisador mais dialógico e responsivo. **OBRIGADO!**

Que o outro saiba quando estou com medo, e me tome nos braços sem fazer perguntas demais.
Que o outro note quando preciso de silêncio e não vá embora batendo a porta, mas entenda que
não o amarei menos porque estou quieta.
Que o outro aceite que me preocupo com ele e não se irrite com minha solicitude, e se ela for
excessiva saiba me dizer isso com delicadeza ou bom humor.
Que o outro perceba minha fragilidade e não ria de mim, nem se aproveite disso.
Que se eu faço uma bobagem, o outro goste um pouco mais de mim, porque também preciso
poder fazer tolices tantas vezes.
Que se estou apenas cansada, o outro não pense logo que estou nervosa, ou doente, ou
agressiva, nem diga que reclamo demais.
Que o outro sinta quanto me dói a ideia da perda, e ouse ficar comigo um pouco – em lugar de
voltar logo à sua vida.
Que se estou numa fase ruim, o outro seja meu cúmplice, mas sem fazer alarde nem dizendo
"Olha que estou tendo muita paciência com você!"
Que quando sem querer eu digo uma coisa bem inadequada diante de mais pessoas, o outro não
me exponha nem me ridicularize.
Que se eventualmente perco a paciência, perco a graça e perco a compostura, o outro ainda
assim me ache linda e me admire.
Que o outro não me considere sempre disponível, sempre necessariamente compreensiva, mas
me aceite quando não estou podendo ser nada disso.
Que, finalmente, o outro entenda que, mesmo se às vezes me esforço, não sou, nem devo ser
a mulher-maravilha, mas apenas uma pessoa: vulnerável e forte, incapaz e gloriosa, assustada e
audaciosa – uma mulher.
(Canção das mulheres, Lya Luft)

A modalização em notícias de violência doméstica contra a mulher no Brasil e em Portugal: uma estratégia dialógica e discursiva

Ivan Almeida Rozario Júnior

Resumo

Esta tese de doutorado tem o objetivo de analisar de que forma a modalização em notícias de violência doméstica contra mulher, publicadas nos jornais A Gazeta e Público, um brasileiro e outro português, respectivamente, no ano de 2014, pode constituir-se como estratégia dialógica e discursiva. Com base em abordagens teóricas de estudiosos da linguagem, inicialmente, constatamos que a notícia pode trazer marcas implícitas ou explícitas da posição do enunciador diante do discurso que produz e enuncia, embora ela seja considerada uma construção discursiva da realidade e tendo a função social de informar sobre algum assunto, de forma objetiva, neutra e imparcial. Considerando-se, nesta tese, a modalização como uma estratégia dialógica e discursiva, a partir da perspectiva do dialogismo em Bakhtin, vimos as categorias *vozes sociais*, *tom apreciativo*, *discurso citado* e *tema/significação* como mecanismos de modalização do discurso de que se apropria o enunciador em seu projeto de dizer. Observando e analisando como os traços linguísticos incidem no processo discursivo de construção da notícia, podemos concluir que o texto noticioso é permeado por um tom apreciativo que se manifesta a partir das escolhas lexicais e da disposição dos enunciados, revelando as marcas de subjetividade do enunciador diante do modo como se enuncia na esfera jornalística. São evidentes, também, as vozes sociais que ecoam em seu discurso, refletindo e refratando representações sociais legitimadas sobre a mulher vítima de violência doméstica. Sendo assim, o efeito de sentido construído pelo emprego da modalização em notícias de violência doméstica contra a mulher pode contribuir para a banalização ou refutação dessa violência no contexto sócio-histórico e cultural da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Modalização; notícias; violência doméstica contra a mulher; estratégia dialógico-discursiva

The modalization on news about domestic violence against woman in Brazil and in Portugal: a dialogic and discursive strategy

Ivan Almeida Rozario Júnior

Abstract

This doctoral dissertation aims to analyze how the modalization works on news about domestic violence against woman, published in the newspapers A Gazeta (Brazilian newspaper) and Público (Portuguese newspaper) respectively in the year 2014. This subject constitutes as a dialogical strategy and discursive. On the basis of theoretical approaches from language scholars, initially, the news could bring implicit or explicit marks of the position from the enunciator ahead the discourse that produces and enunciates. Although, the news is considered a discursive construction of reality and having the social function of informing about some subject, in an objective form neutral and impartial. Regarding this dissertation, the modalization as a dialogic and discursive strategy, from the Bakhtin dialogism perspective looks at the categories: social voices, appreciative tone, discourse quoted and theme/ signification as modalization mechanisms discourse that appropriates the enunciator in his discussing plan. Observing and analyzing how the linguistic traces occur on the discursive process from news construction, we may conclude that the news is permeated by an appreciative tone that is manifested from the lexical choices and the disposition statements, revealing the subjectivity marks from the enunciator in face of how it enunciated in the journalistic sphere. It is important underscore that are evident the social voices that echo in its speech, reflecting and refract legitimized social representations about the woman domestic violence victim. Therefore, the effect of sense built by the modalization use on news about domestic violence against woman may contribute to the trivialization or refutation from this violence in the socio-historical and cultural context in contemporary society.

Keywords: Modalization; news; domestic violence against woman; dialogical discursive strategy

Sumário

Introdução	11
1. Capítulo I – A constituição do <i>corpus</i> e a área de pesquisa	17
1.1 A seleção do <i>corpus</i>	19
1.2 Descrição do <i>corpus</i>	22
1.2.1 O jornal A Gazeta: um breve histórico	26
1.2.2 O jornal Público: um breve histórico	28
1.3 A área de pesquisa	33
2. Capítulo II – Contextualizando a violência contra mulher	35
2.1 A violência contra a mulher vista como problema social	36
2.2 A violência contra a mulher numa perspectiva social e histórica	39
2.3 Considerações sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil e em Portugal	45
3. Capítulo III – Fundamentação teórica	53
3.1 O gênero discursivo na perspectiva bakhtiniana	55
3.2 O gênero notícia e a construção discursiva da realidade	58
3.2 A modalização nos estudos da linguagem	69
3.3 A modalização como estratégia dialógica e discursiva na notícia	78
3.3.1 A manifestação da modalização no discurso – as categorias de análise	82
4. Capítulo IV – A análise do <i>corpus</i>	89
4.1 Notícias publicadas pelo jornal <i>A Gazeta</i> em 2014	91
4.1.1 Considerações acerca das notícias publicadas	108
4.2 Notícias publicadas pelo jornal <i>Público</i> em 2014	109
4.2.1 Considerações acerca das notícias publicadas	123
5. Considerações Finais	124
6. Referências Bibliográficas	126
7. Anexos	130

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, os fatos históricos foram e ainda vem sendo revelados a partir das inúmeras atividades linguageiras, decorrentes das relações interpessoais promovidas nas práticas sociais de interação. O processo de construção do discurso e as estratégias empregadas pelo enunciador para manifestar, implícita ou explicitamente, a sua intencionalidade discursiva despertaram em nós o desejo por enveredarmos no campo dos Estudos Linguísticos, a fim de compreender de que forma a linguagem fomenta as práticas sociais em diferentes esferas da atividade humana, tendo o discurso como objeto de estudo.

Há dezessete anos, a nossa trajetória acadêmica e profissional, por meio da atuação na área da Educação, em diferentes níveis de ensino, vem sendo marcada pelo contato direto com adolescentes e jovens sob alto grau de vulnerabilidade social e oriundos de famílias pobres e da periferia. A constante relação dialógica e afetiva com esses sujeitos sociais, marcados historicamente pelas suas experiências de vida, despertou em nós o interesse em desenvolver pesquisas que tivessem em seu bojo aspectos socioculturais.

Ao longo de um processo reflexivo desenvolvido em nossa prática docente, questionamo-nos, a partir do lugar social que ocupamos, sobre as reais condições que esses jovens e adolescentes têm para ascender na vida e alcançar o seu tão almejado protagonismo social. Como profissional da educação e estudioso da linguagem, vamos percebendo o quanto a linguagem, peça propulsora nas interações sociais, pode descortinar novos olhares e perspectivas de futuro, a partir do momento em que a usamos como ferramenta para o acesso aos espaços sociais.

Sendo assim, acreditamos que os Estudos Linguísticos podem fomentar reflexões, na e pela linguagem, e despertar a construção de uma nova consciência humana e social, contribuindo significativamente com as Ciências Sociais, por meio da elaboração e implementação de políticas públicas efetivas, que garantam aos sujeitos sociais o empoderamento e o acesso aos direitos básicos promovidos e garantidos pela Constituição Federal.

Iniciamos, então, o nosso percurso de pesquisador no Mestrado em Linguística, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, no qual tivemos a oportunidade de desenvolver uma pesquisa tendo como objeto de estudo o discurso do adolescente em conflito com a lei e cujo objetivo principal era compreender, por meio do pensamento do Círculo de Bakhtin, a alteridade que se revela na relação constitutiva do sujeito com a linguagem. Esse objetivo se pautou, enquanto princípio investigativo, na seguinte questão: *que sujeito é esse que se enuncia no discurso produzido em sua trajetória de intervenção socioeducativa?*

Para tentar responder a essa complexa questão e atingir o objetivo proposto, em um primeiro momento, buscamos uma discussão concentrada na relação de alteridade que se pretende construir em uma perspectiva dialógica de intervenção socioeducativa, o que nos conduziu à análise do dialogismo como lugar de constituição do sujeito e da linguagem. Diante disso, observamos que o sujeito em privação de liberdade, tendo uma imagem social já estereotipada, assume a palavra e se enuncia, ao usufruir do espaço discursivo que lhe foi proporcionado pela instituição.

Na compreensão do processo de socioeducação em que estava inserido esse sujeito social, pudemos concluir que a relação de alteridade era sim capaz de provocar no adolescente uma postura axiológica, que o conduziu à retomada de sua própria consciência, para então, reconhecendo-se como sujeito constituído nas e das relações dialógicas, ressignificar-se como sujeito responsável/responsivo.

Durante o percurso da investigação, por meio da leitura e análise do discurso produzido por um adolescente em privação de liberdade, percebemos o cenário de violência em que esse sujeito estava inserido, muitas vezes testemunha ocular das agressões a que sua mãe era submetida, vítima de comportamentos e atitudes machistas de seus maridos, namorados, companheiros, ou ex-maridos, ex-namorados ou ex-companheiros.

A constatação dessa cultura da violência, presente nas relações familiares, provocou-nos uma profunda inquietação, uma vez que tal realidade incide sobre a formação de valores éticos e morais de adolescentes e jovens que convivem em ambientes de violência, tornando-os, de certa forma, não só potenciais vítimas de atos de violência mas também atores da violência, ao se verem reproduzindo esse comportamento em sua vida social, dado o contexto de violência a que estão expostos.

A motivação em aprofundarmos um pouco mais sobre essa realidade em que vivemos, no contexto sócio-histórico e cultural, configura-se o ponto de partida para o trabalho de investigação. A violência que acontece nos ambientes familiares, em especial a que envolve a mulher e a pessoa com quem ela mantém – ou mantinha – uma relação de conjugalidade também nos instigou a buscar em publicações de jornais de ampla circulação o modo como esses atos de violência doméstica eram noticiados.

Esta tese de doutorado, dialógica e colaborativamente construída pelas vozes que nela ecoam, emerge, portanto, dessas reflexões empreendidas no decorrer do mestrado, alinhadas, é claro, com a nossa vivência no papel social de docente em variados contextos socioculturais, nos quais as desigualdades sociais proliferam as mais cruéis mazelas humanas, dentre elas, a falta de equidade de gêneros.

A perpetuação desse ciclo de violência a que a mulher está subjugada é endossada por discursos machistas, muitas vezes produzidos, reproduzidos e legitimados pela mídia escrita – em especial os jornais – contribuindo significativamente para a sua banalização na sociedade contemporânea, seja de forma consciente ou inconscientemente. A prática da violência, então, deixa de ser vista como ação transgressora da convivência social e se torna uma ação autenticada por um pseudodireito de propriedade sobre o outro, neste caso específico, o poder do homem, enquanto agressor e/ou algoz, sobre a mulher, sua vítima potencial do ato de violência.

Considerando-se a mídia escrita como um espaço de constituição e difusão de representações sociais, constatamos o seu relevante papel social na construção ou desconstrução de crenças que corroboram certas desigualdades sociais. Sendo assim, partimos da ideia de Moscovici (1978), para quem a representação social refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos. Nesse cenário, as representações de um objeto social submetem-se a um processo de formação entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais no cotidiano da sociedade contemporânea.

Nessa perspectiva, para aprofundarmos as reflexões afloradas por meio das leituras e discussões sobre os discursos da violência no contexto social, decidimos investigar, tomando como objeto de análise as notícias de violência doméstica contra a mulher publicadas em dois jornais de grande circulação, *A Gazeta* e *Público*, um

brasileiro e o outro português, respectivamente, o uso da modalização como mecanismo de construção da representação social na produção do discurso da esfera jornalística.

No primeiro momento da investigação, a fim de atender aos procedimentos metodológicos, partimos da seguinte questão de pesquisa, qual seja: a mídia escrita, representada pelo jornal, ao se apropriar da estratégia linguística e discursiva, no caso a modalização, é capaz de levar o leitor à construção de representações sociais da/sobre a mulher vítima de violência doméstica?

Levamos, a partir daí, a hipótese de que as estratégias linguísticas e discursivas tendem a orientar a compreensão do leitor sobre determinada informação, sendo assim, a modalização pode ser um procedimento adotado pelo enunciador para mitigar as marcas de subjetividade em seu discurso, (re)velando o seu posicionamento (e comprometimento) diante daquilo que diz a partir do modo como se diz.

Vista geralmente como um fenômeno da língua que se manifesta a partir do emprego de determinados elementos linguísticos, a modalização, nesta tese, é enxergada como estratégia que se manifesta no e pelo discurso a partir de um projeto de dizer constituído dialogicamente no processo de interação dos sujeitos sociais – o produtor da notícia, enquanto enunciador, e o seu leitor – enunciatário, para quem se destina o enunciado. Dessa forma, como nosso objetivo geral, pretendemos analisar de que maneira a modalização em notícias de violência doméstica contra a mulher pode constituir-se como uma estratégia dialógica e discursiva no jornal.

A partir do objetivo geral determinado, traçamos os seguintes objetivos específicos que atendessem à proposta da pesquisa: i) identificar as marcas da modalização no relato jornalístico partindo de um contexto sócio, histórico e cultural que permeia as condições de produção do discurso; ii) entender de que forma o processo de construção da realidade discursiva se realiza por meio das relações dialógicas; iii) interpretar os possíveis efeitos de sentido constituídos na notícia por meio das seguintes categorias: vozes sociais, o tom apreciativo, o discurso citado e o tema/significação.

A partir da constituição do objeto de pesquisa e dos objetivos propostos para a investigação, iniciamos um percurso metodológico por meio da coleta das notícias publicadas pelos jornais A Gazeta e Público no período de janeiro a dezembro de 2014. A escolha dos respectivos jornais, o primeiro brasileiro e o outro português se deve não só a fatores editoriais como também linguísticos e discursivos, o que será discutido ao longo do texto. O jornal A Gazeta é publicado no Espírito Santo, estado onde residimos,

e o Público foi o periódico a que tivemos acesso no decorrer de nosso estágio sanduíche, realizado entre os meses de abril e dezembro de 2015, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, conforme projetado no início de nosso doutorado.

Escolhidos os periódicos, procedemos à leitura de todo o *corpus* e realizamos um recorte de quatro notícias de cada jornal. Tal procedimento se deve ao fato de que as notícias de violência doméstica contra a mulher eram publicadas com certa frequência, o que nos levou a selecionar oito publicações em que a ocorrência da modalização era mais perceptível, a fim de procedermos à análise e discussão.

Esta tese fundamenta-se teoricamente na análise do discurso de perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2006; 2010a; 2010b; 2011), a partir da concepção de gêneros do discurso por ele apresentada como das categorias que nortearão as análises do *corpus*. Em seguida, visando à compreensão do processo de produção discursiva do gênero notícia, dialogamos com Lage (1981; 1897), Bucci (2003) e Charaudeau (2012), entre outros. Em seguida, apresentamos as colaborações de teóricos que estudaram acerca da Modalização/Modalidade, a partir de Kerbrat-Orecchioni (1986; Cervoni (1989); Castilho & Castilho (1992); Dota (1994); Koch (2004, 2005, 2006); Neves (1996, 2006); e Olano (2006), a fim de fomentar uma discussão acerca das diferentes abordagens teóricas presentes nos estudos linguísticos.

Em decorrência das reflexões construídas ao longo dessas abordagens, depreendemos uma perspectiva de abordagem para o emprego da Modalização, vista como uma estratégia dialógica e discursiva (BAKHTIN, 2006; 2011) que se desvela na relação de alteridade entre os sujeitos envolvidos no processo de interação social, a saber, o produtor da notícia, enquanto sujeito do enunciado, e o seu respectivo leitor.

No primeiro capítulo, apresentamos o processo de constituição do *corpus* da pesquisa, ao esclarecer os procedimentos de sua coleta, leitura e forma de seleção, seguida da respectiva descrição das notícias publicadas no ano de 2014. Também explanamos um breve histórico dos jornais A Gazeta e Público, finalizando com a relevância do trabalho para a área de pesquisa à qual está vinculado.

Já o segundo capítulo traz a contextualização da violência contra mulher por meio de uma reflexão que considera esse tipo de violência como um problema social, mazela de uma sociedade pautada em um fundamento patriarcal e misógino. Nessa linha de pensamento, discorreremos sobre a violência contra a mulher em uma perspectiva

social e histórica, especificando também o cenário da violência doméstica no Brasil e em Portugal.

O terceiro capítulo, destinado à fundamentação teórica, inicia-se com uma reflexão da concepção de gêneros do discurso preconizada por Mikhail Bakhtin (2011) e como estes, ainda que relativamente estáveis, se constituem por meio de enunciados concretos em dada esfera de atividade humana. Nesse percurso, apresentamos o gênero notícia – objeto de análise desta tese – e as suas peculiaridades de constituição discursiva, visando a compreender como esse gênero reflete e refrata a realidade que se constrói no e pelo discurso.

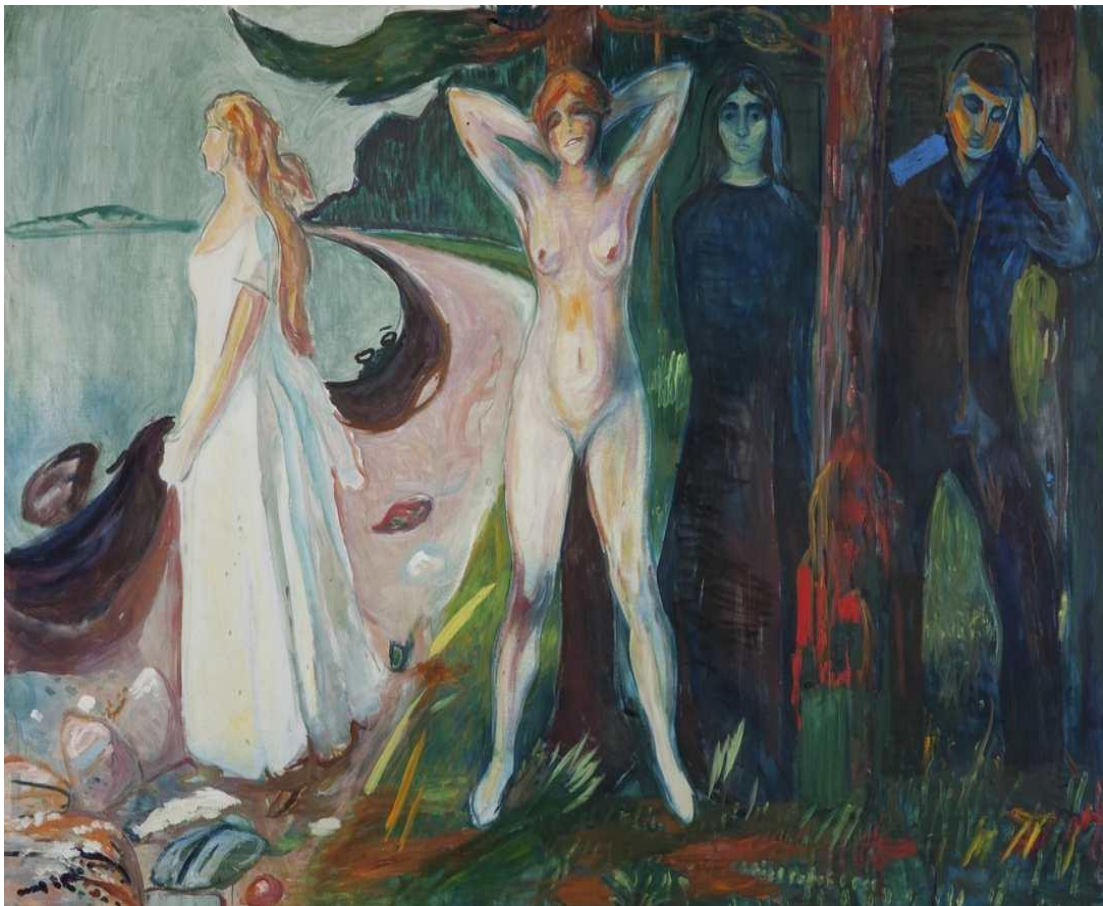
Em seguida, percorremos as significativas contribuições teóricas, difundidas ao longo do tempo pelos estudiosos da linguagem, acerca da modalização, a fim de levar a cabo uma perspectiva da modalização vista como uma estratégia dialógica e discursiva que se manifesta no contexto sócio, histórico e cultural a partir da relação interacional dos sujeitos sociais. Apresentamos, por fim, as categorias de análise visando a esclarecer sobre como elas podem se manifestar e como serão analisadas no texto.

No quarto capítulo, em uma abordagem qualitativa e linguístico-discursiva, debruçamo-nos no *corpus*, a partir da identificação, descrição e análise das ocorrências da modalização nas notícias selecionadas nos jornais A Gazeta e Público, publicadas no ano de 2014, seguida de uma discussão acerca do processo de construção das notícias nos jornais por meio dessa estratégia.

Nas considerações finais, ainda que sem a pretensão de proferir uma última palavra, chegamos à constatação de que a modalização está atrelada a um projeto de dizer no qual o enunciador marca a sua posição com um maior ou menor grau de comprometimento no discurso que produz. Essa estratégia discursiva e também linguística, já que esta é intrínseca àquela, torna-se acima de tudo dialógica na medida em que a inter-relação dos sujeitos sociais – o produtor da notícia enquanto sujeito da enunciação e o leitor enquanto interlocutor desse discurso – se constrói pela compreensão responsiva das marcas de subjetividade permeadas no discurso da notícia.

CAPÍTULO I

A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E A ÁREA DE PESQUISA



(Obra *Mulher*, Edvard Munch, 1925)

Capítulo I

1. A constituição do *corpus* e a área de pesquisa

As notícias de violência doméstica contra a mulher, nos últimos anos, vêm ocupando espaço nos principais meios de comunicação de massa, o que revela a mazela social a que está subjugada as mulheres na sociedade contemporânea, alicerçada ainda sob os princípios de um sistema patriarcal que perdura há séculos. Por outro lado, o aumento de denúncias e as prisões dos agressores apontam um novo comportamento das mulheres, encorajadas a partir das legislações de proteção e assistência às vítimas de violência doméstica.

Diante da atual conjuntura social, os meios de comunicação de massa – em especial a mídia impressa, com o intuito de informar (*fazer saber*¹) os acontecimentos do cotidiano, adotam uma agenda que pode influenciar, direta ou indiretamente, o debate sobre esse problema social e de política pública, uma vez que na tessitura do relato jornalístico o leitor vai tendo acesso ao acontecimento por meio da construção de uma realidade que se dá discursivamente.

Como revela Charaudeau (2012, p. 131-132), “o acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso”. Dessa forma, o fato (ou acontecimento) constitui-se única e exclusivamente pelo/no discurso, ou seja, “não há fato jornalístico sem o relato jornalístico” (BUCCI, 2003, p. 9).

Em relação à produção de notícias de violência doméstica contra a mulher, o modo de construção pode fomentar amplos debates em prol das políticas de enfrentamento da violência, mas também podem torná-las banais e simplórias, quando estas são produzidas apenas como *faits divers* – expressão usada, conforme Barthes (1964), para referir-se a notícias sobre eventos de cunho grotesco, geralmente da ordem do privado. Para Mendes (2003, p.22), os *faits divers* são usados “para nomear notícias que não se enquadram nas editoriais tradicionais do jornalismo, como política, economia, cultura, internacional, etc.”.

¹ Conforme Charaudeau (2012, p. 69), o ‘*fazer saber*’ está atrelado à visada de produção informativa, ou seja, consiste em “querer transmitir um saber a quem se presume não possui-lo”.

Nessa perspectiva, a tese não pretende levantar os fatores sócio-históricos que emergem do problema social – a violência doméstica contra a mulher – presente no relato jornalístico nem propor uma nova arquitetura de construção do gênero notícia, mas, sim, analisar de que maneira a modalização em notícias de violência doméstica contra a mulher pode constituir-se como uma estratégia dialógica e discursiva.

Para tal, descreveremos, a seguir, os procedimentos empreendidos para a constituição do *corpus*, a partir de um processo de seleção dos jornais com os quais trabalharíamos para então selecionarmos os objetos de análise da pesquisa, qual seja, as notícias de violência doméstica contra a mulher. Feita a seleção das notícias, seguimos para o estágio de sua descrição, a fim de compreender a dinâmica com que os jornais publicavam as notícias de violência. Por fim, esclarecemos em qual área de pesquisa está respaldada a nossa tese, a fim de delimitarmos a sua abrangência e a sua relevância.

1.1 A seleção do *corpus*

Para proceder à seleção de notícias de violência doméstica contra a mulher, foi realizada uma pesquisa prévia visando a elencar os jornais que atualmente são publicados no estado do Espírito Santo, que são os jornais A Gazeta, A Tribuna e Notícias Agora.

Com exceção de A Tribuna, os outros dois jornais pertencem a um mesmo veículo de comunicação, quer seja, a Rede Gazeta. Ressaltamos que jornais publicados em outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, também circulam no estado do Espírito Santo, porém, não nos propusemos a traçar o percentual de público desses jornais, uma vez que o objetivo foi selecionar um jornal regional.

Vale destacar que a seleção pautou-se em dois aspectos: o primeiro se justificava com a possibilidade de acesso às instituições jornalísticas que publicam os periódicos, o que tornava o diálogo mais dinâmico em caso de haver questões pertinentes a sua editoria e o processo de construção da notícia; já o outro está relacionado ao público para quem é destinada a notícia.

A partir do acesso aos três jornais publicados e de maior circulação no estado do Espírito Santo, atentou-se à linguagem empregada em cada um deles e a que público eram destinados, a fim de levantar subsídios para caracterizar o discurso marcado em

cada um deles, ou seja, qual dos jornais revelava uma linguagem mais próxima do nível formal em relação a seu coenunciador, e qual apresentava um nível mais popular, com o emprego de uma linguagem mais informal, com aspectos mais “sensacionalista”. O jornal sensacionalista geralmente traz uma construção mais apelativa, visando à adesão do público e, vias de regra, ao alcance do mercado editorial. Podemos traçar para esse tipo de publicação as seguintes características:

- 1- a ênfase em temas criminais ou extraordinários, enfocando preferencialmente o corpo em suas dimensões escatológica e sexual;
- 2- presença de marcas da oralidade na construção do texto, implicando em uma relação de cotidianidade com o leitor;
- 3- a percepção de uma série de marcas sensoriais espalhadas pelo texto como a utilização de verbos e expressões corporais (arma “fumegante”, voz “gélida”, “tremor” de terror etc.), bem como a utilização da prosopopeia como figura de linguagem fundamental para dar vida aos objetos em cena;
- 4- a utilização de estratégias editoriais para evidenciar o apelo sensacional: manchetes “garrafais”, muitas vezes seguidas por subtítulos jocosos ou impactantes; presença constante de ilustrações, como fotos com detalhes do crime ou tragédia, imagens lacrimosas, histórias em quadrinho reconstruindo a história do acontecimento, etc.;
- 5- na construção narrativa, a recorrência de uma estrutura simplificadora e maniqueísta;
- 6- relação entre jornal sensacionalista e seu consumo por camadas de menor poder aquisitivo, que, por diversas razões, seriam manipuladas e acreditariam estar consumindo uma imprensa “popular” (...) quando, no fundo, estariam consumindo um jornalismo comercial feito para vender e alienar. (ENNE, 2007, p. 2-3 apud SELIGMAN; COZER, 2009, p. 5).

Levando-se em consideração as características do sensacionalismo presentes nos jornais populares, nos quais “as aproximações com a língua falada são buscadas intencionalmente e constituem a tônica de seu discurso” (DIAS, 2008, p. 51), optamos em selecionar o jornal *A Gazeta* por não apresentar um estilo de linguagem marcado pelas estratégias sensacionalistas.

Ainda que *A Gazeta* prime, em grande parte, por uma linguagem mais formal, com períodos mais articulados e ausência dos fortes traços da oralidade, não pretendemos aqui estigmatizar a linguagem dos jornais populares em detrimento à dos não populares, mas, sim, levamos em conta os fatores socioculturais que permeiam o público-alvo do jornal.

A seleção de um jornal menos popular, como *A Gazeta*, visa a esclarecer os mecanismos discursivos do qual se apropria o produtor da notícia para construir o seu discurso, em outras palavras, percebemos como a modalização, vista como estratégia linguística e discursiva a serviço da manifestação da subjetividade do enunciador, pode marcar, em menor ou maior grau, a sua posição na construção do enunciado que produz.

Já com o *corpus* selecionado e delimitado para dar cabo às análises, tivemos a oportunidade de participar da seleção para realizar um estágio sanduíche de doutorado no exterior, uma proposta implementada no cronograma de pesquisa logo no primeiro semestre do curso.

Após a avaliação dos projetos inscritos pela banca examinadora, conseguimos a aprovação de nosso projeto de pesquisa no exterior. Tendo cumprido todos os créditos obrigatórios ofertados pelo programa, partimos rumo a Portugal, país escolhido para a execução das atividades programadas.

O estágio sanduíche de doutorado, compreendido entre os meses de abril a dezembro de 2015, foi realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Isabel Ferin Cunha, quem mui simpaticamente nos acolheu na instituição, indicando algumas perspectivas de trabalho que dialogavam com a nossa pesquisa de doutorado.

Diante dessa oportunidade enriquecedora, em todos os sentidos, participamos de inúmeras atividades acadêmicas, tanto das promovidas pela instituição como das de outras instituições portuguesas, como a Universidade do Minho, em Braga, e a Universidade Nova de Lisboa, em Lisboa. Esse contato intercultural ampliou o nosso horizonte de pesquisa, ainda que alguns caminhos tivessem o seu acesso limitado.

A realização desse estágio não só afetou, positivamente, a constituição da pesquisa e a produção escrita desta tese, mas também fortaleceu o processo de desenvolvimento pelo qual estávamos passando como profissional da educação e pesquisador da área de Linguagens.

Como a temática abordada pela tese é a violência doméstica contra a mulher, fomos convidados por algumas instituições, em Coimbra (Portugal) e em Madrid (Espanha), para discutir sobre a questão entre adolescentes, jovens e profissionais da educação, sem contar as comunicações realizadas em seminários e congressos voltados para diversas áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, as Ciências da Informação, Linguística, etc.

A partir das articulações empreendidas logo no início do estágio, estabelecemos um diálogo com a Prof.^a Dr.^a Isabel Ferin Cunha, docente da Universidade de Coimbra e coorientadora naquele momento da pesquisa, a fim de encontrarmos um jornal português que apresentasse uma linha editorial e uma linguagem próximas às do jornal brasileiro e cujo público-alvo também fosse comum ao do Brasil. Após algumas pesquisas de jornais publicados naquele país, foi selecionado o jornal *Público* como objeto de estudo, uma vez que suas características editoriais dialogavam com as do jornal *A Gazeta*.

É evidente que os jornais selecionados não apresentam uma igualdade em sua editoria, dados os inúmeros fatores socioculturais que incidem sobre sua composição editorial, no entanto, percebemos em ambos que os traços marcados pela linguagem empregada se assemelham a um nível mais formal, às vezes até mais purista no jornal português comparado ao do jornal brasileiro. Porém, essas possíveis assimetrias se devem ao processo histórico de evolução da língua portuguesa em cada um desses países, a partir das relações interculturais e das influências estrangeiras.

Para realizar o trabalho de identificação, análise e discussão da modalização presente nas notícias de violência doméstica contra a mulher, publicadas no jornal brasileiro e no jornal português, decidimos coletar as publicações referentes ao período de janeiro a dezembro de 2014.

Após a leitura de todas elas, foram selecionadas quatro notícias de cada jornal, constituindo-se um *corpus* formado por oito notícias ao todo. Como critério de seleção, foram consideradas aquelas cujos traços constitutivos da modalização eram mais evidentes. Cabe-nos esclarecer que, para a análise, será levada em consideração apenas a materialidade linguística, isto é, o texto da notícia, sendo descartadas outras formas de linguagem que porventura estejam na composição da notícia.

1.2 Descrição do *corpus*

O objeto de análise desta tese – o *corpus* – foi compilado a partir das visitas realizadas ao Centro de Documentação (CEDOC) dos jornais *A Gazeta* e *Público*. Na sede do jornal brasileiro, as publicações anteriores são digitalizadas e postas à disposição do pesquisador, por meio de agendamento de visitas. Essas visitas eram

monitoradas por uma jornalista responsável pelo setor, que seguia as nossas orientações de pesquisa.

Ressaltamos, aqui, que as notícias coletadas e selecionadas para leitura foram as que relatavam casos de violência doméstica contra a mulher cujos envolvidos, vítima e agressor, mantinham ou mantiveram relação de conjugalidade, ou seja, o agressor ou era marido, namorado, companheiro ou ex-marido, ex-namorado ou ex-companheiro da vítima. Esse recorte foi necessário para atendermos à proposta da pesquisa, uma vez que havia notícias em que a mulher era vítima de violência de agressores com quem não mantinham ou nunca mantiveram algum contato afetivo.

Para não comprometer a coerência na coleta dos dados, mantivemos o mesmo procedimento no Centro de Documentação e Pesquisa do jornal português. Além disso, pudemos obter informações técnicas com a responsável pelo setor, uma bibliotecária, que nos compartilhou que o jornal reúne em seu banco de dados publicações de outros jornais portugueses a respeito de casos de violência contra a mulher, não só as de âmbito doméstico ou familiar, mas também as de outros casos relatados pela mídia impressa de Portugal.

Segundo a bibliotecária, o CEDOC do jornal Público funciona como uma espécie de arquivo público – ainda que os dados não sejam de livre acesso, sendo necessário o pagamento do material a ser adquirido para a pesquisa. Essa condição de acessibilidade limitada acabou comprometendo a aquisição completa do acervo, uma vez que o custo para a sua obtenção era muito alto.

Outro dado interessante compartilhado pela profissional responsável pelo setor era a parceria que há entre a instituição e a UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) que coordena o Observatório de Mulheres Assassinadas. Os dados estatísticos levantados por essa instituição não-governamental levam em consideração os casos publicizados nos jornais portugueses, ou seja, o índice de violência contra a mulher em Portugal vai oscilar de acordo com os registros de ocorrência realizados pelas mulheres vítimas de alguma agressão, seja física, verbal, psicológica, etc.

Em relação às notícias de violência doméstica contra a mulher publicadas nos jornais *A Gazeta* e *Público*, respectivamente, podemos perceber que houve uma oscilação de publicações voltadas à temática, conforme vemos na tabela abaixo:

Meses do ano – 2014	Jornal A GAZETA	Jornal PÚBLICO
Janeiro	Ø	Ø
Fevereiro	4	1
Março	6	4
Abril	4	5
Maio	4	2
Junho	4	2
Julho	2	4
Agosto	2	3
Setembro	2	2
Outubro	Ø	1
Novembro	2	6
Dezembro	1	5

A oscilação de publicações sobre o assunto “Violência doméstica contra a mulher” foi significativa durante todo o ano, o que nos leva a inferir que um dos fatores proeminentes para tal é a iniciativa das vítimas em registrarem boletins de ocorrência, pois estes acabam sendo as fontes primárias para o trabalho do produtor da notícia.

Destacamos o fato de que no mês de janeiro não houve nenhuma publicação sobre o assunto nos jornais A Gazeta e Público, fato repetido no mês de outubro, porém apenas no jornal brasileiro. Obviamente, essa constatação não significa que não tenha ocorrido algum tipo de violência contra a mulher, no entanto, não chegou a ser noticiado pelos jornais em análise.

No jornal Público, os meses em que se concentrou um número maior de publicação foram: abril (5), novembro (6) e dezembro (5). Já nos meses de fevereiro e outubro houve apenas 1 (uma) publicação, respectivamente. Nos demais meses, houve uma média de 2 a 4 publicações que versavam sobre o assunto da violência doméstica contra a mulher.

Já em A Gazeta, por sua vez, as publicações atingem o número máximo no mês de março (6), seguido pelos meses de fevereiro, abril, maio e junho (4 publicações em cada um deles). Com exceção de janeiro e outubro, em que não houve publicação sobre violência contra a mulher, os demais meses seguem uma média de uma a duas notícias publicadas.

No processo de construção da notícia, nem tudo cabe no espaço do jornal, e noticiar ou não é uma escolha/procedimento ideológico, ou seja, vai depender do jogo

de interesses permeado pelas escolhas realizadas no âmbito do produtor da notícia ou do veículo de comunicação. Tal procedimento incidirá diretamente na seleção dos acontecimentos. Em meio a simultânea ocorrência de tantos fatos, foi necessário elaborar critérios para selecionar quais deles se tornariam notícia.

Lage (1981) afirma que para a construção de uma notícia é necessário selecionar e ordenar dados, o que envolve considerações acerca da importância do acontecimento ou do interesse do veículo de comunicação. Em síntese, o autor chega à conclusão de que “a técnica de produção industrial de notícias estabeleceu critérios de avaliação formal, considerando constatações empíricas, pressupostos ideológicos e fragmentos de conhecimento científico” (LAGE, 1981, p. 60).

Em relação aos dados que revelam o número de casos noticiados de violência doméstica contra a mulher, percebemos o quanto eles podem revelar a dinâmica pela qual a instituição jornalística aborda esse problema social tão recorrente nas pautas de discussão da sociedade contemporânea.

Se considerarmos o que nos diz Gomis (1991, p. 41), para quem “a notícia é a versão jornalística de um fato capaz de ter repercussão”, as notícias de violência doméstica contra a mulher, publicadas pelos jornais, podem constituir-se como uma fonte de leitura, ainda que primária e limitada, que provoque na sociedade uma reflexão sobre os problemas sociais que lhe afligem.

Entretanto, mesmo que traçando um dado estatístico da violência doméstica contra a mulher, por meio das publicações de jornal, estaremos aquém do real número de casos de violência, haja vista que muitas mulheres não se veem seguras o suficiente para registrar queixa contra os seus agressores, o que acaba impossibilitando, inclusive, a rede de acolhimento e atendimento à mulher vítima de violência doméstica.

Por outro lado, com base em algumas notícias coletadas tanto no jornal brasileiro como no português, percebemos em alguns depoimentos concedidos ao produtor da notícia que o relato noticioso transcende à função de informar e acaba, ainda que indiretamente, desempenhando o papel social de esclarecer e orientar às outras mulheres, que sofrem de violência doméstica, a procurarem os serviços de atendimento e proteção, disponibilizados pelos organismos do governo e os não-governamentais.

Nessa perspectiva, a notícia enquanto gênero do discurso torna-se de extrema importância por sua função social, haja vista que pode alcançar o horizonte social de seu destinatário-alvo, o leitor. Conforme declara Gomis (1991, p. 53), “a essência da notícia

é a capacidade de comentário que um fato tenha”, isto é, “se um fato suscita comentários, é notícia; se não os suscita, não é notícia, ainda que chegue a ser impresso”.

Desse modo, a partir dos temas que traz em sua essência, a notícia pode despertar a consciência dos sujeitos sociais – no caso os leitores, em relação aos conflitos eclodidos nas relações de intimidade, possibilitando romper as barreiras do privado e trazendo a questão da violência doméstica para o universo público, coletivo, uma vez que a violência contra a mulher é um problema social que demanda políticas públicas efetivas e eficientes visando à erradicação da misoginia.

1.2.1 O jornal *A Gazeta*: um breve histórico no Brasil

Para a construção do histórico² do jornal *A Gazeta*, levamos em consideração os dados disponibilizados pela instituição jornalística em seu ambiente virtual, além da leitura de alguns informativos, não publicados, sobre a presença da instituição no estado do Espírito Santo.

O jornal *A Gazeta* é o veículo de comunicação mais antigo da Rede Gazeta. Lançado em 11 de setembro de 1928, pelo jornalista Thiers Vellozo, é o único jornal do estado do Espírito Santo que apresenta um configuração *standard*³ dividida em cadernos temáticos e voltada para as classes AB. Ao longo do tempo, a editoria foi se adequando às novidades e passou a produzir suplementos editoriais sobre variados temas, como informática, imóveis, turismo, lazer, veículos, saúde.

O jornal, atualmente com 84 anos no mercado editorial e com uma média de 90 jornalistas e funcionários técnicos e administrativos que dão suporte s sete sucursais da instituição jornalística, é um dos mais antigos jornais em circulação no estado do

² O histórico do jornal foi construído com base nos dados coletados na página eletrônica da instituição jornalística. Disponível em <http://www.redegazeta.com.br/a-empresa/historia/>. Acesso em abril de 2017.

³ Formato geralmente usado pelos jornais de maior circulação nacional, em função do aproveitamento máximo da área de chapa das offset. Nesse formato, a mancha gráfica da página mede 52,5 por 29,7 centímetros. A área total de papel depois de impresso é de 56 por 32 centímetros. Para a confecção, é necessário equipamento de impressão rotativo, disponível em grande editora e parque gráfico de jornais diários e periódicos de grande circulação. O formato Standard assim como o tablóide segue a diagramação modular que mescla a distribuição vertical com a distribuição horizontal das matérias em busca de um layout de página dinâmico e atraente para o leitor. Disponível em <http://diagramacao.blogspot.com.br/2009/12/formatos-de-jornais.html>. Acesso em julho de 2017.

Espírito Santo, além de circular em regiões dos estados de Minas Gerais e Bahia e nas cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.⁴

Segundo dados disponibilizados pela própria empresa, constata-se que a história do jornal A Gazeta foi marcada por grandes desafios, assim como boa parte dos jornais regionais. Somente no início da década de 70, do século XX, conseguiu uma sede e um parque gráfico modernos, naquele época localizados no centro da capital Vitória, à Rua General Osório.

Antes disso, conforme os relatos, atuava em um sobrado, na mesma rua, com apenas uma impressora que produzia um jornal de qualidade muito inferior e tiragem pequena. Mesmo assim era líder de vendas nas bancas da época e, por muitos anos, foi preferência nas assinaturas e anúncios populares.

É importante destacar que o jornal foi criado, a princípio, para fins estritamente comerciais, ou seja, era voltado para a venda de anúncios de imóveis. Na época acontecia uma expansão imobiliária nas áreas mais nobres da capital, por isso, o jornal desempenhava a função de publicizar os interesses dos comerciantes.

Ao longo de sua história, o jornal esteve envolvido em fatos polêmicos tendo servido como órgão de apoio político a grupos conservadores da sociedade capixaba durante muitos anos, sendo orientado por grupos pró-nazistas durante os anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial.

Na época a empresa não pertencia aos atuais detentores de seu controle acionário. Em muitas de suas edições, publicavam matérias e editoriais elogiosos à figura de Hitler e seu partido político, o Nacional Socialista, e apoiava as principais figuras locais representantes do nazi-fascismo, e que em nível nacional associavam ao Partido Integralista de Plínio Salgado.

Em dado momento, o controle acionário foi adquirido pela família Lindenberg (registra-se o fato de o jornal antes disso era opositor à linha política adotada pelos Lindenberg), e durante o período da ditadura militar (1964-1985) apoiou ativamente o regime, sendo confundida com um órgão oficial da Arena, partido político do regime militar e também do ex-governador e ex-senador Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, os dos seus maiores acionistas.

⁴ É evidente que há, em outros estados como São Paulo, jornais com um tempo de publicação e circulação bem mais expressivo, por exemplo, os jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo.

Segundo consta nos dados institucionais, por coincidência, esse período marcou o crescimento econômico da empresa, como também de outras instituições no Brasil que se aliaram à ditadura no esforço de garantirem a sua legitimação, o que não aconteceu.

Durante esse período alvoroçado da história brasileira, o jornal A Gazeta, que nesse momento já havia se tornado Rede Gazeta, como TV filiada à Rede Globo e rádios, adotou uma linha editorial mais paralela à arena política, embora até hoje não tenha se desvinculado totalmente dos aspectos políticos do estado.

Mais adiante, em 1999, foi inaugurado o chamado Parque Gráfico, um investimento em torno de 15 milhões de dólares, o maior já realizado pela empresa, a fim de comportar a impressora *Newsliner*, de fabricação norte-americana, cuja capacidade de produção é 3,5 vezes maior à que eles possuíam, podendo rodar até 70 mil exemplares/hora de cadernos com no máximo 24 páginas coloridas, reduzindo assim as perdas financeiras com manutenção.

Já em 2007, o jornal ganha um novo *layout*, com os seus cadernos em uma formato mais interativo, aproximando-se ao meio digital. Este investimento na qualidade da editoria reflete ainda na referencia que o jornal tem nos mais contextos da sociedade capixaba.

1.2.2 O jornal *Público*: um breve histórico em Portugal

Há 27 anos, desde a sua primeira publicação, o Público vem se consolidando no mercado editorial português como um jornal de referência. O objetivo de seus responsáveis, já na sua concepção, era torná-lo cada vez melhor. O início do jornal aconteceu quando um grupo de jornalistas – todos do jornal Expresso – decidiu lançar um jornal sério e exigente, sem as marcas do estereótipo de um tablóide⁵.

⁵ Este formato é resultado da divisão do formato standard em duas partes, ou seja é a metade do formato. Cada página possui uma mancha gráfica de 26,5 centímetros horizontais por 29,7 centímetros verticais, embora, encontrarmos algumas variações de formato como: 28 X 38 cm, 29 x 40 cm O papel total de duas páginas impressas é de 56 por 32 centímetros, o mesmo que uma única página standard impressa. O formato assume um aspecto cômodo, inclusive para encartes especiais ou cadernos suplementares de um formato standard, pelo encaixe perfeito entre os cadernos principais do jornal. Disponível em <http://diagramacao.blogspot.com.br/2009/12/formatos-de-jornais.html>. Acesso em julho de 2017.

Após esses jornalistas entrarem em contato com a SONAE – empresa que desenvolve softwares para as áreas de mídia e comunicação, começaram as atividades de produção do jornal que, num primeiro momento, foram frustradas devido a problemas técnicos. Aos cinco dias do mês de março de 1990 foi publicado o primeiro número do jornal Público, tendo a adesão de leitores superada às expectativas de seus produtores.

Desde a data de sua primeira publicação até os dias de hoje, segundo o atual presidente do Conselho de Administração, o Sr. Ângelo Paupério, o jornal Público vem buscando cumprir a sua missão de informar com rigor e isenção.

Segundo o Dossiê do Jornal Público⁶, desenvolvido pelas estudantes de jornalismo, Joana Vieira e Dina Monteiro, “a empresa editora do Público adota um modelo institucional inédito na imprensa que se traduz na existência de um Conselho Geral e de uma Direção”.

O jornal tem uma grande preocupação com relação às impressões que o seu público-leitor tem dele, uma vez que logo na sua constituição buscou compartilhar o seu próprio estatuto, a fim de esclarecer as suas principais intenções na produção da informação.

Sendo assim, decidimos apresentar o referido estatuto, a fim de perceber as marcas de identidade da linha editorial da instituição jornalística, o que conseqüentemente poderá incidir na produção da construção da realidade, ou seja, a notícia construída pelos jornalistas deverá levar em conta as concepções que norteiam não só a sua produção bem como atender aos aspectos ideológicos inerentes ao veículo de comunicação.

ESTATUTO EDITORIAL DO PÚBLICO

PÚBLICO é um projecto de informação em sintonia com o processo de mudanças tecnológicas e de civilização no espaço público contemporâneo.

PÚBLICO é um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica.

⁶ A publicação aborda os princípios de base para constituição desse órgão de comunicação social, além de das mudanças pelas quais eles passou e qual é o lugar por ele ocupado no mundo da comunicação. Disponível em https://comunicamos.files.wordpress.com/2008/03/ocs_publico.pdf. Acesso em abril de 2017.

PÚBLICO inscreve-se numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa.

PÚBLICO aposta numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de actividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural.

PÚBLICO entende que as novas possibilidades técnicas de informação implicam um jornalismo eficaz, atractivo e imaginativo na sua permanente comunicação com os leitores.

PÚBLICO estabelece as suas opções editoriais sem hierarquias prévias entre os diversos sectores de actividade, numa constante disponibilidade para o estímulo dos acontecimentos e situações que, quotidianamente, são noticiados e comentados.

PÚBLICO considera que a existência de uma opinião pública informada, activa e interveniente é condição fundamental da democracia e da dinâmica de uma sociedade aberta, que não fixa fronteiras regionais, nacionais e culturais aos movimentos de comunicação e opinião.

PÚBLICO participa no debate das grandes questões que se colocam à sociedade portuguesa na perspectiva da construção do espaço europeu e de um novo quadro internacional de relações.

PÚBLICO é responsável apenas perante os leitores, numa relação rigorosa e transparente, autónoma do poder político e independente de poderes particulares.

PÚBLICO reconhece como seu único limite o espaço privado dos cidadãos e tem como limiar de existência a sua credibilidade pública.

Fonte: Disponível em <http://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>. Acesso em julho de 2017.

Como podemos constatar, o Estatuto Editorial do Público apresenta marcas linguísticas e discursivas que revelam a visão da instituição jornalística dentro do cenário editorial da informação. Ao construir os enunciados na ordem direta e por meio do uso de verbos na voz ativa, o jornal parece assumir um compromisso com o seu público-alvo, responsabilizando-se em promover um conteúdo alinhado às perspectivas contemporâneas de produção de informação.

Além disso, ao declarar que “inscreve-se numa tradição europeia de jornalismo”, revela não só a ideia de pertencimento sócio-histórico e cultural mas também a do comprometimento em manter a lisura e a imparcialidade em suas notícias.

Aliado ao projeto de constituir-se como um veículo de comunicação cujas ações estejam pautadas na ética e na observância e apuração dos fatos, “sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e econômica”, a instituição acaba construindo os seus aspectos ideológicos, tendo como premissa empenhar-se a atender às expectativas de um “público plural”, por meio do envolvimento em questões sociais

voltadas que garantam à sociedade portuguesa uma maior capacidade de integração social e expansão das relações interculturais.

Ainda que audacioso, o estatuto editorial do jornal português marca a sua posição como instituição jornalística no contexto social, histórico, político, econômico e cultural de Portugal, à medida que vai se constituindo como um aliado dos cidadãos portugueses, comprometendo-se a estabelecer uma “permanente comunicação com os leitores”, promovendo condições de exercício da cidadania em prol da democracia, sem, é claro, adentrar “o espaço privado dos cidadãos”, a fim de não macular a sua credibilidade diante de seus leitores.

Ressalta-se também que o jornal Público, buscando primar pela simplicidade e ao mesmo tempo inovação em seu lançamento, teve por objetivo despertar a curiosidade do leitor, captar a sua atenção e, não menos importante, alcançar a sua fidelização.

As características gráficas do jornal levaram onze anos para serem atualizadas, uma vez que, devido ao surgimento da internet, a presença de um público mais exigente e a necessidade de mudança e adaptação à nova realidade permitiram uma reformulação efetiva em seu projeto editorial. Ainda sofrendo uma significativa mudança, o jornal conseguiu manter a sua essência, buscando informar o leitor de uma maneira simples, com rigor, isenção e exigência, conforme declaram os seus diretores.

Nesse processo de reconfiguração do jornal, segundo a direção editorial, a linguagem do jornal também foi atingida, mas positivamente, tornando a leitura mais clara, acessível e mais aprazível. O jornal, mais adiante, sofreu outras alterações com o intuito de se tornar mais simples, facilmente reconhecível pelo leitor, como afirma David Dinis, diretor editorial do jornal Público.

Todas essas transformações ocorreram pelo fato de o jornal atender às novas configurações do mercado editorial, adaptando-se à realidade por meio do uso de uma tecnologia mais eficiente, que primasse por inovação, sem deixar de lado o seu principal objetivo que é permitir aos leitores uma fácil leitura, tornando-a agradável e principalmente singular.

O jornal, em termos de público-alvo, diferente do jornal brasileiro, não assume especificamente a que público-leitor se destina. Porém, ainda que buscando assumir-se como um jornal acessível a um público heterogêneo, percebemos por meio de sua linha editorial e linguagem empregada uma consonância com o público do jornal brasileiro. Isso significa que não são todos os leitores de todas as classes sociais que conseguem

acessar às peculiaridades do jornal português, haja vista que para apreender as informações nele publicadas requer do leitor um repertório mais apurado, tanto no que tange aos aspectos linguístico-discursivos quanto aos do conteúdo.

O início da trajetória do jornal Público se dá entre os meses de junho e meados de setembro. Em pleno verão europeu de 1988, um grupo de jornalistas, todos do jornal Expresso, começam a discutir a possibilidade de lançar um diário em Portugal que tivesse o nível de exigência e qualidade dos grandes diários europeus de referência. Realizam-se os primeiros contatos entre esse grupo de jornalistas e a Sonae.

No mês de dezembro, no mesmo ano, chega-se à conclusão do primeiro número zero, na altura essencialmente um conceito editorial e um conceito gráfico, desenvolvido por Henrique Cayatte, que de imediato suscita o entusiasmo. É decidido avançar para a realização de estudos de mercado e de viabilidade económica.

Já nos meses de março e abril do ano subsequente, é tomada a decisão de avançar com o projeto. O presidente do grupo Sonae, Belmiro de Azevedo, e o primeiro diretor do PÚBLICO, Vicente Jorge Silva, dão uma conferência de imprensa, no Grémio Literário, em Lisboa, onde apresentam a “Magna Carta” do jornal, cujo conteúdo diz que:

PÚBLICO é o lugar de encontro entre um grupo de jornalistas e um grupo empresarial, a SONAE, tendo em vista um objetivo comum: a criação em Portugal de um jornal diário que, através de uma aposta inovadora no plano editorial e tecnológico, reúna as energias necessárias para responder ao desafio de uma informação moderna e de qualidade no espaço europeu. (VIEIRA, J.; MONTEIRO, D. Dossiê do Jornal Público. Lisboa: Comunicamos.wordpress, 2008, p. 21)

Em setembro de 1989, o jornal instala-se na Quinta do Lambert, em Lisboa, e na rua Nossa Senhora de Fátima, no Porto. Começa a construção da primeira redação portuguesa totalmente informatizada. A primeira data para a saída do jornal foi dia 02 de janeiro de 1990, porém, o lançamento da primeira publicação foi abortado devido a problemas técnicos insuperáveis. Durante mais dois meses a redação realizará sucessivos números experimentais, simulando situações reais.

Somente em cinco de março de 1990, o primeiro número do jornal foi finalmente publicado e posto para circulação. Na capa, a sucessão de Álvaro Cunhal no PCP e um jogo entre o Sporting e o Porto. A tiragem desse primeiro número foi superior a 100 mil exemplares.

Conforme os dados apresentados, em 2015, pela jornalista Cláudia Bancalero no site do jornal Público⁷,

entre os cinco jornais generalistas nacionais, o PÚBLICO foi o único a subir o número de vendas na circulação paga, entre as edições em papel e digital, entre 2013 e 2014, registando um crescimento de 7,2%. O jornal continua a liderar entre os cinco nas assinaturas *online*, tendo no espaço de um ano quase duplicado os subscritores. As vendas em banca continuam a ser encabeçadas pelo *Correio da Manhã*.

Segundo os dados da Associação Portuguesa de Controlo de Tiragens (APCT)⁸, o PÚBLICO foi o único título que ganhou em circulação paga em relação ao período homólogo, com uma média de 29.965 exemplares vendidos por dia. Se, por um lado, o diário do grupo Sonae perdeu em banca, recuando 10,9% para 15.875 exemplares diários vendidos, por outro liderou com uma quota de mercado de 45% em 2014, com 8313 assinaturas digitais, uma subida de 94,4% nas vendas *online* em relação a 2013.

A diretora do jornal Público, Bárbara Reis, em reação aos altos índices de crescimento apontados pela APCT, declarou que o trabalho deve ser constante e coletivo, “estamos particularmente contentes porque a nossa tendência é de crescimento. [...] o PÚBLICO já tem 17 mil assinantes digitais [...]. Estes números mostram que os leitores já reconhecem que vale a pena pagar o jornalismo de qualidade no *online*”.

Nesse breve histórico do jornal português, percebemos como a instituição jornalística busca, por meio de suas reformulações editoriais, alinhar-se às mudanças apontadas pelo mercado editorial, dinamizando o seu modo de produção da notícia, levando-se em consideração a instância de recepção, no caso, o seu público leitor.

1.3 A área de pesquisa

A presente tese está vinculada à área de pesquisa de Língua Portuguesa/Linguística, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dentro da linha de pesquisa

⁷ Disponível em <https://www.publico.pt/2015/02/26/sociedade/noticia/publico-foi-o-unico-generalista-a-subir-vendas-1687435>. Acesso em julho de 2017.

⁸ Disponível em http://www.apct.pt/Analise_simples.php. Acesso em julho 2017.

denominada Texto e discurso nas modalidades oral e escrita. O seu principal objetivo é analisar de que maneira a modalização em notícias de violência doméstica contra a mulher pode constituir-se como uma estratégia dialógica e discursiva.

Partimos do estudo do gênero do discurso que se constitui a partir das práticas sociais de interação entre sujeitos pela linguagem, tendo a concepção de Bakhtin (2006; 2011) como referência, além dos estudos voltados ao gênero notícia, à modalização e por fim, às categorias de análise por meio das quais embasaremos a discussão. Sendo assim, o objeto de estudo, visto como um fenômeno que emerge de uma prática linguageira, é analisado à luz das relações dialógicas, ou seja, consideramos que nenhum enunciado concreto constitui-se uniliteralmente, ele é sempre fruto das relações dialógicas engendradas pelos sujeitos sociais em contextos de interação.

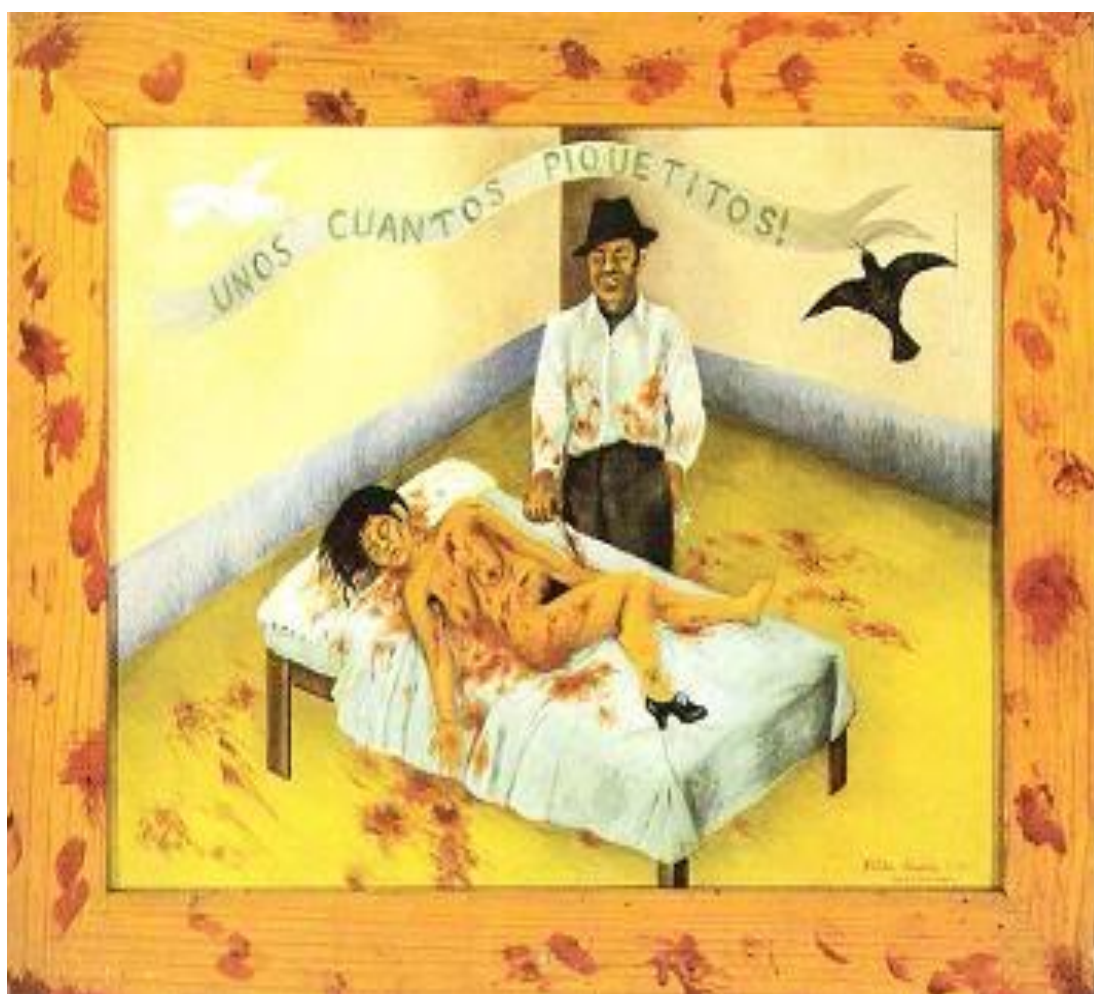
Ao analisarmos o gênero notícia como uma construção da realidade materializada discursivamente, não podemos descartar o dialogismo instaurado nesse processo, haja vista que “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2011, 271). Na perspectiva bakhtiniana, o homem é um ser de resposta, constituído na constante relação dialógica fundida com o outro, a partir de uma prática de alteridade.

Consequentemente, o produtor da notícia, enquanto sujeito do enunciado, deverá levar em consideração o outro, o sujeito para quem ele projeta o seu discurso. Este, por sua vez, também participa desse processo de construção discursiva, uma vez que “um enunciado solicita uma resposta, resposta que ainda não existe. Ele espera sempre uma compreensão responsiva ativa, constrói-se para uma resposta, seja ela uma concordância ou uma refutação” (FIORIN, 2016, p. 36)

Por fim, a modalização, vista como estratégia dialógica e discursiva, vai estar atrelada não só às relações dialógicas entre os sujeitos sociais, mas também, e principalmente, ao tom apreciativo que permeia a construção do discurso, ou seja, faz-se necessário que no processo de produção e no processo de recepção sejam captadas as marcas que revelam, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, a posição do enunciador diante do seu discurso, e a capacidade de seu interlocutor interpretar, por meio de seu repertório sócio-histórico-cultural, a intencionalidade discursiva, principalmente ao identificar as vozes sociais que ecoam desse discurso jornalístico.

CAPÍTULO II

CONTEXTUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER



(Obra *Unos cuantos piquetitos*, Frida Kahlo, 1935)

CAPÍTULO II

2. Contextualizando a violência contra a mulher

Neste capítulo traçaremos um percurso sócio-histórico da violência praticada contra a mulher que, subjugada por uma cultura patriarcal, foi (e continua sendo) deslegitimada de seu papel de cidadã, plena de direitos e de liberdade. Essa prática machista relegava-a exclusivamente aos afazeres do lar e aos cuidados à família, configurando também um ato de violência⁹. Essa violência, praticada em sua maioria nos lares, ficou restrita ao domínio privado por muito tempo, o que corroborou para a sua institucionalização e, por que não, sua banalização. A partir de ações afirmativas de enfrentamento à violência doméstica contra a mulher, percebemos o quanto evoluímos e o que necessitamos ainda fazer para descortinar um futuro com mais equidade de direitos entre homens e mulheres.

2.1 A violência contra a mulher vista como problema social

A violência doméstica contra a mulher, ao longo da história da humanidade, nem sempre foi concebida como violência, no entanto, na sociedade contemporânea, configura-se um dilema social e dramático que aflige meninas e mulheres em todo o mundo. Independentemente dos diferentes fatores, sejam eles culturais, de idade, classe social e de etnia, a violência acarreta efeitos negativos não só na saúde física e mental das vítimas, mas também para toda a sociedade.

Acentuados por uma expressão fundada no contexto popular – quiçá universal –, a qual diz que “*em briga de marido e mulher não se mete a colher*”, os atos de violência nas relações conjugais ficaram por muito tempo restritos ao interior dos lares, revelando uma convenção falaciosa de que não se podia legislar sobre o domínio privado, com o propósito de regular comportamentos considerados desviantes, o que, na verdade, sempre foi um problema nitidamente social.

⁹ Segundo Michaud (1989, p. 10-11), “há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja na sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”.

Conforme aponta Soares (1999, p. 23),

só muito recentemente, e ainda assim apenas em alguns países, a violência doméstica passou a ser reconhecida e considerada como um problema social que merece ser enfrentado e combatido. A visão tradicional da família como santuário sagrado, “célula-mãe da sociedade”, “base do edifício social”, acabou gerando uma barreira de proteção contra um fato um tanto desconcertante e, para muitos, ainda hoje inaceitável.

Percebe-se que o discurso religioso encontra-se fortemente marcado, não como causa de manutenção da violência, mas, sim, pelo fato de o matrimônio ser um sacramento instituído pela Igreja, contribuindo para uma certa divinização das relações de conjugalidade, o que teoricamente afastaria quaisquer atitudes nutridas pela raiva, ódio e ciúmes, sentimentos que permeiam os atos de violência doméstica nas relações afetivas entre a mulher e seu cônjuge.

Nas culturas em que a religião exerce uma grande influência no comportamento das pessoas, orientando-as quanto aos papéis sociais que o homem e a mulher devem assumir na sociedade, como também que atitudes autenticam a figura da mulher, a partir de uma atitude de subserviência pautada em uma ideologia baseada no patriarcalismo, tudo isso representa as inúmeras formas de violência praticada contra a mulher.

Para Sullivan et al. (1980, p. 10), “há um problema social quando um grupo de influência é consciente de uma condição social que afeta os seus valores, e que pode ser resolvida mediante uma ação coletiva” [tradução nossa]¹⁰. Nessa linha de pensamento, todo e qualquer comportamento que contraria as “normas” do grupo acaba sendo rechaçado, e a pessoa que não obedece às prescrições estabelecidas pelo grupo são fadadas à exclusão social e, em algumas culturas, condenadas à morte.

É fato que, ao discutirmos a violência contra a mulher, muitos digam que em cada país, em cada cultura, em cada grupo social, os estatutos de controle social devem ser respeitados. Porém, acima de qualquer estatuto, de qualquer convenção social, de quaisquer regras construídas sob uma postura machista, prevalece o direito à liberdade, o direito à vida, ou melhor, o direito de decidir sobre o que se quer fazer de sua própria vida. Dessa forma, acreditamos que nenhum traço cultural deva estar acima dos direitos humanos.

¹⁰ “existe un problema social cuando un grupo de influencia es consciente de una condición social que afecta sus valores, y que puede ser remediada mediante una acción colectiva”.

Segundo Bosch e Pérez (2000, p. 9), os pesquisadores especificam alguns elementos que sustentam o conceito por eles apresentados, tais como:

- a) para que uma condição seja definida como um problema social é necessário que um grupo de influência a considere como injusta, ou seja, o grupo deve ter um impacto significativo dentro do debate público ou na política social a nível de um coletivo majoritário; b) um problema social só existe se houver consciência de que determinada condição indesejável que se denuncia é efetivamente um problema. c) a condição indesejável deve afetar negativamente os valores do grupo; e d) para considerar o problema como social deve-se possibilitar a resolução desse problema por meio de uma ação coletiva, uma vez que toda ação social que não seja remediada mediante uma ação coletiva pode divergir com os próprios valores coletivos, mas não por isso chegar a ser um problema social [tradução nossa]¹¹.

Para fins de ilustração do impacto da violência contra a mulher no contexto social, histórico e econômico, recorremos ao do Portal Violência contra a Mulher¹², no qual encontramos informações muito pertinentes sobre esse problema social, a partir de dados levantados por importantes instituições internacionais, tais como o Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, os quais descrevem:

- Um em cada 5 dias de falta ao trabalho no mundo é causado pela violência sofrida pelas mulheres dentro de suas casas.
- A cada 5 anos, a mulher perde 1 ano de vida saudável se ela sofre violência doméstica.
- O estupro e a violência doméstica são causas importantes de incapacidade e morte de mulheres em idade produtiva.
- Na América Latina e Caribe, a violência doméstica atinge entre 25% a 50% das mulheres.

¹¹ a) para que una condición sea definida como problema social debe ser considerada como injusta por un grupo, y dicho grupo debe tener influencia social, es decir, debe tener un impacto significativo dentro del debate público o en la política social a nivel de un colectivo mayoritario; b) sólo se considera la existencia de un problema social si existe conciencia de que la condición indeseable que se denuncia es efectivamente un problema; c) esa condición debe afectar negativamente los valores; y d) para considerar el problema como social debe darse la posibilidad de que el problema sea remediado por la acción colectiva ya que toda acción social que no sea solucionable mediante una acción colectiva puede ir en contra de los propios valores colectivos, pero no por eso llegar a ser un problema social

¹² Disponível em <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/links/portal-da-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em julho 2017.

- Uma mulher que sofre violência doméstica geralmente ganha menos do que aquela que não vive em situação de violência.
- No Canadá, um estudo estimou que os custos da violência contra as mulheres superam 1 bilhão de dólares canadenses por ano em serviços, incluindo polícia, sistema de justiça criminal, aconselhamento e capacitação.
- Nos Estados Unidos, um levantamento estimou o custo com a violência contra as mulheres entre US\$ 5 bilhões e US\$ 10 bilhões ao ano.
- Segundo o Banco Mundial, nos países em desenvolvimento, estima-se que entre 5% a 16% de anos de vida saudável são perdidos pelas mulheres em idade reprodutiva como resultado da violência doméstica.
- Um estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento estimou que o custo total da violência doméstica oscila entre 1,6% e 2% do PIB de um país.

Considerando-se as informações elencadas e disponibilizadas, constatamos que a violência doméstica contra a mulher, vista como um problema social que afeta o coletivo, torna-se uma pauta urgente de discussão em todas as esferas da atividade humana, em especial nas mídias, espaço em que vemos refletida e refratada, nas práticas sociais de interação, muitos fatores que podem erradicar ou, infelizmente, fomentar atos de violência contra a mulher.

A sensibilização da sociedade civil que exige a implementação de mais políticas públicas voltadas às mulheres vítimas de violência, perpassando pela assistência social até a constituição de uma legislação específica que as resguarde de seus direitos civis e promova a restituição de sua dignidade por meio do empoderamento feminino, pode induzir a construção de uma nova consciência humana e social, capaz de promover a pessoa humana seja qual for a sua identidade de gênero.

2.2 A violência contra a mulher numa perspectiva social e histórica

Historicamente, a mulher sofreu graves violações em seus direitos elementares, como o direito à vida, à liberdade e a fazer de seu corpo o que lhe aprouver. Esses atos de violência, em uma perspectiva cultural, estão sacralizados nas diferentes esferas de

atividade humana, manifestando-se explícita ou implicitamente nos comportamentos dos sujeitos sociais.

Nas antigas sociedades, a mulher era submissa ao homem e servi-lo era a sua obrigação. Além disso, ela era usada como objeto para a procriação, sendo muitas vezes comparada a um animal – a fêmea – deslegitimando a sua condição plena de ser humano.

Há mais de dois milénios, sedimentou-se uma construção ideológica de superioridade do homem sobre a mulher. Na sociedade grega, ela era tida como criatura subumana, menosprezada moral e socialmente, uma vez que

[...] o homem era polígamo e o soberano inquestionável na sociedade patriarcal, a qual pode ser descrita como o ‘clube masculino mais exclusivista de todos os tempos’. Não apenas gozava de todos os direitos civis e políticos, como também tinha poder absoluto sobre a mulher (VRISSIMTZIS, 2002, p. 38).

De acordo com Pinafi (2007), havia uma crença, que perdurou por muitos séculos, de que a mulher era um homem invertido, um ser menor, como se encontra exemplificado na passagem em que Laqueur (2001, p. 68) comenta a visão de Aristóteles:

O *kurios*, a força do esperma para gerar uma nova vida, era o aspecto corpóreo microcósmico da força deliberativa do cidadão, do seu poder racional superior e do seu direito de governar. O esperma, em outras palavras, era como que a essência do cidadão. Por outro lado, Aristóteles usava o adjetivo *akuros* para descrever a falta de autoridade política, ou legitimidade, e a falta de capacidade biológica, incapacidade que para ele definia a mulher. Ela era, como o menino, em termos políticos e biológicos, uma versão impotente do homem, um *arren agonos*.

Em meados do Império Romano, no séc. I d.C, foram lançadas as raízes ideológicas para a subordinação das mulheres no mundo ocidental, aliando a filosofia de Platão ao dogma teológico hebraico. Na Idade Média, a mulher desempenhava apenas o papel de mãe e esposa. O modelo de sexo único manteve-se por muito tempo, haja vista que o homem – nascido com o sexo biológico masculino – era o protagonista e construtor do conhecimento humano. A mulher, dentro dessa perspectiva androcêntrica, representava um categoria vazia.

Já na última década do século XVIII, período em que se configurou a presença de diferenças anatômicas e fisiológicas, constatáveis nos âmbitos político, econômico e cultural do homem, é que o paradigma de sexo único foi repensado, explica Pinafi (2007). Essa nova concepção inicia-se a partir da Revolução Francesa (1789), na medida em que as mulheres começam a participar ativamente do processo revolucionário ao lado dos homens, acreditando que os ideais de igualdade, fraternidade e liberdade seriam ampliados a elas.

Porém, ao perceberem que a equidade de direitos não alcançariam ao sexo feminino, algumas mulheres mobilizaram-se a fim de reivindicar pelos ideais nos quais acreditavam. Destaca-se, nesse período, a jovem francesa Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze, dramaturga, ativista política e feminista, em cuja obra *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, publicada em 1791, opõe-se ao patriarcado da época, ao questionar o modo pelo qual a relação homem-mulher se constituía. Por ironia do destino, foi vítima da violência contra a mulher – condenada à guilhotina, por causa de seus escritos e atitudes vanguardistas.

Na referida obra, a feminista (apud ALVES & PITANGUY, 1985, p. 33-34) levanta a seguinte questão:

Diga-me, quem te deu o direito soberano de oprimir o meu sexo? [...] Ele quer comandar como déspota sobre um sexo que recebeu todas as faculdades intelectuais. [...] Esta Revolução só se realizará quando todas as mulheres tiverem consciência do seu destino deplorável e dos direitos que elas perderam na sociedade.

De fato Olympe de Gouges confronta o pensamento em voga, haja vista que provoca nas mulheres de seu tempo um reflexão sobre a real e efetiva participação delas na sociedade da época, convocando-as à luta pela igualdade de direitos políticos e legais.

No século XIX, a concretização do sistema capitalista acarretou profundas mudanças na sociedade contemporânea, levando um grande contingente de mulheres às fábricas, o que ressignificou o trabalho feminino. A mulher, conseqüentemente, sai do espaço privado, cultural e historicamente reservado a ela, e vai para a esfera pública. Nesse contexto, promovem-se as articulações a partir das quais emergirá oficialmente o movimento feminista.

Grosso modo, pode-se dizer que ele [o movimento feminista] corresponde à preocupação de eliminar as discriminações sociais, econômicas, políticas e culturais de que a mulher é vítima. Não seria equivocado afirmar que feminismo é um conjunto de noções que define a relação entre os sexos como uma relação de assimetria, construída social e culturalmente, e na qual o feminismo é o lugar e o atributo da inferioridade. (GREGORI, 1992, p. 15).

As feministas, questionando a construção social da diferença entre os sexos, possibilitaram – e possibilitam até hoje – caminhos para a discussão do binômio dominação-exploração construído ao longo dos tempos.

Nas primeiras décadas do século XX, segundo a historiadora Mary Del Priore (2001), o proletariado era em grande parte formado por mulheres, representando 67,62% da mão-de-obra. As mulheres negras seguiram trabalhando em setores de pouca qualificação e com remuneração baixíssima.

Nos anos 70, com o engajamento das mulheres em grupos comunitários, “a participação em comissões jurídicas e políticas” ficou mais efetiva, o que lhes possibilitou ampliar e melhorar suas condições de vida nas grandes cidades.

No Brasil, “elas participaram também do processo de elaboração da Constituição de 1988, quando vários direitos relativos à vida e ao trabalho feminino foram definidos e melhorados” (DEL PRIORE, 2001, p. 87).

Em âmbito geral, segundo a autora,

[...] as mulheres vêm obtendo progressivamente uma igualdade de reconhecimento, se não de direitos com os homens. A conquista da autonomia profissional, a evolução dos modelos familiares e o controle da procriação transformaram sua imagem e situação social. A presença feminina afirmou-se notadamente no mundo do trabalho e, desde os anos 1980, o crescimento da população ativa deve muito às mulheres; tudo indica que essa progressão se conserva apesar do desemprego. Estudos demonstram, contudo, a persistência de profundas desigualdades entre os dois sexos: desigualdade econômica, política ou de acesso aos postos de poder (DEL PRIORE, 2001, p. 87).

É inegável que a mulher tenha conseguido ascender em todos os aspectos de sua vida – seja no social, econômico, profissional, cultural etc., no entanto, deparamo-nos em pleno século XXI com situações de subjugação da mulher pelo homem. É como se estivesse enraizado, ainda, o paradigma androcêntrico, ou seja, o homem mantém a velha ilusão de que exerce algum poder sobre a mulher. Esse cenário, sustentado pela visão machista, é revelado nos constantes casos de violência contra a mulher.

A violência – seja física, verbal, moral, psicológica, simbólica etc. –, por sua vez, tem estreita relação com as categorias de gênero, classe social e raça/etnia e suas relações de poder. Essas relações estão permeadas por uma ordem patriarcal ainda presente na sociedade contemporânea, que outorga aos homens o direito a dominar e controlar suas mulheres, podendo em certos casos atingir os limites da violência. Na visão de Del Priore (1994),

[...] o território feminino na história não é um lugar sereno, onde a mulher se locomove sem riscos, e onde o confronto e o conflito não imprimem suas marcas. A história da mulher é, antes de tudo, uma história de complementariedades sexuais, onde se interpenetram práticas sociais, discursos, representações do universo feminino como uma trama, intriga e teia (DEL PRIORE, 1994, p. 13).

A história nos relata que a violência doméstica tem suas raízes alicerçadas em uma suposta definição do papel da mulher no âmbito familiar e, conseqüentemente, social, que visa a resguardar o homem de qualquer situação que lhe traga inquietação, garantindo-se assim o poder masculino em uma sociedade patriarcal, cujos valores perduram nas gerações posteriores, ainda que haja uma significativa discussão acerca do tema.

Embora exista uma mobilização mundial no sentido de combater a violência de gênero, o problema encontra-se longe de ser erradicado, conforme o Relatório Mundial sobre Saúde e Violência da Organização Mundial de Saúde, publicado em 2002. Buscando categorizar as formas de violência numa relação de conjugalidade (marido, namorado, companheiro, ou ex-marido, ex-namorado ou ex-companheiro), o relatório esclarece que “refere-se a qualquer comportamento que cause danos físico, psicológico ou sexual àqueles que fazem parte da relação íntima” (OMS, 2002, p. 91).

Esse comportamento inclui:

- Atos de agressão física – tais como estapear, socar, chutar e surrar [e matar];
- Abuso psicológico – tais como intimidação, constante desvalorização e humilhação;
- Relações sexuais forçadas e outras formas de coação sexual;
- Vários comportamentos controladores – tais como isolar a pessoa de sua família e amigos, monitorar seus movimentos e restringir seu acesso às informações ou à assistência” (OMS, 2002, p. 91).

A violência praticada contra a mulher expõe as atrocidades de um tempo – passado e também presente – marcado por constantes lutas de gênero, nas quais a equiparação de direitos frequentemente fez-se (e ainda se faz) pauta de reivindicação nos âmbitos social, histórico, econômico e cultural, nos quais as relações sociais de poder são bem marcadas.

Torreblanca (2014, p. 2) vem corroborar a discussão ao dizer que

os efeitos de uma cultura patriarcal dominada por homens são tão demolidores que dá a impressão de que se trava no mundo uma guerra (invisível, porém guerra) de homens contra mulheres. Segundo as Nações Unidas, 70% das mulheres experimentaram alguma forma de violência ao longo de sua vida, sendo uma em cada cinco do tipo sexual. Incrivelmente, as mulheres entre 15 e 44 anos têm mais probabilidade de serem atacadas por seu cônjuge ou violentadas sexualmente do que de sofrerem de câncer ou se envolverem em um acidente de trânsito.

Atualmente, a violência contra a mulher tem sido denominada como “Violência de gênero”, uma vez que a expressão esclarece que não são as diferenças biológicas entre os homens e as mulheres que determinam o emprego da violência contra a mulher, mas, sim, que, sob os papéis sociais impostos a homens e mulheres reforçados por culturas patriarcais, se estabelecem as relações de violência entre os sexos.

O conceito de gênero é definido, segundo Alves e Pitanguy (1985), como uma construção sociocultural, que atribui a homem e mulher papéis diferentes dentro da sociedade e depende dos costumes de cada lugar, da experiência cotidiana das pessoas, bem como da maneira como se organiza a vida familiar e política de cada povo.

Destarte Suárez (2000), também corrobora com os autores acima descritos a qual ressalta que o gênero demonstra a ligação entre homens e mulheres e a natureza com finalidade mesmo que simbólicos, da igualdade entre eles. Neste sentido, o conceito de gênero é compreendido como a desnaturalização do sexo, como características biológicas de cada indivíduo, delimitando o poder entre os sexos.

A violência de gênero é uma das formas mais graves de discriminação em razão do gênero, podendo manifestar-se de diferentes formas, tais como, o estupro, a violência sexual, a prostituição forçada, o assédio sexual nas ruas ou local de trabalho e a violência nas relações do casal, também conhecida como violência doméstica ou familiar. A prática de violência de gênero é uma forma de controlar e reprimir as iniciativas das mulheres.

2.3 Considerações sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil e em Portugal

A violência doméstica contra a mulher cada vez mais é pauta de discussão entre os setores da sociedade civil, tanto no Brasil como em Portugal, pois o registro de feminicídios ou tentativas de feminicídios apresenta um crescimento vertiginoso, embora em ambos os países haja legislação específica para os casos de crimes de misoginia.

A compreensão do cenário da violência contra a mulher no Brasil remete-nos ao modelo europeu sob o qual fomos sendo constituídos enquanto sociedade, a partir do período histórico da colonização. Os fatores que motivam os atos de violência são inúmeros e, em alguns casos, extremamente banais, tornando, com efeito, o crime impune, pois acaba revitimizando a vítima que, sob dependência emocional e financeira do companheiro – agora seu agressor e seu algoz, não consegue denunciá-lo à polícia. Essa difícil e delicada situação da mulher acaba contribuindo para a manutenção da soberania, inconsciente, do agressor.

No Brasil, segundo o Mapa da Violência de 2015, cerca de 75% dos atos de violência contra a mulher acontecem dentro de casa, e o agressor é o próprio marido ou companheiro. A violência doméstica custa para o país 10,5% do seu PIB, ou seja, 84 bilhões de dólares. Apesar dos índices mencionados, existe uma cultura do silêncio impregnada no comportamento social das pessoas, impedindo que dados quantitativos e qualitativos possam revelar significativamente a proporção dessa violência. A prática da violência contra a mulher manifesta, também, as relações de poder historicamente marcadas e desiguais estabelecidas entre homens e mulheres.

Em Portugal, de acordo com os dados publicados pela União Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), no ano de 2014, a violência doméstica contra a mulher está extremamente voltada a um contexto histórico e cultural, transpassado pela desigualdade entre homens e mulheres que ainda hoje é manifestada nos atos de violência praticados pelos agressores, geralmente maridos, namorados, companheiros ou ex-companheiros com quem a vítima mantinha uma relação de intimidade.

Aliado ao cenário de violência, destaca-se a ineficiência da aplicação da lei devido à morosidade com que os processos judiciais são tratados, o que provoca uma dupla vitimação da mulher, já que não lhe são dadas as garantias plenas para a

reconstrução de sua vida. Outra questão a ser levantada, em terras lusitanas, é a ineficácia de informações e formação em relação à violência de gênero, banalizando um problema social muito recorrente na sociedade portuguesa.

Embora o país ratifique o seu compromisso no enfrentamento da violência contra a mulher – vide a sua participação na Convenção de Istambul (Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica), realizada no ano de 2014, ainda é mínimo o engajamento da população para a construção de uma nova consciência que busque a equidade de direitos entre os gêneros.

De acordo com o relatório dos dados sobre feminicídio e tentativas de feminicídio ocorridos em Portugal, no ano de 2014, produzido pelo Observatório de Mulheres Assassinadas (doravante OMA), vinculado à União de Mulheres Alternativa e Resposta – UMAR, destaca-se um aumento significativo de feminicídio, consumado ou tentado, qual seja, 43 mortes e 49 tentativas, respectivamente.

O estudo revela a tendência de maior vitimação das mulheres pelas mãos daqueles com quem elas mantinham ou mantiveram alguma relação de intimidade, destacando que esses atos de violência ocorrem em todas as faixas etárias, afetando, em sua grande medida, mulheres com idades superiores a 36 anos, a mesma média de idade dos autores do crime.

Dentre as motivações para a prática do feminicídio, a UMAR – uma entidade portuguesa não-governamental que atua em prol da luta pelos direitos das mulheres, compreende que o feminicídio tem por base o ciúme ou a não aceitação pelo fim da relação, denominado “motivo passional”, sendo eles incluídos na categoria de “violência nas relações de intimidade”, equivalente aos 79% dos casos.

Destaca-se, também, que em 2014 a arma de fogo e a arma branca foram o meios mais comuns utilizados para a consumação do crime, sendo que nos feminicídios praticados neste ano a arma branca surgiu como o meio mais empregado no prática criminal.

Diante dos casos de feminicídio, em Portugal, pode-se constatar que há uma necessidade de discussão acerca da violência doméstica e das políticas públicas voltadas para a temática (violência doméstica e de gênero e igualdade de gênero), especificamente:

policiais e judiciais, instrumentos de avaliação e gestão do risco e avaliação de sua eficácia, protocolos de intervenção, aplicação de medidas de coacção ao agressor e de protecção à vítima, recursos e meios de articulação especializada, adequada e eficaz entre os diversos operadores, investimento na autonomização sustentada e continuada às vítimas de violência doméstica, avaliação de intervenção efectuada e recomendações de melhoria, prevenção primária (OMA, 2014, pp. 49-50).

A violência doméstica causa muitos danos e desequilíbrios humanos, como, por exemplo, transtornos psicossociais à vítima, dificultando a inserção (ou reinserção) ao mercado de trabalho e aos estudos, além de ser um dispositivo para incentivar a fuga pelo mundo das drogas ou até mesmo ao suicídio. Essa configuração de violência, que acontece dentro da casa, é uma das formas mais comuns de violação dos direitos humanos e também a mais praticada.

Em uma declaração concedida ao jornal Público, Elza Pais, socióloga portuguesa, deputada e ex-secretária de Estado da Igualdade, afirma que existe “uma igualdade de direitos na lei” que não se reflete no cotidiano e no quadro social e cultural do país.

No colóquio *Convenção de Istambul e Direito Penal – Criminalidade de Género*, realizado pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, em novembro de 2014, a deputada ressaltou que há projetos de lei a serem votados que tratam da violência de género, tais, como: o casamento forçado, a perseguição ou coacção sexual, visando à constituição de políticas públicas voltadas à mulher.

Nesse mesmo evento, registrou-se a presença da jurista da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Ana Ferreira, para quem os dados de violência contra mulher são “chocantes”, reconhecendo que em Portugal “evoluiu-se muito no âmbito legislativo e no político, ainda que exista um longo caminho a percorrer”. A professora e diretora do colóquio CIDPCC, Maria Fernanda Palma, destacou que é possível traçar uma relação entre os crimes de género e os crimes contra a humanidade, pois ambos representam “dinâmicas destrutivas das conquistas civilizacionais”.

Ainda, segunda a professora, “a razão de ser dessa violência é a negação da igualdade entre homem e mulher”, em uma sociedade “onde continua a haver discriminação e onde ainda impera, embora de forma dissolvida, uma cultura de género”, ou seja, “uma cultura de submissão”.

Em relação ao Brasil, a luta contra a violência ao longo do tempo tem alcançado avanços e retrocessos, em nível institucional e governamental, a partir dos programas de proteção às vítimas, criados pelo governo federal e pelas ONGs e, principalmente, com a promulgação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) cuja introdução sintetiza a sua relevância, uma vez que ela

cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (WAISELFISZ, 2015, p. 7).

Mais recente, a Lei do Femicídio (Lei nº 13.104/2015), sancionada em março de 2015, altera o Código Penal, a fim de prever a tipificação do femicídio como homicídio qualificado, portanto, hediondo. Essa lei provocou um caloroso debate a respeito de sua concepção, pois, conforme esclarecido no Mapa da Violência de 2015, sob organização Julio Jacobo Waiselfisz,

entende a lei que existe femicídio quando a agressão envolve violência doméstica e familiar, ou quando evidencia menosprezo ou discriminação à condição de mulher, caracterizando crime por razões de condição do sexo feminino. Devido às limitações dos dados atualmente disponíveis, entenderemos por femicídio as agressões cometidas contra uma pessoa do sexo feminino no âmbito familiar da vítima que, de forma intencional, causam lesões ou agravos à saúde que levam a sua morte (*ibidem*).

Ainda que as ações engendradas pelos organismos governamentais e não-governamentais vão em direção a uma proposta de constituição de uma política pública efetiva e eficiente de enfrentamento à violência contra a mulher, caminhamos a passos lentos, haja vista os altos índices de homicídios ou tentativas de homicídios nos últimos relatórios sobre violência contra a mulher, como o já citado **Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil**.

Elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), com o apoio do escritório no Brasil da ONU Mulheres, da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) e da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e

dos Direitos Humanos, o Mapa da Violência 2015 vem elucidar os problemas ainda enfrentados pelas mulheres no contexto brasileiro e também internacional, além de revelar as desigualdades sociais evidenciadas e como a violência é fator de segregação social, a partir do momento em que se constata um alto número de mulheres negras e pobres como potenciais vítimas de atos violentos.

A partir dos dados apresentados, ele aponta para a necessidade de promoção de novas políticas públicas voltadas para o atendimento às mulheres vítimas de violência

Há tempos a expressão “lar doce lar”, usada no contexto popular, revela um senso comum da sociedade bastante paradoxal, uma vez que os dados deixam claro o quão inseguro é o ambiente doméstico, ainda mais se consideramos os índices (75%) de assassinatos de mulheres são dentro de casa e praticados por seus cônjuges (ou namorados ou noivos ou ex-namorados ou ex-noivos ou ex-maridos).

Aliás, é imprescindível entender sob quais perspectivas de violência a mulher, em pleno século XXI, está subjugada. A todo momento ela é vítima da/na sociedade, seja dentro de sua casa, em seu trabalho, na escola, e até mesmo quando usada como objeto da publicidade que explora a sua imagem (em especial os seus atributos físicos) em detrimento do lucro a que visa. Ainda que se busquem justificativas, nada ameniza a barbárie vigente na sociedade contemporânea.

O empenho de retirar o problema da violência contra a mulher do isolamento privado, tornando-o uma questão pública e entendê-lo como objeto de relações de poder ou violação dos direitos humanos, ainda demarca processos inconclusos, antigos e globais. Apesar dos avanços na promoção da igualdade de gênero, obtidos em período relativamente recente, o respeito e a defesa aos direitos humanos das mulheres continuam deficitários.

Os dilemas impostos à obtenção de plena paridade entre homens e mulheres denota estarmos distantes da almejada equidade de gênero. Saffioti (1994) adverte que a violência contra as mulheres sempre existiu, aliás como fenômeno mundial, sem vínculos com riqueza, grau de desenvolvimento, nível de escolaridade, religião dominante ou com determinada cultura (oriental ou ocidental). Uma segunda ponderação da autora é a de que as políticas públicas nem sempre são pensadas como fontes de direitos, de emancipação ou de expansão da cidadania das mulheres.

Ao que se somam restrições da parte de quem responde pela aplicação e cumprimento das leis, em particular, quando está em pauta a garantia dos direitos humanos das mulheres – cenários que justificam investimentos direcionados a monitorar e avaliar a implantação de políticas públicas de gênero, podemos observar uma extrema dificuldade de efetivação das legislações vigentes os países em que elas já foram constituídas, o que de certa forma compromete a uma mudança profunda no paradigma sociocultural da sociedade contemporânea.

Vale ressaltar que ainda existem falhas no acolhimento e no acompanhamento das mulheres vítimas de violência doméstica, somadas aos problemas de informação ou de notificação. O acesso ao serviço de proteção à vítima, quando não tardio, acaba provocando uma outra violência, ou seja, na busca por um atendimento multidisciplinar, a mulher acaba sendo revitimizada, agora por parte das instituições governamentais, que acabam negligenciando o atendimento e a atenção à mulher que sofreu algum tipo de violência doméstica.

Como se pode observar, a violência doméstica contra a mulher estampa as mazelas presentes no cenário social de vários países, como Brasil e Portugal. Em ambos os países já vigoram legislações que garantem os direitos legais às mulheres, em especial as que foram vítimas de violência doméstica. No entanto, a lei precisa ser inserida nos espaços públicos e nas pautas de discussão sobre os Direitos Humanos, uma vez que essa violência contra a mulher vai de encontro aos direitos adquiridos ao longo da história.

Tal ponto de vista ratifica ainda mais o problema social que é tão antigo quanto a humanidade. A superação desses atos de violência contra a mulher torna-se imprescindível à medida que se implementa a judicialização do problema, a qual é entendida como a criminalização da violência contra as mulheres, não só pela letra das normas ou leis, mas também, e fundamentalmente, pela consolidação de estruturas específicas, mediante as quais o aparelho policial e/ou jurídico pode ser mobilizado para proteger as vítimas e/ou punir os agressores.

Nessa perspectiva o papel social das mídias é fundamental, uma vez que elas podem exercer grande poder de influência na cultura de massa em relação à construção de certas representações sociais da/sobre a mulher que, salvo exceções, acabam favorecendo a banalização da violência de gênero e a legitimação de estereótipos desqualificadores.

Diante disso, corroboramos o Dossiê de Imprensa sobre a violência contra as mulheres nos meios de comunicação, elaborado pelo Instituto Oficial de Radio y Televisión, em 2002, quando afirma que

os meios de comunicação de massas, visto de forma geral, não só a imprensa, a rádio, a televisão o a publicidade mas também o cinema, as histórias em quadrinhos, os videogames, a música ou internet, insistiram obstinadamente e seguem persistindo em representar de forma tradicional as mulheres e as relações entre elas e os homens; quer dizer, as relações entre as pessoas, em relação ao gênero, estão baseadas por relações de dominação e subordinação. E essas representações qualificadas às vezes como sexistas, estereotipadas – outras vezes como degradantes e muitas vezes estreitas e aniquiladoras – persistiram com força, ou inclusive persistiram com força, ou também se pode afirmar, foram reforçadas na última década a pontos extremos preocupantes (IORT, 2002, p. 23 [tradução nossa]).¹³

Sendo assim, colocar a violência doméstica contra a mulher na pauta de debates da sociedade, seja por meio dos órgãos colegiados, dos centros comunitários, das entidades de classes, das instituições religiosas etc., é muito importante, pois a partir dessas discussões novas alternativas para erradicação de toda e qualquer forma de violência de gênero podem surgir, além de contribuir para a desconstrução social de representações desqualificadoras da/sobre a mulher no contexto sociocultural.

Pensando em possíveis ações afirmativas, acreditamos que a violência doméstica contra a mulher deve estar inserida nos temas transversais abordados no espaço escolar, seja nas aulas, ou em palestras, orientações educacionais, ou até mesmo na elaboração de projetos extracurriculares que promovam uma sensibilização e tomada de consciência dos adolescentes e jovens em relação à violência não só praticada contra a mulher como também quanto às questões de gênero.

¹³ los medios de comunicación de masas, entendiendo estos de forma general, no sólo la prensa, la radio, la televisión o la publicidad sino también el cine, los cómics, los videojuegos, la música o Internet, han insistido tercamente y siguen persistiendo en representar de forma tradicional a las mujeres y las relaciones entre estas y los hombres; es decir, las relaciones entre las personas, en relación al género, se basan en relaciones de dominación y subordinación. Y estas representaciones calificadas a veces de sexistas, estereotipadas, otras veces como degradantes y muchas veces estrechas y aniquiladoras, han persistido con fuerza, o incluso se puede afirmar, se han reforzado en la última década, hasta extremos preocupantes.

Faz-se necessária a construção de uma atitude responsiva capaz de desconstruir velhas e ultrapassadas crenças e representações que fomentam a violência de gênero. É possível despertarmos nessa geração do século XXI uma nova consciência sobre o real papel da mulher na sociedade, dotada de liberdade de escolha e capaz de alcançar o que almeja e com todas as garantias de igualdade a que tem direito.

CAPÍTULO III

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



(Obra *Mulher chorando*, Pablo Picasso, 1937)

CAPÍTULO III

3. Fundamentação teórica

Nesta tese, traçamos um percurso teórico-metodológico visando à compreensão do processo de produção discursiva do gênero notícia em Lage (1981; 1987); Bucci (2003), Van Dijk (2005) e Charaudeau (2012), entre outros. Em seguida, por meio de uma revisão da literatura, elaboramos um breve histórico sobre a Modalização a partir de Kerbrat-Orecchioni (1986); Cervoni (1989); Castilho & Castilho (1992); Dota (1994); Neves (1996); Koch (2004, 2005, 2006) e Olano (2006), a fim de fomentar uma discussão acerca das diferentes abordagens teóricas presentes nos estudos linguísticos.

Em decorrência das reflexões construídas ao longo dessas abordagens aludidas, apresentamos uma nova perspectiva sobre a Modalização, agora encarada como um fenômeno dialógico-discursivo (BAKHTIN, 2006; 2011), que se desvela numa relação de alteridade entre os sujeitos envolvidos no processo de interação social, a saber, o produtor da notícia, enquanto sujeito do enunciado, e o seu respectivo leitor.

Dessa forma, faz-se necessário compreender o processo de produção do discurso em situação de comunicação – neste caso a notícia –, levando-se em consideração a intencionalidade discursiva, os interlocutores envolvidos e as condições de produção. Esse projeto de dizer, além das estratégias linguísticas, desvela os aspectos sócio-históricos e culturais, uma vez que “informar é possuir um saber que o outro ignora (‘saber’)”, é “ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (‘poder dizer’)”, além de “ser legitimado nessa atividade de transmissão (‘poder de dizer’)” (CHARAUDEAU, 2012, p.63).

Nesse contexto, os meios de comunicação de massa – em especial o jornal, precisam exercer a sua função social - a de informar (*fazer saber*), estabelecendo a partir daí um contrato de comunicação entre produtor da notícia (enquanto sujeito do discurso) e o seu leitor. No entanto, o modo de informar parece-nos a questão de maior relevância no processo de construção da informação, haja vista que devem ser levadas em consideração as condições de produção adequadas para a tessitura do relato jornalístico, a fim de que o leitor vai tendo acesso ao acontecimento por meio da construção de uma realidade que se dá discursivamente.

3.1 O gênero do discurso na perspectiva bakhtiniana

“[...] com a língua não representamos
o mundo, mas construímos
uma realidade sobre o mundo.”
Geraldí

A linguagem, na perspectiva bakhtiniana, constitui-se pelo dialogismo que emerge estritamente da interação entre os sujeitos sociais constituídos, além de ser a condição do sentido do discurso. Os discursos, vistos como práticas sociais de produção, circulação e consumo de enunciados produzidos em um processo de interação social, são construídos no interior das instituições, nas mais diversas esferas de atividade humana¹⁴.

Conforme Bakhtin, todos os diversos campos de atividade humana

[...] estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...]. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...], mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2011, pp. 261-262).

As múltiplas variedades das esferas da atividade humana – as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as da política, as das relações de amizade, dentre outras, implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Ao saber que estes, por sua vez, não são produzidos fora daquelas, percebemos o quanto eles estão atrelados às condições de produção e a um projeto de dizer do enunciados em dada esfera.

¹⁴ Esferas de atividade humana são a instância organizadora da produção, circulação e recepção dos textos/enunciados em gêneros de discurso específicos em nossa sociedade (BAKHTIN, 1997; 2003; 2011).

Conforme Fiorin (2016, p. 68), os seres humanos

agem em determinadas esferas de atividade, por exemplo, a escolar, a política, a jurídica, a jornalística, etc. Essas esferas de atividade implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera.

O todo do enunciado, conforme a esfera de atividade humana da qual emerge, constitui-se pelo conteúdo temático, estilo e organização composicional. O conteúdo temático refere-se ao domínio de sentido de que se ocupa o gênero; a construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo, sendo ancorada em um espaço-tempo de construção; e o estilo diz respeito a uma seleção de meios linguísticos, isto é, a eleição de determinados meios lexicais, fraseológicos e gramaticais, “em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado” (FIORIN, 2016, p. 69).

Os gêneros do discurso estão presentes no dia a dia dos sujeitos sociais, haja vista que nos comunicamos, falamos e escrevemos por meio deles. Ainda que usados de forma inconsciente em algumas circunstâncias, é impossível delimitar os gêneros e as constantes modificações pelas quais eles passam, uma vez que estão condicionados ao momento histórico em que se inserem, logo, a sua origem com as suas peculiares características decorre de cada situação social. Como esclarece Bakhtin (2011),

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p 262).

Em contrapartida, essa diversidade dos gêneros impossibilitou uma abordagem mais geral na natureza linguística do enunciado, uma vez que eram enfatizados os gêneros literários. Mas estes, tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo prisma artístico-literário de sua especificidade, das distinções intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais contudo têm a natureza verbal (linguística) comum (BAKHTIN, 2011).

A respeito do estudo dos gêneros retóricos (jurídicos, políticos, religiosos), da Antiguidade até os dias de hoje, destacavam-se as peculiaridades da natureza verbal do enunciado, os seus princípios constitutivos, como a relação com o ouvinte e a sua influência sobre o enunciado; no entanto, a especificidade desses gêneros velava a natureza linguística do enunciado.

Dessa forma, passaram a estudar os gêneros do discurso do cotidiano, mas, igualmente,

esse estudo também não podia redundar em uma definição correta da natureza universalmente linguística do enunciado, uma vez que estava restrito à especificidade do discurso oral do dia a dia, por vezes orientando-se diretamente em enunciados deliberadamente primitivos [...] (BAKHTIN, 2011, p. 263).

Diante da constituição de novos gêneros decorrentes do surgimento das esferas de atividade humana, Bakhtin (2011) evidencia a heterogeneidade dos gêneros do discurso, classificando-os como *primários* e *secundários*. Os primários estão voltados aos gêneros da vida cotidiana, são predominantemente orais e pertencem à comunicação verbal espontânea, tendo relação direta com o contexto mais imediato. Já os secundários pertencem à esfera da comunicação cultural, mais estruturada, como a jornalística, a jurídica, a religiosa, a filosófica, a científica etc., sendo preponderantemente escritos.

Segundo o autor, os gêneros secundários “incorporam e reelaboram os diversos gêneros primários (simples) que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2011, p. 263). Essa possibilidade de simbiose entre os gêneros primários e secundários revela exatamente a natureza do enunciado, haja vista que “todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação [...] em todas as suas modalidades [...] (*ibid.*, p. 264).

Nessa perspectiva, pode-se perceber que os gêneros apresentam uma relação de interdependência entre eles, pois ora os secundários valem-se dos primários, ora estes também são permeados pelos secundários. Além disso, os gêneros discursivos podem sofrer uma hibridação¹⁵, ou seja, podem cruzar-se, se levamos em consideração o discurso como elemento que entrecruza linguagens (de personagens e de gênero do

¹⁵ À luz da perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 1990), entendemos a hibridação discursiva como a possibilidade de cruzamento de dois ou mais gêneros discursivos, por meio de associações, rompendo a unilateralidade estética e revelando a natureza dialógica da linguagem.

discurso), tendo-se, portanto, uma visão dialógica que alude à impossibilidade de construção de um texto com uma única aspiração, sem recorrência de outras falas, discursos e/ou gêneros.

Dessa forma, um determinado gênero secundário pode ater-se a outro gênero secundário em seu interior ou, também, pode reproduzi-lo em sua estrutura composicional, sua temática ou em seu estilo. Como exemplo, podemos imaginar uma notícia que apresente peculiaridades típicas de um conto, ou uma carta de amor com uma estrutura de composição semelhante à do gênero receita. Em síntese, há gêneros que possuem uma maior flexibilidade, e outros cuja constituição é mais estereotipada, dependendo das condições de produção.

Apoiamo-nos às palavras de Machado (2008), para quem

o vínculo estreito que Bakhtin verifica entre discurso e enunciado evidencia a necessidade de se pensar o discurso no contexto enunciativo de comunicação e não como unidade de estruturas linguísticas. ‘Enunciado’ e ‘discurso’ pressupõem a dinâmica dialógica de troca entre sujeitos discursivos no processo de comunicação, seja num diálogo cotidiano, seja num gênero secundário (MACHADO, 2008, p. 157).

Sendo assim, torna-se imprescindível considerar os aspectos sócio-histórico-culturais dos sujeitos sociais presentes no processo de interação social. Percebe-se, então, o dialogismo que se instaura no contexto da enunciação, por meio do qual enunciados concretos são construídos, visando a atender aos interesses presentes no ato linguageiro tanto de quem enuncia (produtor da notícia) como para quem se destina o enunciado.

3.2 O gênero notícia e a construção discursiva da realidade

*“O enunciado é um elo
na cadeia da comunicação discursiva”
Bakhtin*

Considerando-se a esfera de atividade humana da qual emerge a notícia – a esfera jornalística, podemos perceber que esse gênero do discurso constitui-se a partir

de uma arquitetônica *relativamente estável* nas editoriais dos jornais. Inicialmente, deve-se considerar a sua função referencial da linguagem e seu aspecto narrativo, uma vez que a notícia caracteriza-se notadamente por seu caráter informativo, primando pela objetividade e imparcialidade diante do relato apresentado. Nas palavras de Baltar (2004, p. 133), “é o gênero básico do jornalismo, em que se relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem a opinião do autor. É [...] genuinamente informativo, em que, em princípio, o repórter não se posiciona, pois o que vale é o fato”.

A notícia, enquanto gênero do discurso, seja escrito ou oral, está presente no dia a dia da sociedade, permeando as práticas sociais de interação dos sujeitos leitores ou ouvintes. Com o intuito de cumprir a sua principal função social – a de informar sobre os acontecimentos mais relevantes do momento, esse gênero discursivo busca transmitir a ideia real do fato, competindo ao leitor a autenticidade do relato jornalístico.

De fato, grande parte de nosso conhecimento social e político, assim como as crenças construídas pelos sujeitos, emana dos inúmeros relatos que lemos ou escutamos diariamente, o que nos leva a crer que provavelmente não exista outra prática discursiva, para além da conversa cotidiana, que seja tão frequentemente exercida e por tantas pessoas como o são as notícias de imprensa e da televisão (VAN DIJK, 2005).

Embora a notícia se constitua como um texto narrativo, escrito em terceira pessoa do singular, ou do plural, com verbos no presente, passado e futuro e que pretende uma linguagem direta, objetiva e isenta de qualquer tipo de juízo de valor, podemos perceber que, na perspectiva bakhtiniana, não há distinção entre objetividade *versus* subjetividade.

Na visão de Bakhtin (2006; 2011) tudo é subjetivo, tudo está permeado de um julgamento de valor, em menor ou maior grau, implícita ou explicitamente. Dessa forma, o produtor da notícia – enquanto sujeito do enunciado, circunscreve um posicionamento, em menor ou maior grau, diante do que enuncia, ainda que de forma velada.

Ao pensar nas condições de produção do gênero notícia, devemos considerar a sua função social e a sua constituição, a partir das práticas sociais nas quais estão inseridos os sujeitos sociais. Tendo a função de informar (fazer saber) sobre algo que ainda se julga desconhecido, o processo de construção da notícia precisa levar em consideração a relação entre o sujeito que a produz e o sujeito para quem ela é destinada, haja vista que “todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma

relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação” (CHARAUDEAU, 2012, p. 42).

Essa relação – concebida dialogicamente, por sua vez, é imprescindível no processo de construção de sentidos, uma vez que “o sentido de um texto é [...] construído na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexistia a essa interação”, conforme salienta Koch (2005, p. 17). Dessa forma, o locutor, em sua atitude de produção discursiva, já se predispõe, ou não, a se deixar envolver pelo que pretende dizer.

Afinal, segundo Charaudeau (2012, p. 95), o

mundo a comentar nunca é transmitido tal e qual à *instância de recepção*¹⁶. Ele passa pelo trabalho de construção de sentido de um sujeito de enunciação que o constitui em “mundo comentado”, dirigido a um outro do qual postula, ao mesmo tempo, a identidade e a diferença. [...] o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível.

A notícia é, pois, uma representação da realidade (BUCCI, 2003) que, por sua vez, é construída discursivamente em uma perspectiva dialógica. Esse discurso constituído torna-se um discurso representado no espaço-tempo da enunciação. Dito assim, deparamo-nos com a verossimilhança da suposta realidade que, formulada pelo enunciador, tende a ser legitimada como a realidade empírica.

O enunciado concreto, materializado agora em forma de um gênero discursivo – a notícia, nada mais é do que a manifestação das impressões de um acontecimento que só existe pelo fato de ser materializado no e pelo discurso. É imprescindível que os fatos/relatos jornalísticos atendam o mínimo de veracidade, o que fará da instituição jornalística uma fonte crível e comprometida com a sua função social.

Assim sendo, “tornar verossímil é tentar fazer crer que o relato corresponde à reconstituição mais provável, apresentando-se o dito como o mais fiel possível ao fato tal como se realizou” (CHARAUDEAU, 2012, p. 89), já que, ressaltando mais uma vez, o discurso se constrói nas práticas sociais de interação entre os sujeitos, e os efeitos de

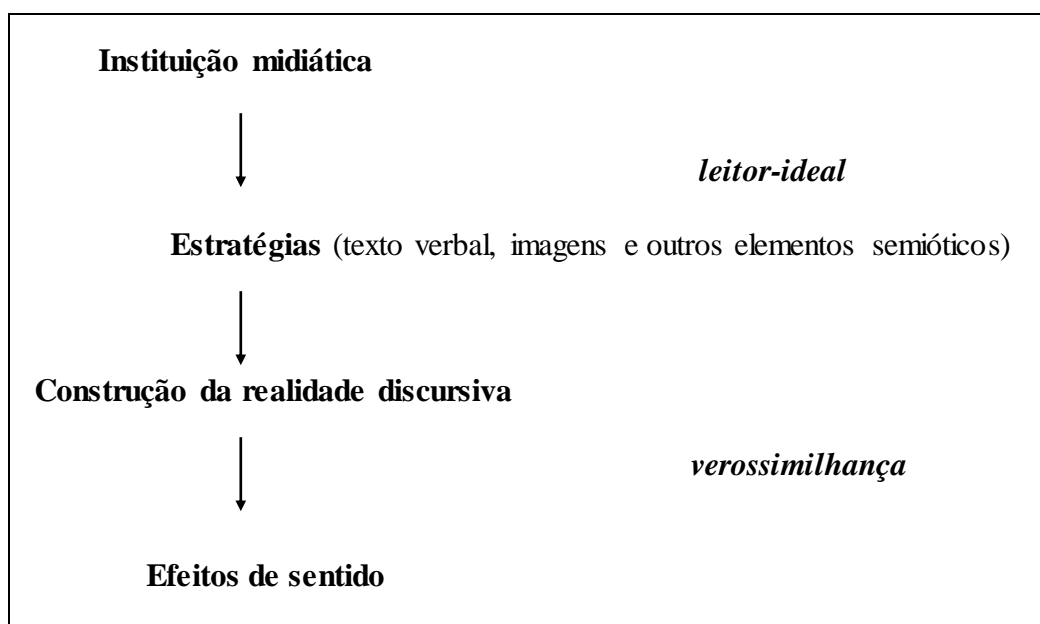
¹⁶ Em princípio, considera-se *instância de produção* o público a que se destina a informação. Vale ressaltar, conforme Charaudeau (2012, p. 78), “que o público é uma entidade compósita que não pode ser tratado de maneira global”, ou seja, para cada suporte de transmissão, haverá um público respectivo. No caso da mídia escrita, teremos os leitores.

sentido que dele emergem são estritamente dialógicos, dada exatamente a relação com o outro.

No processo de construção da notícia, a instância midiática, aquela que, na produção, “[...] integra os diferentes atores que contribuem para determinar a instância de enunciação discursiva” (CHARAUDEUAU, 2012, p.73-74), pondera valores, crenças, o lugar social da instância de recepção. Tal instância pode ser abordada pela instância midiática como alvo intelectual ou alvo afetivo.

De acordo com Charaudeau (2012), o alvo intelectual é capaz de avaliar seu interesse para aquilo que lhe é disponível pela instância midiática. Já o alvo afetivo avalia a notícia movido pela emoção, não procede, portanto, a uma avaliação racional. Diante desse contexto, o produtor da notícia (enunciador), na busca por uma “suposta” neutralidade, apropria-se de estratégias linguísticas e discursivas na produção de seu discurso, considerando os objetivos a que almeja, além de atender ao jornal para o qual escreve e ao público a que se destina.

Para compreender o processo de construção da realidade discursiva, com base nas reflexões construídas em Charaudeau (2012) e Bucci (2003), traçamos o seguinte esquema abaixo (figura 1):



Conforme a ilustração, podemos inferir que a instituição jornalística apropria-se de um “poder de informação” para construir realidades, manipular os enunciatários a quem se destina, isto é, apresenta versões da realidade que incidem sobre o grau de

ignorância de seu público-alvo. Acredita-se que o jornal ordena e disciplina e, para tanto, “constitui a realidade que ele mesmo apresenta como sendo a realidade feita de fatos” (BUCCI, 2003, p. 9).

Na construção de uma realidade, representada discursiva e dialogicamente, a instituição midiática se oferece, portanto, como intérprete da realidade na figura do jornalista que, apropriando-se da função social de informar, idealiza o seu provável leitor e se coloca como simples fornecedor da informação, um *mediador* entre os acontecimentos do mundo e sua representação pública.

Nesse complexo percurso de construção da realidade discursiva, descartar a dialogicidade que se manifesta na e pela linguagem é desconsiderar a interação dos sujeitos sociais que emana das práticas do cotidiano. Vale destacar que

[...] a enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social”. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido (BAKHTIN, 2006, p. 17).

O enunciador, a partir dessa construção idealizada do sujeito-alvo, seleciona estratégias multimodais¹⁷ que vão ao encontro de sua intencionalidade discursiva, trazendo o leitor os acontecimentos cuja materialidade se dá apenas no e pelo discurso. Sendo assim, inúmeros são os modos de representação da linguagem (semioses), que se integram na produção de significados nas interações sociais. Segundo Descardecí (2002),

[...] qualquer que seja o texto escrito, ele é multimodal, isto é, composto por mais de um modo de representação. Em uma página, além do código escrito, outras formas de representação como a diagramação da página (*layout*), a cor e a qualidade do papel, o formato e a cor (ou cores) das letras, a formatação do parágrafo, etc., interferem na mensagem a ser comunicada. Decorre desse postulado teórico que nenhum sinal ou código pode ser entendido ou estudado com sucesso em isolamento, uma vez que se complementam na composição da mensagem. (DESCARDECI, 2002, p. 20).

¹⁷ Entende-se por estratégias multimodais o complexo jogo de elementos gráficos, como escrita, cor, imagens, enquadramento, diagramação, espaço entre imagens, o texto verbal e outros elementos semióticos. Ver em KRESS, G.; VAN LEEUWEN T. *Reading images: the grammar of visual design*. Londres; Nova York: Routledge, 1996.

Além das estratégias multimodais presentes no processo de construção da notícia, vários outros fatores influem nas escolhas realizadas pelo produtor da notícia enquanto enunciador do discurso, que comumente vêm permeadas por um viés ideológico. Pode-se constatar que

os textos noticiosos, da forma como são apresentados nos jornais impressos, têm a função de levar o leitor a crer que determinada informação seja a expressão da realidade, isto é, a forma de organização e apresentação da informação em uma estrutura que determina, por exemplo, o destaque tipográfico do título e a hierarquização dos fatos que deverão compor o lide induz o leitor a acreditar que tais informações, sejam as mais importantes e, portanto, aquelas que devam ser de conhecimento (OLIVEIRA, 2010, p. 54-55).

Em relação aos mecanismos de estruturação das notícias em um jornal, Charaudeau (2012, p. 233-234) aponta as condições de visibilidade, legibilidade, inteligibilidade e dramatização pertinentes à imprensa escrita. Quanto à exigência de visibilidade, a autor se refere ao modo como as notícias são apresentadas e dispostas no jornal; já a exigência de legibilidade diz respeito ao grau de abrangência de diversos leitores, pois ela está atrelada à assimilação daquilo que é dito.

Em relação à exigência de inteligibilidade, ocupa-se em esclarecer o porquê e o como da notícia, e a exigência de dramatização que, embora implícita, infunde-se nos meios de produção escrita dos textos e respectivos títulos, levando-se em consideração a imagem que o jornal almeja fazer de si. Todas essas condições integram umas às outras e colaboram na caracterização dos gêneros da imprensa escrita, como é caso de nosso objeto de análise.

Do ponto de vista da estrutura, Lage (1987, p. 16) define a notícia “como o relato de uma série de fatos a partir do mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. Dessa forma, identificar o que pode ser mais importante ou mais interessante a ser noticiado vai depender do grau de relevância que o produtor da notícia julga ter sobre uma determinada informação, um acontecimento, um fato, ou seja, tarefa dos *gatekeepers*¹⁸.

Decidir sobre o que vai ou não ser publicado segundo os interesses dos atores envolvidos, desde a instituição midiática passando pelo jornalista que produz a notícia –

¹⁸ *Gatekeeping* refere-se à decisão tomada pela instituição midiática sobre o que vai ou não ser publicado; já o *gatekeeper*, representado na figura do editor geral ou do conselho editorial, é quem responde por essa decisão de pauta.

atuando como enunciador do discurso jornalístico, até atingir a instância de recepção, ou seja, o leitor, considerando o efeito de sentido que da notícia pode emergir.

Na esfera jornalística, decidir sobre o que será publicado está ligado ao valor-notícia que é dado ao fato quando este atende aos critérios de veiculação – inclusive aos de mercado. O valor-notícia (ou critério de noticiabilidade) é um valor subjetivo que determina a importância que um fato ou acontecimento tem para ser noticiado. De acordo com Van Dijk (2005, p. 90),

“os assuntos de gênero têm pouca ‘noticiabilidade’, a não ser que sejam modelados como formas abertas de conflito ou como *faits divers* engraçados. [...] Assim, o conteúdo e o estilo das notícias continuam a contribuir para as atitudes estereotipadas sobre mulheres. O feminismo em si é ignorado, problematizado ou marginalizado”.

Percebe-se, desse modo, que a violência de gênero – em especial o feminicídio, acaba fadada aos comentários da vizinhança, aos da praça, simplificada nas linhas da notícia e nas reações de momento após a sua leitura. Ora, se considerarmos a função social que desempenha o jornal, este precisa construir alguns mecanismos que despertem, a partir das notícias que veicula, uma mobilização social, voltada para uma conscientização mais crítica dos acontecimentos do cotidiano.

Consequentemente, as representações sociais construídas sobre a mulher tenderiam a ser menos estereotipadas e carregadas de menos pré-conceitos que histórica e socialmente vem sendo legitimados nos variados formatos da mídia, ainda que de forma inconsciente aos olhos de alguns grupos sociais.

Retomando ao modo de construção do discurso da notícia, pode-se dizer, conforme Lage (1987), que há três fases no processo de produção da notícia, quais seja: a seleção dos eventos; a ordenação dos eventos e a nomeação. Dos eventos relacionados ao evento principal nem todos farão parte da notícia.

Tendo selecionado os que vão compor a notícia, ordenam-se a partir do mais importante/interessante aos que vão servir como explicação ao que está sendo dito. Em seguida, faz-se as escolhas lexicais pertinentes à nomeação dos elementos que fazem parte da notícia, a fim de melhor garantir os efeitos de sentido almejados no texto noticioso.

Essas três fases de produção da notícia já nos revelam o quão marcado é o texto noticioso, haja vista que os procedimentos para a sua constituição, realizados pelo

produtor da notícia enquanto sujeito do enunciado, manifestam a sua subjetividade e possível intencionalidade discursiva, por meio das marcas lexicais, pragmáticas e discursivas no interior do enunciado concreto por ele produzido.

Quanto a sua estrutura (LAGE, 1987), a notícia apresenta elementos essenciais e fundamentais, como a manchete ou título principal, o título auxiliar, o lide e o corpo ou texto da notícia. Cada seção, por sua vez, exerce uma função nessa tessitura, a saber:

A *manchete* ou *título principal* tem o propósito de incitar o interesse do receptor, apresentando de forma bastante evidente o fato que pretende relatar. Ela antecede o lide da notícia. É comum encontrar na manchete marcas de estratégias multimodais, seja pelo modo como as letras são grafadas, em caixa alta e/ou em negrito, ou outra forma, que atenda a um projeto estilístico – e também semântico, do enunciadador. Outra marca percebida na notícia, como esclarece Lage (1981, p. 7) é que

a disposição das *manchetes*, o desenho das letras, sua uniformidade ou variedade, a existência ou não de *claros* e o equilíbrio estético entre eles, o tamanho e a natureza das *ilustrações* poderão nos informar se o jornal se destina a público mais ou menos amplo, de menor ou maior escolaridade.

Com base em manuais de redação e estilo, publicados por instituições jornalísticas, como *O Estado de S. Paulo* (1990) e *Folha de S. Paulo*, podemos dizer que o título é produzido geralmente em equipe, por meio do diálogo entre editores, editores de arte e diagramadores que atuam na criação do design da página, elaborando títulos bastante diferentes dependendo da informação que pretendem publicar e, é claro, marcado pela intencionalidade discursiva, a fim de atingir os efeitos de sentido almejados. Percebe-se, então, que a produção da notícia é um processo complexo, uma vez que precede de um longo tempo de negociações e estratégias linguísticas e discursivas.

A diagramação da página é feita, geralmente, “em torno” da notícia, o que implica um trabalho em equipe, já que o título e a arte da página acabam sendo desenvolvidas em conjunto. A tipologia, por sua vez, pode variar conforme o título. É comum, nas notícias, o emprego de verbos no presente do indicativo, a fim de o jornal parecer mais moderno.

Todas essas escolhas de cunho linguístico também revelam as prováveis marcas de parcialidade do produtor da notícia ou da instituição jornalística. Por esse motivo, a

discussão entre os profissionais não se restringe ao que vai ser noticiado, mas também ao modo como aquela informação será transformada em notícia.

Em relação ao *título auxiliar* ou *linha fina*, ainda que facultativo na notícia, visa a apontar informações adicionais à já expressada pela manchete, tornando-a mais atrativa. Também é comum percebermos que esse elemento na notícia esclarece a manchete ou completa a ideia expressa nela. A sua função é viabilizar a compreensão do contexto do fato noticiado, complementando a ideia presente no título/manchete da notícia.

O *lide*, uma expressão oriunda do inglês *lead*, refere-se ao que dá direção, corresponde ao primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, embora possa haver outros lides em seu corpo. Esse elemento da notícia objetiva responder às seguintes questões: O quê? (o fato, a ação, enredo), Quem? (as personagens envolvidas, direta ou indiretamente), Quando? (a época, o momento em que ocorreu a ação), Onde? (o lugar da ocorrência), Como? (refere-se ao modo como se desenvolveu a ação), Por quê? (a causa, o motivo da ação) e por último, mas não menos importante, o Por isso? (as consequências da ação).

O lide é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante. Em sua forma clássica, segundo Lage (1897), ele contém: a) o sujeito, representado por um sintagma nominal; b) o predicado, representado pelo sintagma verbal, acompanhado ou não de seu complemento; e c) as circunstâncias, ou sintagmas circunstanciais de tempo, lugar, modo/instrumento, causa/consequência.

Geralmente, a estrutura interna do “lide clássico” parte do fato mais importante ou de maior interesse, e a regra de ordenação compreende dois itens: 1. Não se começa pelo verbo; 2. Inicia-se pelo sintagma nominal ou circunstancial mais importante. Podemos inferir, já nessa perspectiva de estrutura do lide, como a sua construção pode estar diretamente atrelada à intencionalidade do enunciador, haja vista que ele, buscando destacar determinado ponto da informação, irá topicalizar o elemento que atende a sua estratégia de produção discursiva da notícia.

Nesse caso, conforme descreve Lage (1987),

se o mais importante ou interessante é o sujeito ou a ação em si, usa-se a ordem direta, isto é, começa-se pelo sujeito; se o interesse maior ou a maior importância recai sobre o objeto direto, a oração passa à voz passiva, e o complemento, portanto, passa a ser sujeito; nos casos em que o interesse maior ou a maior importância recaem sobre o objeto

indireto, a solução é, em geral, semântica: recorre-se ao verbo que guarda relação de antonímia recíproca com o da primeira formulação; nos casos em que o interesse maior recai sobre um dos sintagmas circunstanciais, a solução pode ser uma simples anteposição do sintagma, que tecnicamente passa de interno para externo.

Na verdade, toda forma de construção e organização do discurso, isto é, a ordem em que as informações vão sendo disponibilizadas, acaba revelando o projeto discursivo do enunciador. Destaca-se a focalização no discurso, uma vez que faz-se um realce de algum segmento ou partes do discurso com a finalidade comunicativa de chamar a atenção ao interlocutor.

É importante salientar que a função primordial do lide é captar a atenção do leitor, é a oportunidade que tem o jornalista de mostrar a importância que tem determinada notícia. Como já mencionado acima, ainda que o lide clássico (LAGE, 1987) exija a resposta de questões básicas – o quê, quem, onde, como, por quê, quando – o jornalismo moderno não se prende tanto a essas questões, conferindo uma maior flexibilização dessas questões ao longo da notícia.

Às vezes, no lide aparecem aquelas informações eu o produtor da notícia julga mais importantes, e as demais informações secundárias podem ser respondidas no parágrafo seguinte, constituindo um *sublide*. Além disso, como podemos observar na disposição dos dados na notícia, dependendo das informações contidas no título, na linha fina ou no chapéu, o lide pode dispensar algumas informações.

Considerando-se que a notícia, na visão de Lage (1981; 1987) é o relato de uma série de fatos mais importantes e que a sua estrutura é lógica e o critério de importância ou interesse envolvido em sua produção é ideológico, percebemos que o *corpo da notícia* – o discurso propriamente dito, ou seja, o conteúdo que revela detalhadamente o fato exposto, no qual são desenvolvidas as questões do lide, respondendo principalmente às questões: *Por quê?*, *Como?* e *Por isso?*, é o palco de manifestação das marcas ideológicas da instituição jornalística.

Ressalta-se que no corpo da notícia podemos encontrar a chamada *documentação*, que se caracteriza pelo detalhamento de personagens, ambiente e circunstâncias que corresponde a um lide noticioso, ou seja, equivale à série de dados que servem para exemplificar ou comprovar a informação dada.

Ademais desses elementos que compõem a notícia, há outros componentes, conforme Lage (1897), e apresentados pelo Manual de Redação e Estilo, d'*O Estado de*

S. Paulo (1990), e Manual de Redação, da *Folha de S. Paulo* (2007), que fazem parte da estrutura composicional do gênero notícia, os quais descrevemos a seguir:

Conhecido no jargão técnico como *Cabeça da notícia*, refere-se à marca no alto da página usada para definir a editoria responsável pelo trabalho. Por sua vez, a *Editoria* é a seção especializada em determinado setor (esporte, política, arte, economia, etc.). Entende-se por *Chapéu* a frase ou expressão que identifica o assunto ou a personagem central. A sua função é auxiliar no desenvolvimento da matéria e facilitar o entendimento do leitor, devendo estar estritamente alinhado com o título e a linha fina.

Outros dois elementos presentes na estrutura da notícia são a *retranca* e o *olho*. A *retranca* é uma palavra utilizada no corpo do texto cuja função é identificar o assunto do texto. A palavra “Segurança” pode ser uma *retranca* que identifica um texto sobre crimes e/ou violência. O ideal, conforme os manuais, é que a *retranca* tenha uma só palavra.

Já o *olho* é uma expressão que designa uma frase destacada do texto. Colocado geralmente no meio do texto, ele apresenta letras maiores que as usadas no corpo da notícia, a fim de dar ênfase a uma frase presente na notícia e atrair ainda mais a atenção do leitor diante daquilo que se diz.

Ao nos apropriarmos desses elementos constituintes do texto noticioso, torna-se mais clara a compreensão dos mecanismos linguísticos e discursivos escolhidos pelo(s) produtor(es) da notícia, haja vista que esse processo está margeado de interesses ideológicos da instituição jornalística, bem como aos propósitos decorrentes do contrato de comunicação. No processo de construção da notícia, a instância midiática, aquela que, na produção, “[...] integra os diferentes atores que contribuem para determinar a instância de enunciação discursiva” (CHARAUDEUAU, 2012, p.73-74), pondera valores, crenças, o lugar social da instância de recepção.

Desse modo, as escolhas efetuadas vão estar sempre sujeitas aos aspectos sociais, ideológicos, emocionais e, quando empregadas em um enunciado concreto, fazem desabrochar “a emoção, o juízo de valor, a expressão” (BAKHTIN, 2011, p. 292). Ainda, à luz de Bakhtin, “o colorido expressivo só se obtém no enunciado, e esse colorido independe do significado de tais palavras, isoladamente tomado de forma abstrata. Nessa perspectiva manifesta-se o tema aliado ao significado em um do enunciado concreto, uma das categorias de análise propostas para as análises do *corpus* desta tese.

A notícia pode comover, motivar revolta ou conformismo, agredir ou gratificar alguns de seus consumidores. Do ponto de vista técnico, “a notícia não é avaliada por seu conteúdo moral, ético ou político” (LAGE, 1987). O que interessa é se de fato o que é narrado aconteceu, uma vez que a retórica da notícia é estritamente referencial por definição e em termos gerais, embora saibamos que há fortes marcas de subjetividade e de juízo de valor.

Busca-se uma impessoalidade em sua produção – ainda que nos pareça impossível –, já que a notícia é frequentemente reescrita, condensada, traduzida e submetida a critérios de edição. A modalização, nesse caso, torna-se uma significativa estratégia para velar essas manifestações da subjetividade do enunciador no discurso.

3.2 A modalização nos estudos da linguagem

*“O vir-a-ser axiológico de um ser humano
é o processo de assimilar
seletivamente as palavras alheias.”
Bakhtin*

Nos estudos da linguagem, a modalização configura-se uma questão complexa, ainda que haja uma variedade de abordagens teóricas construídas ao longo do tempo, a partir de campos epistemológicos diversos. Essas extensas abordagens sobre a modalização ficaram, em sua grande parte, restritas às estratégias linguísticas voltadas para o âmbito da lógica e da retórica.

A desvinculação das estratégias linguísticas e também discursivas às reais condições de produção de enunciados concretos pela via dos fatores sociais, históricos e culturais acabou reduzindo o papel da modalização, vista não só como estratégia linguística e discursiva como também dialógica, no processo de produção do discurso.

Em contrapartida, ressaltamos que as variadas abordagens contribuíram (e ainda contribuem) para uma plurissignificação do fenômeno, o que, por um lado, compromete a sua compreensão e, por outro, amplia a sua interpretabilidade.

Essa complexidade presente no estudo da modalização reflete-se e se refrata, ao mesmo tempo, nas múltiplas pesquisas desenvolvidas por diferentes áreas do conhecimento, como a filosofia, a linguística e a semiologia, por meio das quais surgiram relevantes diferenças e terminologias (LYONS, 1977; CERVONI, 1989; CASTILHO e CASTILHO, 1993; DOTA, 1994; NEVES, 1996; KOCH, 2004, 2005, 1996; OLANO, 2006; KERBRAT-ORECHIONI, 2008).

O fenômeno da modalização, enquanto estratégia de que se apropria o locutor ao imprimir sua marca no enunciado que produz, materializa-se de forma implícita ou explícita, revelando o tom apreciativo do locutor diante do dito. Nesse caso, o discurso pode marcar o posicionamento do locutor e apontar um certo traço argumentativo que se almeja transmitir com a sua produção discursiva.

O gênero notícia, ainda que se proponha à neutralidade, traz em seu bojo uma apreciação valorativa sobre o fato relatado, conduzindo o leitor à adesão ao que lhe é apresentado pelo locutor, legitimado como porta-voz da realidade empírica, discursivamente representada na notícia.

Diante das características estilísticas, composicionais e de conteúdo das notícias, a modalização propicia ao produtor da notícia (enquanto sujeito do enunciado) a intervenção mediante a indução do sujeito na construção, transparência e sedimentação de ideias, consolidando-se, assim, o eixo ideológico de sua estratégia de produção discursiva.

Para entender a modalização nos estudos da linguagem, levamos em consideração a noção de modalidade desenvolvida por renomados pesquisadores da área da linguagem. Julgamos importante esse percurso histórico, a fim de justificar a abordagem desenvolvida nesta tese, a qual entende a modalização como uma estratégia dialógica e discursiva da qual se apropria o enunciador em seu projeto de dizer, a partir do contrato de comunicação estabelecido entre ele e seu enunciatário por meio de um processo dinâmico de interação social.

Conforme Cervoni (1989), o termo modalidade implica a noção de que uma análise semântica possibilita distinguir, em um enunciado, um conteúdo proposicional (dito) do ponto de vista do locutor sobre esse conteúdo (modalidade). Ele esclarece, por sua vez, que a modalidade constitui-se de significação fundamental, não podendo ser confundida com a conotação, “outra manifestação da subjetividade da linguagem” (CERVONI, 1989, p. 53).

Para o linguista (p. 54), “os lógicos foram os primeiros a elaborá-lo”, pois detiveram-se em elaborar um sistema que esclarecesse, de forma coerente e objetiva, as proposições que expressavam o raciocínio válido. Estabelecendo, assim, regras abstratas que apontavam relações de inconsistência, incompatibilidade, contradição e oposição, determinavam a verdade ou a falsidade das proposições em relação com o mundo (estado de coisas).

Lyons (1977, p. 329) declara que, na lógica tradicional, o termo modalidade é usado “para descrever a quantificação do predicado; [...] e acrescenta que o único tipo de modalidade reconhecido pela lógica tradicional é o que relaciona as noções de necessidade e possibilidade ao valor de verdade e falsidade das proposições, isto é, a modalidade alética”.

A partir desse contexto, eles [os lógicos] estabelecem as modalidades habitualmente conhecidas: as aléticas (ou aristotélicas), referem-se às noções de verdade ou falsidade das proposições. Aristóteles, por sua vez, “propõe examinar a maneira pela qual se relacionam entre si as negações e as afirmações que expressam o possível e o impossível, o contingente e o incontingente, o impossível e o necessário”¹⁹ (OLANO, 2006, p. 156).

Sendo assim, a ideia de verdade acaba passando de absoluta para necessária ou possível. Esclarecidas as modalidades aléticas, os lógicos demarcam dois eixos conceituais, a saber, o do conhecimento e o da conduta, denominando, então, as modalidades epistêmica e deôntica, do eixo da crença e da conduta (NEVES, 2006; OLANO, 2006).

Cervoni (1989, p. 63) estabelece de forma mais didática uma classificação, por meio da qual se pode diferenciar o que é tipicamente modal do que é parcialmente modal e o que parece possível e vantajoso excluir do campo das modalidades. O tipicamente modal é denominado por ele de núcleo duro, e o parcialmente modal é chamado de modalidade impura.

No núcleo duro, encontram-se as modalidades proposicionais e os auxiliares de modo, haja vista que ambos possuem “uma significação essencialmente modal perfeitamente explícita”. As modalidades proposicionais ocorrem em frases construídas sob a forma canônica: “(unipessoal) + é + Adjetivo + que P ou Infinitivo”, como, por

19 “propone examinar la manera en que se relacionan entre sí las negaciones y las afirmaciones que expresan lo posible y lo no posible, lo contingente y lo no contingente, lo imposible y lo necesario [tradução nossa].

exemplo: “É possível que a violência doméstica contra a mulher seja um problema social”. A modalidade expressa pela estrutura “é possível”, nesse caso, incide sobre toda a proposição: “que a violência doméstica contra a mulher seja um problema social”.

Os auxiliares de modo, segundo Cervoni (1989, p. 64), apresentam dois verbos tidos como “os mais incontestáveis”, quer sejam, *poder* e *dever*, uma vez que “sua polissemia é bastante conhecida”. Enquanto o verbo poder expressa a capacidade (física, intelectual, moral), a permissão e a eventualidade ou não-exclusão, o verbo dever exprime a obrigação (interna ou externa) e a probabilidade. Há outros auxiliares de modo que exercem funções modalizadoras, tais como: “ser preciso, saber, querer”.

Já sobre a modalidade impura (idem, p. 68), o linguista declara que nessas são incluídos os casos em que “a modalidade é implícita ou mesclada num mesmo lexema, num mesmo morfema, numa mesma expressão, a outros elementos de significação”. É comum encontrarmos, nesse tipo de modalização, a ocorrência de adjetivos avaliativos, que revelam uma marca subjetiva a partir de um juízo de valor sobre a proposição, como, por exemplo, útil, agradável, interessante, grave, etc.), os modos verbais e os verbos *dicendi*²⁰.

Em uma outra perspectiva de abordagem, dialogamos com Castilho e Castilho (1993, p. 217), para quem a modalização é vista como “a estratégia através da qual o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade, ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo”. Os autores não estabelecem uma diferenciação em relação aos termos modalidade/modalização, uma vez que ambas expressam, na visão deles, a relação do produtor do texto com o conteúdo proposicional e o interlocutor.

A modalização manifesta-se por meio de instrumentos linguísticos, sejam eles de cunho fonético, morfológico ou sintático, como esclarecem Castilho e Castilho (1993, pp. 217-218):

A modalização movimenta diferentes recursos linguísticos: 1) a prosódia, como nos alongamentos vocálicos e na mudança de tessitura, em ‘trabalhei muiiito, mas muito MESmo; 2) os modos verbais; 3) os verbos auxiliares como *dever*, *poder*, *querer* e os verbos que constituem orações parentéticas e matrizes como *achar*, *crer*,

20 Chamamos de verbos *dicendi* aqueles empregados para introduzir a fala de pessoas ou das personagens, como, por exemplo, afirmar, dizer, falar, gritar, declarar, ordenar, perguntar, exclamar, pedir, concordar. (Dicionário Informal. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/dicendi/11797/>. Acesso em abril, 2017.

acreditar (Kovacci, 1971; Vogt-Figueira, in Vogt, 1989, p. 165-210); 4) adjetivos, sós ou em expressões como ‘é possível’, ‘é claro’, ‘é desejável’; 5) advérbios como possivelmente, exatamente, obviamente, etc.; 6) sintagmas preposicionados em função adverbial, como ‘na verdade’, ‘em realidade’, ‘por certo’, etc.

Esses recursos linguísticos, denominados de modalizadores, “sempre verbalizam a atitude do falante com respeito à proposição” (CASTILHO e CASTILHO, 1993, p. 216). Podemos perceber, à primeira vista, que a estratégia da modalização, assim apresentada pelos autores, está linguisticamente marcada no enunciado produzido pelo enunciador, de quem se espera, em princípio, um domínio do sistema da língua e de seus aspectos semânticos que se manifestam no e pelo enunciado concreto por ele (o enunciador) produzido.

Segundo os estudos de Neves (1996), a apropriação da modalização como estratégia permite ao falante manifestar o seu comprometimento em relação à verdade do que se diz, ou expressar a avaliação que faz de um estado de coisas. Para a autora, é necessário estender a análise dos enunciados para além do sentido estrito, indo além da análise léxico-semântica, considerando que as significações se colocam em oposição e em interação.

A linguista e pesquisadora retoma à ideia da modalidade afirmando que, como

[...] a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não modalizados. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos de verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca (NEVES, 2006, p. 152).

Conceber a ideia de que “*não existam enunciados não modalizados*” nos leva a inferir que o enunciado não está relacionado restritamente à língua, mas, principalmente, às relações de produção social do discurso, haja vista que todo enunciado é um elo na cadeira discursiva e, sendo assim, nenhum deles é uma entidade solitária e autônoma (BAKHTIN, 2011).

Diante desse ponto de vista, é inconcebível desvincular a ideia de que o linguístico é totalmente intrínseco ao discursivo, e este, por conseguinte, constitui-se plenamente na e pela relação dialógica entre os sujeitos sociais, historicamente situados

em um espaço-tempo da enunciação. O sentido de um enunciado é, portanto, construído nessa dinâmica da interação social e é somente nela e por meio dela que ele pode ser desconstruído, ressignificado, a partir das condições de produção das práticas linguageiras dos sujeitos sociais.

Retomando aos conceitos de modalidade/modalização, no âmbito da linguagem, dialogamos também com Dota (1994), para quem a *modalidade* é uma categoria gramatical que se apresenta quer por uma relação do enunciador à relação predicativa, quer pela relação do enunciador com o coenunciador (relação intersubjetiva), ou seja, é a atitude do sujeito enunciador face àquilo que enuncia e face ao coenunciador (interlocutor).

Conforme a autora (1994), o recurso da modalização constitui uma operação enunciativa, resultante da combinação de três elementos, quais sejam:

- i) o elemento modalizado – uma relação predicativa, ou seja, um predicado e seus argumentos, chamado também de “lexis” (uma "lexis" aparece num texto sob a forma de uma proposição);
- ii) um operador linguístico de modalização – que pode ser um verbo, um adjetivo, um advérbio, um substantivo, ou uma oração combinando algumas dessas categorias;
- iii) a origem do julgamento de modalização, o enunciador – este, por sua vez, é um ser extralinguístico, e não uma unidade da língua. Pode, entretanto, aparecer dentro do enunciado representado por um pronome de primeira pessoa; ou qualquer ser humano representado por um pronome ou nome pode ser interpretado como enunciador, desde que esteja de posse de um predicado modal dentro do contexto.

Koch (2004, p. 125), na obra *Introdução à linguística textual*, denomina estratégias modalizadoras (ou metapragmáticas)

“aquelas que têm por objetivo preservar a face do locutor, por meio da introdução no texto de atenuações, ressalvas, bem como marcar o grau de comprometimento, de engajamento do locutor com o seu dizer, o grau de certeza com relação ao dito”.

A autora, ao comentar os procedimentos de articulação na progressão do texto apresenta os articuladores textuais (ou “operadores do discurso”), dentre os quais destacamos os *Articuladores Metadiscursivos*, que “servem para introduzir comentários ora sobre a forma ou modo de formulação do enunciado (o modo como aquilo que se diz é dito), ora sobre a própria enunciação” (*id.* p. 135). Reunidos em três grupos, os articuladores metadiscursivos dividem-se em modalizadores ou logico-pragmáticos, metaformativos e metaenunciativos.

Considerando-se o objeto de estudo desta tese, a modalização em notícias de violência doméstica contra a mulher, apresentamos o grupo dos modalizadores (ou lógico-pragmáticos), cuja noção está imbricada aos aspectos da língua. Na visão de Koch (2004), os modalizadores podem ser concebidos de forma *stricto sensu* (ligados à modalidades aléticas, epistêmicas e deônticas, há tempos objetos de estudo da lógica e da semântica) e, por outro lado, de forma *lato sensu*, congregando os modalizadores axiológicos, atitudinais e os atenuadores.

A linguista, então, apresenta a noção de cada um dos modalizadores, a saber:

Modalizadores aléticos: são aqueles que se referem à necessidade ou possibilidade da própria existência dos estados das coisas no mundo [...]; *Modalizadores epistêmicos*: são os que assinalam o comprometimento/engajamento do locutor com relação ao seu enunciado, o grau de certeza com relação aos fatos enunciados; *Modalizadores deônticos*: indicam o grau de imperatividade/facultatividade atribuído ao conteúdo proposicional; *Modalizadores axiológicos*: expressam uma avaliação dos eventos, ações, situações a que o enunciado faz menção; *Modalizadores atitudinais ou afetivos*: são aqueles que emanam a atitude psicológica com que o enunciador se representa diante dos eventos de que fala o enunciado; *Modalizadores atenuadores*: aqueles que têm em vista a preservação das faces dos interlocutores (KOCH, 2004, pp. 135-138).

Além dos modalizadores definidos acima, a autora sugere um novo tipo de modalizadores que é o dos “*comentadores da forma como o enunciador se representa perante o outro no ato de enunciação*”, ou seja, são modalizadores que influenciam na construção da imagem que se revela do enunciador a partir do enunciado concreto que produziu.

Pode-se constatar que a linguista, em seus estudos sobre os articuladores metadiscursivos – em especial os modalizadores, não só mantém alguns conceitos constituídos sob a lógica-tradicional, mas também corrobora com as ideias de Lyon

(1977), Cervoni (1989), Castilho e Castilho (1993) e Neves (1996), para os quais a modalização funciona como uma estratégia sociocomunicativa, por meio do emprego de recursos linguísticos que estão à disposição do enunciador em seu projeto de dizer.

Em uma perspectiva outra, levamos em consideração os aportes de Charles Bally (1932), para quem “a modalidade é a forma linguística de um julgamento intelectual, de um julgamento afetivo ou de uma vontade que um sujeito pensante enuncia a respeito de uma percepção ou de uma representação de seu espírito”²¹ (BALLY, 1965 [1932], p. 35). Sendo assim, podemos notar que as atitudes (psíquicas) do sujeito falante podem ser formadas, basicamente, por três classes: a) as intelectuais (reais ou potenciais); b) as afetivas (ou avaliativas) e c) as volitivas (vontade do sujeito).

O linguista, um dos discípulos de Saussure, desenvolve uma linguística da fala, partindo do princípio que pela linguagem é possível expressar sentimentos e pensamentos. Ele desenvolve uma estilística – objeto principal de seus estudos – que deve “se preocupar com a presença da enunciação no enunciado e não apenas com o enunciado propriamente dito” (FLORES, 2005, p. 16), isto é, nos estudos da língua é possível integrar o contexto linguístico.

Em suma, Bally (FLORES, 2001; OLANO, 2006) inclui no *modus* todo o traço indicativo da expressividade (subjatividade) do falante e, por essa razão, distingue a noção de *modus* da simples característica lógica do *dictum*, a base da oração.

Para Benveniste (1989), considerado o principal representante da teoria da enunciação, o único modo de fazer o discurso funcionar é pela intervenção do sujeito que nele investe a sua subjatividade. Para ele, a enunciação “[...] é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). A enunciação é considerada o produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, atrelado a um *aparelho formal da enunciação*²², tem como parâmetro um locutor e um alocutário (intersubjatividade).

Os traços que propiciam perceber o modo com que o locutor enuncia constituem a modalização. Dessa forma, na visão do linguista francês (apud Matos, 2009, p. 18),

21 “la modalité est la forme linguistique d’un jugement intellectuel, d’un jugement affectif ou d’une volonté qu’un sujet pensant énonce à propos d’une perception ou d’une représentation de son esprit” [tradução nossa].

22 O aparelho formal da enunciação, texto publicado por Benveniste (1989), “é uma espécie de dispositivo que as línguas têm para que possam ser enunciadas” (FLORES, 2005, p. 36).

os tipos de modalização formais se organizam uns pertencentes aos verbos, como os ‘modos’ (optativo, subjuntivo) que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que se enuncia (expectativa, desejo, apreensão); e outros a fraseologia (‘talvez’, ‘sem dúvida’, ‘provavelmente’), indicando incerteza, possibilidade, indecisão, etc., ou recusa de asserção.

Estabelecendo uma dialogia com outra abordagem teórica, constatamos que o locutor marca a sua presença no discurso, conforme Kerbrat-Orecchioni (1986), por meio de modalizadores que tendem a revelar a avaliação do locutor sobre o que enuncia, além de sinalizar a sua atitude, sua adesão ou distanciamento.

Segundo a visão da autora (1986, p. 93), o locutor pode escolher dois tipos de formulações linguísticas, a saber: i) o discurso objetivo, cujo esforço é apagar toda e qualquer marca de um enunciador individual; e ii) o discurso subjetivo, no qual o enunciador se mostra explícita ou implicitamente.

Na perspectiva do discurso subjetivo, a linguista francesa (citada nos estudos de OLANO, 2006) aponta dois elementos: os afetivos – que transmitem uma reação emocional do locutor diante de um objeto (presença emotiva), e os avaliativos – que podem ser axiológicos ou não axiológicos.

A escolha lexical para essa avaliação, ou julgamento, pode ser marcada pelo emprego de substantivos, adjetivos, verbos, advérbios ou por alguma expressão que denote um juízo de valor do locutor a respeito do que é dito em seu enunciado. Nesse caso, conforme Kerbrat-Orecchioni (1986) o conceito de modalidade está indubitavelmente atrelado ao axiológico, ou seja, marcado subjetivamente.

Não nos deteremos às especificações realizadas pela linguista em relação às classes de palavras subjetivas, uma vez que há traços muito mais marcados pelo viés linguístico do que pelo discursivo, ou a relação desses dois aspectos em uma perspectiva dialógica, ou seja, não são consideradas, efetivamente, as condições de produção e a interação dos sujeitos da enunciação em dado contexto social, histórico e cultural. É necessário entendermos a modalização a partir das práticas sociais nas quais são produzidos enunciados concretos, como fruto de relações sociais, ideológicas e dialógicas.

3.3 A modalização como estratégia dialógica e discursiva na notícia

*“A vida por sua natureza
é dialógica.
Viver significa
participar de um diálogo.”
Bakhtin*

Olhar a modalização em um enunciado concreto é, antes de mais nada, considerar todo o processo de constituição deste, a fim de perceber o projeto de dizer que nele se engendra, partindo de uma questão:

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disso dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero (BAKHTIN, 2011, p. 301).

Na perspectiva do pensamento bakhtiniano, a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que abarca, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nele implicados. Instaure-se, nesse caso, o dialogismo, cuja concepção tem a linguagem como forma de interação social, constituída pelo e no diálogo entre os interlocutores.

Toda palavra por natureza é dialógica, haja vista que presume o outro, representado na figura de destinatário, a quem está projetada toda a alocação, a quem o enunciador ajusta a sua fala e de quem antecipa reações e mobiliza estratégias. Diante dessa premissa, reconhecer o outro na construção do discurso da notícia é imprescindível para que o enunciador logre êxito em seu projeto de dizer materializado linguística e discursivamente no enunciado concreto, sempre considerando a relação dialógica que permeia todo o processo.

O outro é, também, o outro discurso, ou os outros discursos, uma vez que

[...] cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011, p. 297).

No processo de comunicação, todos os enunciados, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. O enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu, ou seja, não existe discurso sem a palavra do outro.

Esse princípio dialógico é fundamental para a compreensão das notícias de violência doméstica contra a mulher, haja vista que estas são construídas dialógica e discursivamente na relação com as vozes que ecoam no processo de escrita. O dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado que se materializa a partir de outro enunciado, isto é, o enunciado é uma réplica de outro enunciado, no qual se ouvem duas vozes, no mínimo.

Nas palavras de Ponzio (2009, p. 245), o enunciado é

o produto de uma interação social, mesmo nas suas características estilísticas; e na própria língua, como fenômeno concreto, vive somente na interação dialógica daqueles que a falam. Cada texto, escrito ou oral, é ligado dialogicamente a outros textos, é calculado considerando outros possíveis textos que este pode produzir como reação, antecipando possíveis respostas, objeções, e orienta-se em referência a textos produzidos anteriormente, aos quais se refere, replica, objeta ou mesmo nos quais procura sustentação, retomando-os, imitando-os, aprofundando-os etc.

Construímos, então, a todo momento, enunciados-respostas, haja vista que todo enunciado concreto é resposta a um enunciado anterior. Esses discursos-respostas não só estão alinhados à intencionalidade discursiva de quem os produz e para quem eles são destinados, mas também conectam-se a concepções ideológicas que permeiam todo o processo de construção discursiva.

Se levamos em consideração tal constatação, podemos perceber o quanto as notícias de violência doméstica contra a mulher podem influir na desconstrução de uma cultura machista e fomentar uma nova cultura pautada na equidade de gêneros, uma vez que os discursos refletem e refratam comportamentos sociais legitimados.

A modalização em notícias de violência doméstica contra a mulher, nosso *corpus* de análise, para ser vista como uma estratégia da qual se apropria o enunciador para a construção do seu enunciado, deve levar em conta as relações dialógicas construídas no processo de interação, uma vez que os efeitos de sentido emergem dessa

relação entre o sujeito do enunciado e o outro, o sujeito para quem ele projeta o seu discurso.

As sutilezas marcadas no discurso pela modalização precisam ser percebidas tanto no processo de produção como também no de recepção desse discurso representado. Dessa forma, o enunciatário (nesse caso, o leitor do jornal) torna-se uma espécie de legitimador da modalização, já que o ato de perceber as marcas da modalização dependerá da ativação de seu repertório sócio-histórico-cultural e de sua memória discursiva²³,

Como se observa, são essas as ferramentas que darão ao leitor as condições de identificar as possíveis representações sociais que esse discurso – agora posto como representação da realidade – constrói sobre a mulher vítima de violência doméstica. Cabe ressaltar que a modalização, entendida como uma estratégia dialógica e discursiva, não prescinde do linguístico, uma vez que ela [a modalização] é um fenômeno intrínseco à língua.

Por outro lado, para perceber os efeitos de sentido que emergem do uso de modalizadores, não requer um domínio do sistema abstrato da língua (OLANO, 2009). Fosse assim, para compreender e identificar as representações sociais da/sobre a mulher vítima, que podem ser desveladas pelo uso da modalização, seria necessário um amplo domínio linguístico por parte do sujeito a quem se dirige o enunciado.

Dessa forma, como a modalização não está subordinada aos itens lexicais de uma língua, mas, sim, manifesta-se no e pelo discurso, o enunciatário (leitor) pode recorrer ao contexto sócio-histórico e cultural, para identificar as condições de produção daquele enunciado, bem como os traços ideológicos enviesados em sua estrutura.

Por conseguinte, poder-se-á fomentar reflexões acerca do papel social que o gênero discursivo notícia exerce no processo de produção, circulação e recepção da informação, e a responsabilização incutida no produtor desse enunciado diante do processo de construção da realidade.

Os sujeitos sociais estão, a todo momento, imersos em práticas sociais de interação nas quais são produzidos enunciados, dadas as condições de produção, nas mais diversas esferas de comunicação. Remetermo-nos, então, ao conceito de gêneros

23 A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

do discurso cunhado por Bakhtin significa valorizar a dimensão social, haja vista que as relações sociais são estruturadas e determinadas pelas formas de organização e distribuição dos diferentes papéis e lugares sociais nas instituições e situações em que se produzem os enunciados.

Considerando que os gêneros passam por atualizações ou reformulações, já que são “*relativamente estáveis*”, e a esfera de atividade da qual o gênero origina-se, podemos constatar que a notícia transcende a sua função social de informar (“*fazer saber*”) e revela um “*fazer sentir*” (CHARAUDEAU, 2012), uma vez que fomenta reflexões acerca da realidade em que vivemos, dos problemas sociais que, outrora marginalizados, tomam cada vez mais as pautas de discussão das instituições sociais.

Ainda que marcada pela verossimilhança, esse gênero do discurso exerce a função social de mobilizar comportamentos sociais, pois

a linguagem tem influência também sobre o comportamento do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente [...]; os estereótipos só estão na linguagem porque representam a condensação de uma prática social (FIORIN, 2007, p. 55).

A enunciação torna-se arena para as relações dialógicas das quais emergem enunciados cujos efeitos de sentido estão atrelados a um contexto único, singular, irrepetível, e também marcados ideologicamente em um espaço-tempo.

Na construção da notícia, vista como uma construção discursiva da realidade pelo produtor da notícia – enquanto sujeito do enunciado, podemos descortinar alguns aspectos inerentes à prática discursiva, quer sejam, as *vozes sociais*²⁴ que ecoam no interior desse discurso e com as quais ele dialoga, o *tom apreciativo* em relação ao objeto do discurso, o *tema* desvelado na constituição do gênero e, por fim, a presença do *discurso citado* como estratégia de mitigar o grau de comprometimento do enunciador diante do discurso que enuncia.

24 Entende-se por vozes sociais os complexos semiótico-axiológicos com os quais determinado grupo humano diz o mundo (BAKHTIN, 2010).

3.3.1 A manifestação da modalização no discurso – as categorias de análise

Para tornar possível a identificação e descrição das marcas de modalização, vista como estratégia dialógica e discursiva, em notícias de violência doméstica contra a mulher, procedemos à descrição de cada categoria de análise – vozes sociais, tom apreciativo, tema e discurso citado, pois metodologicamente tornamos mais didática a análise das notícias. Vale ressaltar que a modalização não vem do item lexical, mas, sim, está atrelada ao horizonte social e histórico a partir do qual é constituído o discurso.

Sendo assim, descrevemos as categorias, que serão retomadas nas análises, a fim de embasar a análise e discussão dos dados:

✓ **Vozes sociais**

Ao falarmos da multidão de vozes sociais que se desvelam no interior do discurso, percebemos o encontro sociocultural dessas vozes e a dinâmica que aí se estabelece; em outras palavras, deparamo-nos com o plurilinguismo dialogizado (FARACO, 2009), isto é, as fronteiras em que as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais.

Nas palavras de Faraco (2009, p. 59), essas vozes

estão numa intrincada cadeia de responsividade: os enunciados, ao mesmo tempo que respondem ao já-dito (‘não há uma palavra que seja a primeira ou a última’), provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas, aplausos incondicionais, revalorizações etc.– ‘não há limites para o contexto dialógico’).

Em relação às notícias de violência doméstica contra a mulher, inúmeras são as vozes sociais que ecoam nesse discurso, desde as vozes dos atores sociais envolvidos, direta ou indiretamente, no momento do ato de violência (vítima, agressor, familiares, testemunhas, agentes policiais, delegados, juízes), passando pela instituição jornalística – os seus gestores, editores, jornalistas, e, por fim, o sujeito social a quem aquele discurso é projetado – o leitor.

No processo de construção da notícia, diante dessa confluência de vozes, o produtor da notícia (enunciador), sujeito historicamente situado, dialoga com outras

vozes sociais (sujeitos também historicamente situados) que expressam visões de mundo e universos de valores com os quais interagem. Para corroborar com essa linha de pensamento, aludimos à fala de Penna (2008, p. 245):

Pensar um sujeito da enunciação em um contexto, a partir de então, transdisciplinar, seria pensá-lo enunciando para um outro projetado, no próprio ato de interação, para interagir com ele. [...] Eis a questão da interação – um sujeito que enuncia para um outro projetado em seu próprio dizer (em forma de contrapalavras) e revelado por marcas linguísticas; o outro se reconhece nos rastros do discurso do primeiro, interfere com suas crenças, suas ideologias, sua história: está estabelecido o jogo.

Em síntese, ainda que não se possa identificar o interlocutor específico de um texto, isso não diminui o fato de que a questão dialógica é imperativa na construção do enunciado, haja vista que a maior parte de nossas interações, em especial as relacionadas com a complexidade da construção escrita, se dá o tempo inteiro com a virtualidade da interlocução, envolvendo tanto as vozes que refletem quanto as que refratam ideologicamente os objetos (tomados como pauta de construção enunciativa) do discurso.

O uso da modalização, como estratégia dialógica e discursiva, desvela a dialogicidade presente no enunciado. Segundo Bakhtin (apud FARACO, 2009, p. 59), esta, por sua vez, é apresentada em três dimensões diferentes, quais sejam: a) “todo dizer não pode deixar de se orientar para o já-dito”; b) “todo dizer é orientado para a resposta” e c) “todo dizer é internamente dialogizado”.

A primeira dimensão nos leva a pensar no enunciado enquanto réplica a um discurso anterior (ou a discursos anteriores). Na notícia de violência contra a mulher, podem ser percebidos discursos social e historicamente legitimados, como, o discurso machista, a objetivação da mulher e outras representações sociais de gênero.

Já a segunda, remete às expectativas construídas em torno do enunciado a ser produzido a partir de idealização de um receptor presumido, ou seja, na constituição de um enunciado que é réplica, já se antevê (ou pressupõe) a contrapalavra do outro.

A terceira dimensão, por fim, reitera as múltiplas vozes sociais presentes na arena dialógica.

✓ Tom apreciativo

A modalização, vista como estratégia linguística e discursiva, pode revelar a posição marcada (tom/estilo) do locutor quanto ao que é dito em seu projeto de dizer. Segundo as reflexões de Andrade (2008, p. 53),

a modalização indica a atitude do falante em relação ao que diz. A análise dos processos de modalização propicia verificar o posicionamento do enunciador mediante a construção do enunciado, bem como sua intervenção avaliativa no conteúdo da mensagem.

Dessa forma, a modalização na construção da notícia opera como peça catalisadora do ponto de vista do enunciador (o jornalista) como também da instituição jornalística que atua como agente legitimador do discurso produzido por aquele. Para lograr tal êxito, é sabido que (OLANO, 2006, p.190).

[...] a língua oferece ao enunciador todo um conjunto de procedimentos/estratégias para expressar a modalidade. [...] A modalidade pode manifestar-se na língua de várias maneiras: léxica, morfológica, sintática e, inclusive, por meio da entonação (tom), que é um importante recurso da expressão afetiva²⁵ [tradução nossa].

Como podemos exemplificar a partir do *corpus*, destacamos o tom apreciativo (entonação) revelado na manchete de notícia, como “**ESTUPROU, MATOU A FACADAS E AINDA FILMOU**” [Jornal A Gazeta, 25/06/2017, anexo 4], cuja análise encontra-se no capítulo quatro. No emprego da modalização no gênero notícia, esse tom pode estar marcado num maior ou menor grau, a depender da afinidade do enunciador com a proposição, do comprometimento ou distanciamento que ele assume em seu projeto de dizer.

O tom apreciativo é um traço da modalização manifestado no processo de construção do discurso, afinal,

o simples fato de eu ter começado a falar sobre ele já significa que assumi certa atitude em relação a ele – não uma atitude indiferente,

²⁵ [...] la lengua provee al locutor toda una gama de procedimientos para expresar la modalidad. [...] La modalidad puede expresarse en la lengua de diversas maneras: léxica, morfológica, sintáctica e incluso por la entonación, que es vehículo importante de la expresión afectiva.

mas uma atitude efetiva e interessada. E é por isso que a palavra não apenas designa um objeto como uma entidade pronta, mas, também, expressa, por sua entonação, minha atitude valorativa em relação ao objeto, em relação àquilo que é desejável ou indesejável nele, e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, transforma-o num momento constituinte do evento vivo, em processo (BAKHTIN, 2010, pp. 32-33).

É importante salientar que o tom apreciativo não está voltado restritamente à palavra, mas ao objeto do discurso ao qual se refere o enunciado concreto, no caso do *corpus* desta tese, a mulher vítima de violência doméstica. Desse modo, conforme Bakhtin (2011, p. 291), “a entonação expressiva pertence aqui ao enunciado e não à palavra”. Na escolha das palavras que irão compor o discurso, “selecionamos aquelas que pelo tom correspondem à expressão do nosso enunciado e rejeitamos as outras”.

Além disso, conforme Dahlet (2005, p. 251),

a entonação é o lugar de memória e lugar de encontro. Lugar de memória acústica e social, pois tanto o autor [produtor da notícia] quanto o leitor estão totalmente impregnados de entonações, desde a mais tenra infância, e a entonação depositada no texto constitui-se da sedimentação dessas diversas entonações, ao mesmo tempo em que reflete o grupo social ao qual pertencem. Lugar de encontro, pois a entonação é o resultado, além do objeto do enunciado, do cruzamento de sua entonação respectiva.

Todos os fenômenos que cercam os sujeitos sociais estão fundidos com julgamentos de valor, portanto, em todo discurso podemos identificar um tom apreciativo diante do enunciado. Podemos constatar que essa apreciação valorativa pode contribuir para a ressignificação do sistema de valores construídos ao longo da vida dos sujeitos sociais, o que nos deixa claro que

a entonação sempre está na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito. Na entonação, o discurso entra diretamente em contato com a vida. E é na entonação sobretudo que o falante entra em contato com o interlocutor ou interlocutores – a entonação é social por excelência (VOLOSHINOV, 1926, p. 252-253).

✓ Tema/Significação

Em relação ao *tema*, no gênero do discurso, ele é o tópico do discurso como um todo e está correlacionado a uma significação Bakhtin, ao especificar a questão do tema, diz:

O tema é um *sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às *condições de um dado momento da evolução*. O tema é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*. A significação é um *aparato técnico para a realização do tema*. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa [...] (BAKHTIN, 2006, p. 132 – grifos do autor).

O tema é definido como individual, não-reiterável, determinado tanto pelas formas linguísticas como pelos elementos não verbais da situação, fenômeno histórico e dotado de acento de valor ou apreciativo (o tom). A significação é compreendida como a parte do tema, que é reiterável, abstrata e passível de análise, mediante a identificação das formas linguísticas às quais está associada. Tema e significação são indissociáveis e estão presentes em todo processo interacional. Conforme o pensamento de Bakhtin (2006), a palavra ao ser usada pelo locutor não só apresenta um tema e uma significação, mas também, um tom, uma valoração, como já discutido acima. E para cada objeto do discurso falado pelo locutor, este acaba conferindo-lhe um significado a partir do valor apreciativo nele depositado.

A noção de tema vincula-se à perspectiva semântica presente no pensamento bakhtiniano, contemplando uma tensão existente entre a significação – que abrange os sentidos reiteráveis, previsíveis, cristalizados, estabilizados e presentes nos dicionários da língua, e o tema, que alude aos sentidos verbais e não-verbais, singulares, únicos, ideológicos, históricos, valorativos da língua. O tema é um traço próprio da enunciação completa, podendo pertencer a uma palavra isolada somente se essa palavra opera como uma enunciação global. Em suma,

a maneira mais correta de formular a inter-relação do tema e da significação é a seguinte: o tema constitui *o estágio superior real da capacidade linguística de significar*. De fato, apenas o tema significa de maneira determinada. A significação é *o estágio inferior da capacidade de significar*. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um *potencial*, uma possibilidade de significar no

interior de um tema concreto (BAKHTIN, 2006, p. 134 – grifos do autor).

✓ **Discurso citado**

Por último, e não menos importante, destacamos o *discurso citado* presente no gênero notícia, como, “*Ele me torturava de todas as formas. Dizia que ia me matar*” [Jornal A Gazeta, 25/02/2017, anexo 3] reconhecendo-o como uma estratégia também de modalização, haja vista os efeitos de sentido voltados a mitigar o grau de comprometimento/engajamento do enunciador no processo de construção de seu discurso. Para Bakhtin (2006, p. 147), “o discurso citado é o *discurso no discurso*, a *enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação*” [grifos do autor].

O discurso citado quando inserido no contexto narrativo revelam, de certo modo, a dinamicidade da inter-relação social dos interlocutores na comunicação ideológica verbal, ou seja, “o discurso citado e o contexto narrativo unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas” (BAKHTIN, 2006, p. 151).

Muito comum em notícias, o discurso citado, manifestado pelos esquemas linguísticos – e também discursivos (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre) proporcionam ao sujeito do enunciado construir um discurso no qual sua marca de subjetividade esteja relativamente mais implícita ou mais explícita. Vale a pena destacar que “a maneira de integrar o discurso de outrem no contexto narrativo reflete as tendências sociais da interação verbal em uma época e em um grupo social dados” (BAKHTIN, 2006, 19).

Percebemos a modalização, como estratégia dialógica e discursiva, revelada no discurso citado e em suas variantes, pelo fato de que a interação social entre os interlocutores é contínua, além de contribuir para a ativação dos mecanismos linguísticos e discursivos inerentes à produção do enunciado, levando em consideração o tom apreciativo, uma vez que

[...] o discurso indireto constitui um discurso encaixado no interior do qual se manifesta uma interação dinâmica. A passagem do estilo direto ao estilo indireto não se faz de maneira mecânica (isto lhe dá a oportunidade de criticar os exercícios escolares “estruturais”, crítica que permanece totalmente pertinente hoje em dia). Essa passagem implica análise e reformulação completa, acompanhadas de um deslocamento e/ou de um entrecruzamento dos “acentos apreciativos” – *modalidade* (BAKHTIN, 2006, p. 19).

Dessa forma, apropriar-se da estratégia da modalização, em notícias de violência contra a mulher, implica considerar o dialogismo como motor na construção do discurso. A notícia não é um enunciado dado, ela é construída dialógica e discursivamente à medida que o horizonte sócio-histórico e cultural dos interlocutores vão sendo descortinados, produzindo, por conseguinte, efeitos de sentido capaz de induzir ou refutar, dependendo do tom apreciativo, representações sociais sobre a mulher vítima de violência doméstica.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DO CORPUS



(Obra *Menino com mãe morta*, Andrzej Wróblewski, 1949)

CAPÍTULO IV

4. Análise do *corpus*

*“O sentido se desdobra em conotações sociais e se solidifica para construir o mundo do bom senso.”
(Greimas)*

Apresentaremos, a partir desse momento, as análises das notícias de violência contra a mulher que constituem o *corpus* da tese. Para a realização das análises, adotamos a perspectiva teórica de Bakhtin e o Círculo (2006; 2010; 2011), na medida em que fomos descrevendo e interpretando, linguisticamente e discursivamente, as notícias.

Partindo da hipótese de que a modalização materializa-se no e pelo discurso, a partir das relações dialógicas empreendidas entre o enunciador e o sujeito para quem aquele projeta o seu discurso, destacamos as categorias de análise que, à luz do pensamento bakhtiniano, podem constituir-se como estratégias de modalização, dentro de um viés dialógico e discursivo.

Essas categorias – **vozes sociais, tom apreciativo, tema/significação e discurso citado** revelam, direta e indiretamente, a manifestação da subjetividade do enunciador no processo de produção de seu discurso, haja vista que elas consideram o enunciado produzido dentro de um horizonte que é social, histórico e cultural.

Optamos em descrever as notícias selecionadas para a análise no corpo do texto da tese, a fim de viabilizar a sua leitura e a descrição das marcas de modalização constituídas, dialógica e discursivamente, por meio das categorias de análise outrora apresentadas. Ressaltamos, desde já, que as notícias selecionadas destacam-se não pela data de sua publicação, mas, sim, por trazerem a modalização evidenciada em sua materialidade linguística bem como as marcas constitutivas do dialogismo presentes na construção da realidade discursiva.

Para fins de descrição, análise e discussão das notícias, julgamos prudente delimitar o *corpus*, destacando a manchete, a linha fina ou título auxiliar, o lide e alguns excertos no corpo da notícia, haja vista que, por meio desses elementos que compõem a notícia, as formas de marcar a subjetividade no enunciado podem ser evidenciadas, constituindo-se, assim, a estratégia da modalização, dialógica e discursivamente.

4.1 Notícias publicadas pelo jornal *A Gazeta*, em 2014

Para fins metodológicos, identificamos as notícias selecionadas para análise:

N1: (08/02/2014) – Amor e Tragédia: Homem mata amante e se atira da 3ª ponte

N2: (25/02/2014) – Mulher é esfaqueada ao amamentar o filho

N3: (25/02/2014) – “Ele me torturava de todas as formas. Dizia que ia me matar”

N4: (25/06/2014) – Estuprou, matou a facadas e ainda filmou

Notícia 1 – A GAZETA (08/02/2014)

SÁBADO, 8 DE FEVEREIRO DE 2014 | A GAZETA | 3

Cidades.

FGTS para vítimas da chuva | A Prefeitura de Vila Velha vai iniciar o processo de liberação do FGTS para moradores de bairros que foram atingidos pela chuva, a partir de segunda. *Pág. 10*

EDITORA: **ANDRÉA PIRAJÁ**
apirajá@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades

REPORTAGEM ESPECIAL

AMOR E TRAGÉDIA HOMEM MATA AMANTE E SE ATIRA DA 3ª PONTE

Empresário deu cinco facadas no peito da mulher no carro

Um romance fora do casamento acabou em tragédia na Terceira Ponte – ligação entre Vitória e Vila Velha – no final da tarde de ontem. O empresário Carlos Eduardo da Silva Barcelos, 40 anos, matou a facadas a amante, a gerente de comércio exterior Gizele Rossi dos Santos, 30, e logo em seguida suicidou-se, se jogando no mar.

O casal seguia em direção a Vila Velha quando começou a discutir dentro do carro, por volta das 16h. Gizele teria ido buscar Carlos Eduardo na empresa dele, onde ela havia exercido a função de gerente. O objetivo era conversar sobre o relacionamento, que havia terminado há duas semanas.

A gerente de comércio exterior dirigia um New Fiesta vermelho quando o empresário sacou uma faca e começou a golpeá-la. Ela foi atingida com cinco facadas no peito.

Ferida, Gizele perdeu o controle da direção e o carro foi se arrastando na mureta lateral da ponte, até que um pneu furou. O homem teria, então, tentado retirá-la do carro, mas desistiu quando viu que muitas pessoas se aglomeravam no local.

De acordo com testemunhas, momentos depois Carlos Eduardo saiu do veículo correndo, ensanguentado, e se jogou da ponte.

DOIS FILHOS

Apesar de casado há 20 anos, e pai de dois filhos, de 17 e 19 anos, Carlos Eduardo mantinha o romance com Gizele havia 15. Segundo uma irmã dela, o homem, que era evangélico, teria conhecido a gerente de comércio exterior numa igreja. Eles, então, começaram a sair, trabalharam juntos e teriam iniciado o mesmo curso na faculdade.

Carlos Eduardo teve o corpo resgatado do mar, já sem vida, pelo Corpo de Bombeiros e por um barco de pesca. Já Gizele foi socorrida por uma ambulância da Rodosol, concessionária da ponte. Ela foi encaminhada para um hospital particular em Vila Velha, onde morreu no centro cirúrgico.

Um irmão de Gizele, que foi até o hospital para acompanhar o estado de saúde dela, contou à polícia um dos motivos da separação do casal.

Segundo ele, a gerente de comércio exterior queria ter filhos e, devido a uma vasectomia, Carlos Eduardo não poderia ser pai novamente. Disse ainda que depois do fim da relação, a irmã passou a ser perseguida e ameaçada pelo empresário.

A polícia vai investigar o crime, mas acredita que o motivo tenha sido passional.

De acordo com o procedimento metodológico de análise, serão consideradas apenas alguns componentes da notícia, tais como: o título/manchete, a editoria em que é publicado o fato, o chapéu, a retranca, a linha fina/título auxiliar e o lide. Obviamente, se houver algum traço de modalização evidente no corpo da notícia, daremos o destaque adequado.

A notícia acima (ANEXO 1) foi publicada no dia 08 de fevereiro de 2014 na editoria Cidades, que no jornal A Gazeta traz fatos ocorridos no cotidiano dos municípios do estado do Espírito Santo. Há uma quebra de expectativa do leitor, ao perceber que um caso de violência, ou melhor, um ato criminoso seguido de um suicídio, não esteja inserido nos chamados “cadernos policiais”²⁶, como habitualmente podemos encontrar em alguns jornais.

Entretanto, a escolha por trazer o fato em uma editoria diferente, o produtor – enquanto sujeito do enunciado, parece querer apontar para o leitor sobre os conflitos presentes nas relações de conjugalidade entre o homem e a mulher, tão recorrentes no cotidiano de grandes cidades.

A diagramação, nessa notícia, é levada em consideração pelo fato de ser considerada uma “REPORTAGEM ESPECIAL”. A partir do momento em que ela é denominada dessa forma, o enunciador desvela o tom apreciativo. Como vimos em Bakhtin (2011, p. 290-292) “a entonação expressiva”, também chamada de tom

²⁶ Policial é o título que os diários impressos costumam atribuir à editoria responsável por cobrir os crimes cometidos nas localidades por eles abrangidas. Tal editoria existe também nos jornais de televisão e rádio, além dos jornais virtuais (BUDÓ, 2010, p. 1).

apreciativo, “é um traço constitutivo do enunciado”. Portanto, o tom não está na palavra abstrata, vista como “unidades da língua”, mas, sim, no contexto da enunciação.

Além disso, o fato de pertencer a editoria Cidades, sem a presença da retranca “Segurança” ou sem a identificação do chapéu “Violência Doméstica”, o enunciador ratifica as suas marcas de subjetividade por meio do tom que se quer imprimir em seu discurso.

O título da notícia, escrito em letras maiúsculas, apresenta as escolhas lexicais do enunciador, revelando mais uma vez o tom apreciativo – **AMOR E TRAGÉDIA** – como se pretendesse dizer que não se trata de violência de gênero, mas de uma fatalidade, um infortúnio do destino.

Ainda sobre o título, o enunciado **HOMEM MATA AMANTE E SE ATIRA DA 3ª PONTE** é construído na ordem direta (sujeito-verbo-complemento), evidenciando o ato de violência cometido pelo agressor, o foco está no homem. Chamamos atenção o fato de o enunciador referir-se ao agressor como “HOMEM” e na linha fina faz referência a “Empresário”, o que nos leva a pensar sobre as escolhas lexicais que incidem sobre o autor do crime passional.

A posição social do agressor remete à ideia de relação de poder que este possui no contexto social, o que lhe possibilitaria não responder, como deveria ser, ao crime cometido. A impressão que se tem é que o agressor, percebendo que a decisão tomada de tirar a vida da namorada extraconjugal não teria volta, dada à premeditação do crime, acaba lhe tirando a vida.

A forma como o enunciador se refere ao agressor, constrói a possibilidade de o leitor legitimar a imagem social construída do homem, a quem são referendas, em uma concepção patriarcal, certas atitudes machistas, como também o lugar social que ocupava o agressor. Em nenhum momento o autor é intitulado agressor e autor de uma violência contra a mulher com quem mantinha uma relação amorosa.

Conforme mencionado em Lage (1987), o título exerce uma função importante uma vez que pretende chamar a atenção do leitor para o fato que será narrado. Ao trazê-lo em caixa alta, com as letras escritas em cor branca e o fundo preto, aponta para a tragédia ocorrida. A verbo-visualidade, ainda que não seja categoria de análise desta tese, é evidenciada por meio de um jogo de imagens que é incorporado na construção da matéria, a fim de evidenciar a tragédia consumada conforme podemos observar no anexo.

Segundo Brait (2003), a perspectiva verbovisual²⁷ de um enunciado refere-se à “dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente”.

Quanto ao corpo da notícia, constatamos que o lide não obedece à forma “clássica”, que exige a resposta às questões básicas – o quê, quem, onde, quando, como, por quê – haja vista que o enunciador inicia o texto com uma informação que contextualiza o fato:

“Um romance fora do casamento acabou em tragédia na Terceira Ponte no final da tarde de ontem”.

Ora, tal enunciado concreto evidencia duas categorias de análise elencadas para a nossa análise. O tom apreciativo é marcado no momento em que o enunciador deixa claro o tipo de relação que mantinha o casal, conferindo-lhe a ilegitimidade do relacionamento, por meio de um tom depreciativo, reprovativo, nas convenções sociais de uma sociedade enraizada em uma cultura conservadora, em que é hábito esconder qualquer ato que viole os bons costumes e a moral do homem em determinado grupo.

Em outra perspectiva, depreendem-se as vozes sociais ecoadas por meio do discurso conservador, discurso moralista, o discurso religioso, discurso familiar que permeiam o enunciado, criando um efeito de sentido que revela o seu tema, propriedade de cada enunciado, pois é individual, não reiterável e irrepetível.

“Apesar de casado há 20 anos...”

“... pai de dois filhos, de 17 e 19 anos...”

“... mantinha o romance com Gizele havia 15...”

“... o homem, que era evangélico, ...”

Em relação ao discurso citado, podemos observar que ele “constitui um discurso encaixado no interior do qual se manifesta uma interação dinâmica” (Bakhtin, 2006),

²⁷ Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf>. Acesso em julho de 2017.

sendo assim, o enunciador, a partir dos verbos que emprega para introduzir o discurso de outrem (por exemplo: falar, dizer, afirmar, expor), aponta para um grau mínimo de comprometimento enunciativo-discursivo, afastando-se de qualquer responsabilização diante do conteúdo que é mencionado.

“Um irmão de Gizele [...] contou à polícia um dos motivos da separação do casal”

“Segundo ele, a gerente [...] queria ter filhos ...”

“Disse ainda que...”

Como constatado na notícia analisada, percebemos que o projeto de produção da notícia perpassa pela relação dialógica entre os sujeitos sociais envolvidos, e, dessa forma, os efeitos de sentido são mobilizados na construção de enunciados concretos.

Notícia 2 – A GAZETA (25/02/2014)

SEGURANÇA CIDADES 15
TERÇA-FEIRA, 25 DE FEVEREIRO DE 2014 A GAZETA

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

MULHER É ESFAQUEADA AO AMAMENTAR O FILHO

Após deixar a prisão por agredir a mulher, ex-marido tentou matá-la

Menos de um mês após ser preso por agredir a ex-mulher, um homem cumpriu a ameaça e tentou matá-la, ao sair da cadeia. A mulher, de 40 anos, foi esfaqueada enquanto amamentava o filho do casal, de 2 anos. O crime aconteceu na noite de domingo, no bairro Vila Nova, em Vila Velha. Segundo a dona de casa, o acusado tentou matá-la porque não aceita a separação. Ele já a teria agredido e ameaçado de morte outras vezes.

O homem não está sendo identificado para preservar a identidade da vítima e dos filhos dos dois. Entretanto, já está sendo procurado pela polícia.

O ex-marido havia sido preso no último dia 2, após agredi-la. Na ocasião, ele ameaçou matá-la quando saísse da prisão.

A dona de casa conta que, desde que o ex-marido saiu da prisão, há uma semana, tem feito ameaças não só a ela, mas também à enteada de 15 anos, que, segundo a mulher, já foi abusada sexualmente por ele.

“Nós ficamos juntos durante 11 anos. Ele sempre foi agressivo, mas de cinco anos para cá piorou. Isso aconteceu depois que a minha filha cresceu mais. Como ele a criou, queria tomar posse. E tentou estuprá-la. Foi por isso também que passou a me perseguir”, ressaltou.

O CRIME

A dona de casa, que trabalha como artesã, contou que estava na porta da casa de uma amiga, junto com outras quatro pessoas, quando o ex-marido chegou com os filhos do casal – um menino de 9 anos, uma menina de 5 anos e o menino de 2 anos –, por volta das 22 horas.

Segundo ela, o acusado pegou as crianças na casa dessa amiga sem pedir autorização. E, apesar de ter marcado de entregar os filhos às 13 horas de domingo, só os devolveu à noite.

“Ele chegou com as crianças e começou a dizer que queria conversar comigo. Disse que não tinha nada para falar com ele. Ele estava alterado, bêbado. Quando eu disse que não ia conversar, ele tirou uma faca grande de uma bolsa com roupas de criança e me esfaqueou”, lembra.

FUGA

A dona de casa ressaltou que estava amamentando o filho mais novo no momento em que começou a ser esfaqueada pelo ex-marido. Para proteger a criança, ela teve que soltá-la e, em seguida, correu para dentro da casa da amiga. Mesmo assim, foi atingida por três golpes de faca na barriga e um nas costas.

Após agredir a dona de casa, o acusado fugiu. Já a vítima foi levada para o Hospital Antônio Bezerra de Faria, em Vila Velha, e não corre risco de morte. “As pessoas da rua queriam pegá-lo, então, ele fugiu. Nós estamos separados há 20 dias, e ele fez isso porque não quer a separação”, contou.

A notícia foi publicada no dia 25 de fevereiro de 2014, na editoria Cidades, o que mostra a sua relevância para a sociedade em geral. Diferente da primeira notícia, que não traz a retranca nem o chapéu devido às escolhas discursivas de seu produtor, a notícia em questão apresenta esses componentes como podemos constatar acima.

Além de trazer a editoria à qual está vinculada a notícia, o produtor do texto nomeia a retranca de “Segurança” e traz no chapéu a expressão “Violência contra a mulher”, identificando o assunto sobre o qual será abordado ou a personagem central, o objeto do discurso.

Sendo apresentada ao leitor como uma possível notícia de crime policial, dado o fato de ter sido publicada sob a retranca de “Segurança”, é comum que as escolhas lexicais presentes da notícia estejam vinculadas ao episódio de violência. Essas escolhas revelam um tom apreciativo de quem produz a notícia, pois deixa claro o seu propósito de “fazer sentir”, antes mesmo do “fazer saber”.

O título da notícia, também em relação à diagramação, aparece em caixa alta, letra destacadas em negrito e com forte impacto visual, típicos mecanismos para atrair a atenção do leitor. A forma como as palavras estão dispostas no enunciado da manchete – em especial a sintaxe, marca os traços do sujeito da enunciação, revelando o tom apreciativo em relação entre a mulher e o ex-marido, acusado por tentativa de homicídio.

Ao apreendermos que nenhum discurso é virgem, portanto, ecoam dentro dele as inúmeras vozes sociais que dialogam no universo da enunciação. Nessa perspectiva, observamos o modo como essas vozes – como a do discurso machista, refletem e refratam a realidade da violência de gêneros.

Destacamos, então, as variadas formas de construção desse título, e para cada efeito de sentido – constituinte do tema do enunciado – revela-se uma intencionalidade discursiva em detrimento do projeto de dizer do produtor da notícia. À luz de Bakhtin (2001), percebemos que o sentido da palavra se dá como palavra viva no enunciado concreto.

Considerando as seguintes proposições abaixo:

MULHER É ESFAQUEADA AO AMAMENTAR O FILHO
ESPOSA É ESFAQUEADA AO AMAMENTAR O FILHO
MÃE É ESFAQUEADA AO AMAMENTAR O FILHO
MARIDO ESFAQUEIA A ESPOSA AO AMAMENTAR O FILHO

é possível perceber o quanto a escolha e a disposição das palavras em um título pode afetar o processo discursivo da notícia, ao construir efeitos de sentidos que podem revelar um tom apreciativo diferente do outro, com a manifestação das vozes sociais que legitimam certos comportamentos humanos. Constatamos, então, que a produção do sentido, além de constituído nas relações dialógicas, recorre não só dos recursos linguísticos, mas também dos recursos estilísticos que atendam a determinada situação de comunicação.

Ainda sobre o título da notícia nesse momento analisada, notamos a ocorrência da voz passiva na ação verbal,

MULHER É ESFAQUEADA [POR EX-MARIDO] AO AMAMENTAR O FLHO

que, em uma perspectiva discursiva, pode evidenciar a imagem da vítima, e apagar a imagem do agressor, desonerando-o de suas responsabilidades perante a Justiça. Porém, em seguida, a partir da linha fina,

“Após deixar a prisão por agredir a mulher, ex-marido tentou matá-la [...]”

fica evidente o autor das agressões, haja vista que na manchete da notícia quem tem a imagem exposta e colocada a todos os tipos de julgamento social.

Nesse caso exposto, é possível inferir que as marcas de modalização do discurso, por meio da voz passiva, acaba mitigando as reações diante do fato ocorrido, no entanto, esse tipo de construção linguística reproduz, de certa forma, o modo como as mulheres vítimas de violência doméstica ainda são tratadas no contexto do século XX.

Para fins de esclarecimentos, é importante ressaltar que as notícias aqui selecionadas não trazem, em todos os seus elementos de composição, todas elas as categoria 'de procedimento de análise, e, sim, uma possibilidade para construirmos ações de enfrentamento da violência contra a mulher.

O lide da notícia não se concentra inteiramente no primeiro parágrafo, como orientam os manuais de redação e estilo de jornais renomados, como os já citados nesta tese. Em contrapartida, ao longo do texto, o leitor vai se apropriando das informações pertinentes ao "lide clássico".

Em conclusão da análise desta notícia, vale destacar a presença do discurso do outrem, presente em dois trechos de fala da mulher vítima da agressão, qual seja,

“Nós ficamos juntos durante 11 anos. Ele sempre foi agressivo, mas de cinco anos para cá piorou”.

Nesse trecho, o produtor da notícia parece isentar-se dos efeitos de sentido que o fato noticiado produz, a partir de uma distanciamento marcado pela 3ª pessoa do singular, remetendo a responsabilidade do enunciado à própria vítima que, em seu depoimento, imprime a sua voz no enunciado do qual é objeto do discurso.

Porém, o fato de o produtor da notícia recorrer ao discurso direto, por meio da presença da voz da vítima de agressão no enunciado, acaba legitimando esse discurso e o sujeito social que o enuncia, o que também revela um tom apreciativo em seu discurso.

Inúmeras são as leituras e interpretações possíveis de se levantar desse trecho acima, uma vez que os sentidos nele impregnados transcendem à microestrutura do enunciado. A presença de um operador argumentativo – *mas* – leva-nos a inferir sobre a possível catarse vivenciada pela vítima de violência doméstica, à medida que, ainda sob

uma atitude conformista da violência que sofre, constata que esse conformismo alimentou o grau de violência de seu companheiro.

Vejam, então, que o produtor da notícia, enquanto enunciador, estabelece uma relação dialógica com o seu objeto do discurso, possibilitando-o a assumir-se como sujeito dialógico na produção do enunciado, isto é, enunciador e objeto do discurso entrelaçados na arena de vozes.

Notícia 3 – A GAZETA (25/02/2014)

16 CIDADES

A GAZETA TERÇA-FEIRA, 25 DE FEVEREIRO DE 2014

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

TERROR DENTRO DE CASA

“Ele me torturava de todas as formas. Dizia que ia me matar”

“Ele me torturava de todas as formas, fisicamente e emocionalmente. Dizia que ia me matar quando eu estivesse dormindo ou me mataria viva. Que ia arrancar minha orelha, queimar meu corpo, arrancar um peito meu para eu lembrar dele para o resto da vida”. O desabafo é de uma doméstica de 41 anos, vítima de violência dentro de casa há pelo menos 15 anos.

Na noite de domingo, a mulher escapou por pouco da morte. Seu marido, um soldador de 38 anos, foi preso em flagrante após jogar álcool e tentar queimar a esposa, dentro de casa, no bairro Eldorado, na Serra. A doméstica foi salva por vizinhos, que escutaram os gritos dela e acionaram a polícia.

Foi apenas mais um episódio em uma vida inteira de sofrimento. As agressões sempre fizeram parte do relacionamento de 15 anos. “Isso parece uma doença. Ele bebe muito e fica agressivo. Além disso, é muito ciumento”, diz ela.

Na tarde de sábado, os dois estavam em um bar, e o soldador passou a ameaçar a esposa de morte, alegando que ela estava flertando com outro homem.

Ao chegarem em casa, ele começou a agredir a mulher e ameaçou matá-la com uma faca. “Ele disse que ia me matar dormindo e que colocaria a faca na minha mão para parecer que foi um acidente, que eu mesma tinha me ferido”, relatou a vítima.

Com medo, a mulher foi até a cozinha, pegou todas as facas na gaveta do armário e as jogou em um bueiro, no meio da rua. Depois, o casal foi dormir. De madrugada, a doméstica acordou com o marido sentado ao lado dela, olhando fixamente. “Não consegui dormir mais”, disse ela.

No dia seguinte, domingo, a mulher acordou cedo e começou a se arrumar para ir ao sítio dos pais, para visitá-los. Isso foi motivo para o marido ter uma crise de ciúmes e passar a bater na vítima.

FOGO

Ele pegou uma garrafa de álcool, despejou todo o líquido em cima da esposa e disse que iria queimá-la viva. Ao se virar para pegar o isqueiro, a vítima aproveitou a distração do marido e correu para o portão de casa. Quando chegou na rua, se deparou com uma viatura da Polícia Militar, que já havia sido acionada pelos vizinhos.

Os militares relataram na ocorrência que a vítima estava completamente encharcada de álcool. O homem foi preso e levado para o Plantão Especializado da Mulher, em Vitória. Ele negou a tentativa e disse que nunca agrediu a esposa. O soldador foi autuado por tentativa de homicídio e encaminhado para o presídio.

A presente notícia foi publicada no dia 25 de fevereiro de 2014 no jornal A Gazeta. Ainda que existam duas notícias com publicações no mesmo dia, julgamos relevante trazê-las para a discussão, uma vez que em seu processo de construção há traços convergentes, mas também outros totalmente divergentes, o que não faz um ser melhor que o outro. É por meio dessa reflexão que identificamos o estilo, haja vista que todo autor se vale de uma modalização para marcar um estilo individual, revelando a sua subjetividade.

Construída pela editoria de Cidades do jornal, a notícia destaca a “Violência doméstica” em seu chapéu, porém não apresenta a retranca cuja função é identificar o assunto do texto. Logo abaixo do chapéu da notícia, o enunciador emprega uma expressão:

TERROR DENTRO DE CASA

O enunciador, supostamente, pretende atrair a tenção do leitor para o fato que deseja relatar. Dessa forma, manifesta logo no início um tom apreciativo não de uma parte do que vai relatar, mas, temos a impressão de que essa apreciação valorativa refere-se ao todo do discurso que irá enunciar.

O relato jornalístico narra um caso de tentativa de homicídio sofrida por uma “doméstica”, vítima dos atos de violência praticados pelo marido há cerca de 15 anos, segundo relatos da própria vítima, descritos no corpo da notícia. Sobre o episódio, relata-se que a mulher escapou da morte, após fugir do marido que jogou uma garrafa de álcool sobre o corpo da vítima, a fim de matá-la queimada.

O primeiro ponto que nos chama a atenção, na produção do texto, é que o enunciador não apresenta o fato como geralmente é marcado nas notícias de violência: X + verbo de ação + Y, em que X representa o agente da agressão e Y refere-se à vítima do ato de violência, como, por exemplo, “Marido mata esposa a facadas”, ou da outra forma também típica de construção da manchete: Y + verbo na voz passiva + agente da passiva (representando o agressor), por exemplo, “Esposa é morta a facada pelo marido”.

O enunciador emprega, na manchete, um trecho do depoimento da vítima da agressão física, como se quisesse evidenciar as constantes agressões a que era submetida a mulher.

“Ele me torturava de todas as formas. Dizia que ia me matar”

A partir do discurso citado, marcado por aspas – *“Ele me torturava de todas as formas. Dizia que ia me matar”*, o sujeito do enunciado dá voz ao seu objeto do discurso, tentando marcar um certo grau de imparcialidade diante do fato que deseja relatar. Porém, refutamos veemente essa possibilidade, uma vez que todas as escolhas são marcadas por um viés subjetivo e responsivo.

Essa estratégia de empregar um enunciado do próprio objeto do discurso no título do relato jornalístico não é tão comum assim (LAGE, 1987; 1981). Dessa forma, o enunciatador flexiona os tradicionais padrões do jornal impresso, como também se inscreve no discurso a partir do momento que traz à tona a voz da vítima de violência doméstica para dialogar na arena social, onde sentidos reverberam-se na interação dialógica entre os sujeitos sociais.

A presente notícia não traz a linha fina e o seu lide é totalmente desconstruído, outra estratégia de legitimar um novo formato de construção da notícia nos tempos atuais. Portanto, como o texto noticioso segue um novo formato, chama-nos a atenção alguns procedimentos de elaboração da notícia inovadores e cheios de personalidade, seguramente reafirmados na dialogia do próprio produtor da notícia, enquanto sujeito da enunciação

Na produção desta notícia, percebe-se que o enunciatador não apresenta o fato como geralmente é marcado nas notícias de violência, isto é: X + verbo de ação + Y, em que X representa o agente da agressão, e Y refere-se à vítima do ato de violência, como, por exemplo, *“Marido mata esposa a facadas”* – no anexo 1 desta tese. Ou, como podemos observar, da outra forma também típica de construção da manchete: Y + verbo na voz passiva + gente da passiva (representando o agressor), por exemplo, *“Esposa é morta a facada pelo marido”*.

No primeiro parágrafo, iniciado com transcrição do discurso da vítima, o produtor da notícia – enquanto sujeito do enunciado, emprega a palavra *desabafo* para caracterizar o depoimento que a mulher concedeu na entrevista, ainda que o termo mais adequado fosse “acusação”. Não muito comum em textos noticiosos, esse tipo de estratégia nos induz a pensar que o produtor da notícia (sujeito do enunciado) é um sujeito dialógico por natureza, já que o dialogismo se manifesta nas atividades languageiras dos sujeitos sociais em constante interação.

Observa-se, nesta notícia, que o lide só vai aparecer a partir do segundo parágrafo (O quê? Quem? Como? Quando? etc.), o que acaba ratificando a hipótese construída sobre a possível estratégia do enunciador no processo de construção do relato, ou seja, antes do “fazer saber”, ele apela para um “fazer sentir”, a fim de promover a empatia do leitor sobre o caso relatado.

No parágrafo seguinte, logo no primeiro período, percebemos a apropriação pelo enunciador do discurso citado, a fim de incidir um alto grau de legitimidade do discurso que enuncia, a partir do enunciado da mulher vítima de violência doméstica.

“Foi apenas mais um episódio em uma vida inteira de sofrimento. As agressões sempre fizeram parte do relacionamento de 15 anos.”

Esse trecho extraído do depoimento da vítima, revela uma naturalização do ato de violência. As vozes sociais ecoam fortemente enunciado, uma vez que o discurso patriarcal considera comum as agressões do marido em sua esposa, ainda mais quando o homem a tem como sua propriedade e usufruto.

Essa constatação é ratificada quando o enunciador da notícia, apropriando do discurso de outrem, inscreve o seguinte trecho em seu discurso:

– “Isso parece uma doença. Ele bebe muito e fica agressivo. Além disso, é muito ciumento”.

A entonação marcada no discurso pelo enunciador parece reproduzir a impressão construída a partir do próprio depoimento da vítima, haja vista que ela também, em sua fala, busca uma justificativa para a motivação das agressões.

O episódio de violência é construído, discursivamente, como um enredo típico de um filme de terror, com fortes requintes de crueldade. Como afirma Dias (2008, p. 59),

[...] esse ‘tom’ ficcional presente na narração dos fatos acaba por autorizar a interferência do narrador, eximindo-o de seu compromisso com a objetividade. Nesse contexto de ‘licença’ criativa, é permitido ao ‘narrador-jornalista’ dar maior intensidade emocional ao relato e buscar uma relação de proximidade e intimidade com o leitor.

O comportamento obsessivo do agressor perante a vítima – justificado pelo ciúme exacerbado, é comprovado a partir do trecho narrado:

“De madrugada, a doméstica acordou com o marido sentado ao lado dela, a olhando fixamente”.

A todo o momento, à medida que vai tendo acesso à dinâmica do acontecimento, o leitor vai sendo conduzido a um contexto de violência no qual vítima e agressor conviviam ao longo do tempo do relacionamento. Esse contato com o contexto no qual acontecem as agressões nos conduz a acreditar que se deve aos procedimentos adotados pelo produtor da notícia – como sujeito da enunciação, a fim de conferir não só a legitimidade de seu discurso, por meio do discurso do outro, mas também, concede voz a quem é negado esse direito de falar. Toda essa dinâmica aponta para o tom apreciativo, “traço constitutivo do enunciado”, conforme já mencionado nesta tese;

Notícia 4 – A GAZETA (25/06/2014)

10 CIDADES SEGURANÇA

A GAZETA QUARTA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 2014

ESTUPROU, MATOU A FACADAS E AINDA FILMOU

Homem é preso e confessa crime bárbaro contra a namorada

Um crime covarde e bárbaro chocou todo o Estado ontem. A jovem Gabryella Oliveira Bonfim Sampaio, 24 anos, foi morta a facadas depois de ser estuprada pelo namorado e por um amigo dele, na noite de segunda-feira, no bairro Novo México, em Vila Velha. Eles gravaram com um celular toda a violência sexual e enviaram o vídeo para a mãe da vítima, antes de matá-la. Gabryella era mãe de três filhos pequenos.

A jovem foi assassinada com seis facadas no pescoço. Os criminosos ainda colocaram um celular dentro da boca da vítima e cortaram os cabelos dela. “No Departamento Médico Legal (DML), uma faca foi encontrada na vagina da jovem. Foi um crime marcado por crueldade”, destacou o delegado Adroaldo Lopes, titular da Delegacia de Homicídios e Proteção à Mulher (DHPM).

Os acusados do crime são o namorado de Gabryella, Thiago Rosa do Sacramento, 25, e o amigo dele, Lucas Manhães Brício, 19. Ambos foram presos no final da tarde de ontem, em Guaranhus, Vila Velha, pelos policiais da DHPM. Na delegacia, eles confessaram o crime, segundo o delegado.

O casal assistiu ao jogo de Brasil x Camarões em uma casa de shows em Vila Velha e, por volta das 20h, deixaram o local juntos. O casal seguiu para a casa onde Thiago morava. Antes de violentar a namorada junto com o amigo Lucas, ele ligou para a mãe de Gabryella dizendo que iria estuprar e matar a jovem. E foi o que fez.

A tortura e a violência sexual contra Gabryella foi filmada pela dupla. O vídeo da barbárie foi enviado às 22h53 para a mãe de Gabryella, a doméstica Neize Oliveira Bonfim, 43, que era contra o namoro da filha. Ela não conseguiu visualizar o registro durante a noite, mas ficou preocupada e passou a ligar para Gabryella na tentativa de falar com a filha. Mas todas as chamadas caíam na caixa postal.

NAMORO

A família da jovem era contra o namoro, pois Thiago é ex-presidiário e usuário de drogas. Além disso, ele tinha ciúmes da vítima e havia agredido Gabryella no jogo do Brasil contra o México, no dia 17, depois que ela saiu com amigas.

Somente no início da manhã de ontem, a mãe conseguiu visualizar o vídeo. Chocada, ela se deu conta de que não se tratava de mais uma briga de casal, entre tantas que já haviam acontecido entre Gabryella e Thiago.

“No vídeo, ele violentava a minha filha e ela só gritava, pedindo para parar. Liguei para a polícia e fui até à casa. Eu cheguei primeiro e percebi que havia uma pessoa lá dentro”, lembrou Neize.

Quando entrou na casa, a polícia encontrou Gabryella morta, caída no chão, ensanguentada e vestindo apenas uma camisa da Argentina.

Essa notícia foi publicada no dia 25 de junho de 2014, na editoria Cidades, com a retranscrição identificando o assunto do texto como “Segurança”, sem a presença de chapéu. Marcada também por uma estratégia linguística e discursiva, a notícia traz fortes marcas de subjetividade do enunciador.

A notícia narra o feminicídio praticado contra a vítima pelo namorado. Tal ato de violência remete-se a um mito construído historicamente e culturalmente, no Brasil, chamado de “legítima defesa da honra”²⁸, ou seja, quando o cônjuge ou namorado(a) traído matasse o(a) parceiro(a) que trai e/ou a pessoa com quem trai.

O relato jornalístico está dividido em nove parágrafos nos quais é narrada toda a trajetória do crime. Logo na manchete, constamos a marca de presença do enunciador, que deixa transparecer o seu tom apreciativo em relação ao fato que vai narrar. Ao descrever os atos praticados pelo criminoso, ele emprega a palavra **AINDA**, que reforça os requintes de crueldade pelos quais a mulher foi assassinada.

O valor semântico, presente no operador “ainda”, revela as vozes sociais que dialogam no interior desse enunciando e que, assim como o enunciador, parecem

²⁸ De acordo com o atual Código Penal, em seu artigo 28, “*Não excluem a imputabilidade penal: I – a emoção ou a paixão*”, portanto, a “legítima defesa de honra” não é aceita pelos juristas; o argumento contrário pode levar à aplicação de uma pena maior ao acusado, considerando-se os artigos 61, inciso I, alínea ‘a’, e o artigo 121, §2º, inciso II, que corroboram com a mesma ideia, transformando o crime de motivo fútil para um crime qualificado. Disponível em: <http://direito.folha.uol.com.br/blog/cime-traio-e-legitima-defesa-da-honra>. Acesso em abril de 2017.

compartilhar a sensação de desumanidade, brutalidade em relação ao ato de violência. O operador “ainda”, que faz parte da última sentença do enunciado, assim expresso abaixo:

“... E AINDA FILMOU”

leva-nos a inferir sobre o seu efeito de sentido e como ele pode mitigar os outros atos de violência causados pelo agressor, isto é, a força semântico-discursiva desse operador parece revelar uma gradação da violência doméstica sofrida pela mulher.

Além disso, o termo ressalta o absurdo com que o ato foi praticado, o que é ratificado em seguida pelo título auxiliar,

“Homem é preso e confessa crime barbado contra a namorada”,

em que o adjetivo “*bárbaro*” revela o grau de engajamento do enunciado com o seu discurso.

O primeiro parágrafo da notícia, onde também encontramos o lide da notícia em questão, é aberto por meio de um forte tom apreciativo do enunciador, quando enuncia:

“Um crime covarde e bárbaro chocou todo o Estado”.

Percebe-se, claramente, não só a comoção do enunciador frente ao crime sobre o qual vai relatar, mas também generaliza tal comoção ao demais cidadãos. Ainda que se busque uma objetividade, uma neutralidade diante do fato que se narra, é mister dizer que, na construção do discurso, o subjetivo está marcado, implícita ou explicitamente. No caso desta notícia, ele parece ter sido marcado intencionalmente.

No mesmo parágrafo, também composto pelo dados pertinentes ao lide, o enunciador revela o traço de barbaridade com que o crime foi praticado, ao dizer:

“Eles gravaram com um celular toda a violência sexual e enviaram o vídeo para a mãe da vítima, antes de matá-la. Gabriela era mãe de três filhos pequenos”.

Como mencionado acima, o crime de honra, aplicado ao caso relatado, caracteriza-se como uma lição aplicada àqueles que porventura desconhecem ou descumprem um código de conduta social, construído e legitimado dentro de uma cultura patriarcal que vê a mulher como propriedade única e exclusivamente do homem com quem ela mantém alguma relação de intimidade.

No segundo parágrafo, descreve-se mais a cena do crime, o que geralmente chamamos *documentação* da notícia, como no trecho destacado abaixo:

“A jovem foi assassinada com seis facadas no pescoço. Os criminosos ainda colocaram um celular dentro da boca da vítima e cortaram os cabelos dela.”

Nesse contexto de produção da notícia, parece-nos que o enunciador busca sensibilizar o leitor a partir do enunciado concreto, haja vista que o “fazer sentir” sobrepõe-se ao “fazer saber”, estratégia geralmente usada em relatos de notícia de cunho mais popular, no entanto, esses traços linguísticos e discursivos vêm tomando, de certa forma, cada vez mais espaço no mercado editorial que busca atrair um público mais heterogêneo.

Nos parágrafos seguintes, o enunciador vai construindo todo o enredo da violência. O que chama a atenção é que a dinâmica do crime parece ter sido realizada em dois planos: no primeiro momento, o casal mantém um clima afetivo pacífico – ainda que o namorado já tenha agredido em outras ocasiões a vítima

“... não se tratava de mais uma briga do casal, entre tantas que já haviam acontecido entre Gabryela e Thiago”,

de acordo com o depoimento da mãe da vítima, concedido ao jornal.

Destacam-se, também, os qualificativos que o enunciador atribui ao crime relatado em seu discurso –

“bárbaro”; “covarde”; “marcado por crueldade”; “a tortura”.

Ao apresentar vocábulos para caracterizar o ato de violência, ele não só evidencia o alto grau de violência aplicado contra a vítima pelos seus algozes, mas

também externa a sua entonação apreciativa diante da barbaridade que precisa narrar. O grau de parcialidade no enunciado é relevante, haja vista eu o produtor da notícia, teoricamente, deve primar por uma postura mais imparcial, mais neutra, sem deixar transpassar as suas opiniões diante do que narra, conforme os manuais de redação e estilo. Ora, se todo o processo de construção da notícia implica tomar uma posição, por mais modalizada que seja, o enunciador deixará marcas de sua compreensão.

Retomando à questão levantada, anteriormente, sobre o emprego do termo “*ainda*” na manchete da notícia, podemos inferir que a sua concepção semântica, no enunciado, realça a ação verbal “filmou”. É evidente que a violência doméstica contra a mulher por si já revela a atitude bárbara do agressor em relação à vítima. Nos crimes cometidos contra a mulher, a ação praticada pelo agressor geralmente se resume a uma só, entretanto, pode-se constatar a prática da violência com o emprego de outras ações, como: matar, estuprar, esfaquear, estrangular, queimar, etc.

Nesse caso específico, uma ação inicialmente inofensiva é usada pelo agressor com o intuito de não só provocar a dor na mãe

“que era contra o namoro da filha”

e nos demais familiares da vítima, como também expor, ridicularizar a mulher com quem mantinha uma relação de intimidade. Filmar uma agressão física – ainda pior quando é o agressor quem filma o próprio ato criminoso – banaliza o ato de violência, o criminoso ridiculariza a vítima, “enaltece” a imagem de poder, ainda que momentaneamente, que deseja imprimir para a sociedade.

Tem-se a impressão de que o próprio namorado, algoz declarado de sua própria namorada, reconhece a si mesmo como um juiz capaz de aplicar uma pena contra a companheira, imputando-lhe a tortura, a humilhação e a morte, como forma de ela se redimir da suposta traição

“depois que ela saiu com as amigas”.

Por fim, outra informação destacada pelo enunciador em seu discurso é o fato de o relacionamento não ser consentido pela família da vítima. Esse dado exposto na construção da notícia parece bastante relevante, já que, conforme inferimos acima, a

intenção de provocar a dor e o sofrimento eterno da mãe por ter perdido a sua filha configura uma certa resposta do agressor à família da companheira que nunca o acolheu.

4.1.1 Considerações acerca das notícias do jornal *A Gazeta*

A partir da leitura das notícias selecionadas para a análise, pudemos perceber uma tentativa de padronização da estrutura composicional do gênero, em especial no que tange à disposição das informações, ou seja, a forma como elas são apresentadas ao longo da narrativa. Porém, essa estrutura não é estanque, ainda mais porque

uma notícia é um modelo idealizado e prática discursiva que aparece imbricada com outros elementos que propiciam a emergência de outros gêneros. Sendo assim, ela pode ser reconstruída, alterada à medida que assume outras categorizações tais como reportagem, editorial, artigo de opinião, entrevista, dentre outros gêneros que gravitam em torno da notícia (OLIVEIRA, 2009, p. 53).

Ainda que o jornal *A Gazeta* não se configure um jornal popular, de cunho “sensacionalista”, a linguagem presente nas notícias de violência doméstica contra a mulher se aproxima consideravelmente à linguagem daquele, ou seja, um nível mais coloquial e a construção de períodos mais curtos e menos complexos. Dias (2008) nos esclarece que

no plano linguístico não há razão alguma que justifique uma estigmatização da linguagem [...], porém, no plano social, no nível da interação entre os indivíduos, há que se ter em conta que o valor de um discurso depende do *status* social do locutor [...] (DIAS, 2008, p. 51 – *grifos da autora*).

Sendo assim, é importante salientarmos que o produtor da notícia, enquanto sujeito do enunciado, projeta o seu discurso para um leitor idealizado. Porém, esse leitor não é totalmente desconhecido pela instituição jornalística, uma vez que ela, além de ser uma “construtora de informações” (CHARAUDEAU, 2012), precisa lidar com as questões mercadológicas que orientam diretamente o processo de produção, divulgação e circulação dos produtos que almeja oferecer à sociedade, e a notícia também se inclui entre eles.

Os temas constituídos nas e pelas notícias revelam as condições nas quais se encontram a mulher, em pleno século XXI. O paradigma da mulher enquanto propriedade do homem, a quem ela não só deve obediência, mas também sobre quem acaba desenvolvendo um dependência muito mais emocional que financeira. Outra concepção revelada nos discursos analisados é a banalização da violência, ou mais que isso, a banalização da vida, haja vista que boa parte dos motivos que leva o agressor a cometer o crime é por futilidade, principalmente quando o que está em jogo é a imagem social que ele precisa manter, a necessidade de autoafirmar a sua masculinidade, ideia concebida na perspectiva machista.

Em relação à vozes sociais, presentes nas notícias de violência contra mulher, é comum constatar os discursos religioso, familiar, o machista, o político etc., marcados sobremaneira nos enunciados produzidos pelo produtor da notícia – enquanto sujeito do enunciado. A questão levantada é: de quem partem esses discursos e para quem eles são dirigidos? Na discussão por uma resposta, percebemos o quão importante é o exercício da alteridade como forma de promover o diálogo entre os sujeitos sociais historicamente marcados, a fim de que estes responsabilmente exerçam a sua cidadania em prol do enfrentamento à violência contra a mulher.

4.2 Notícias publicadas pelo jornal *Público*, em 2014

Antes de iniciarmos as análises das notícias do jornal português, é indispensável salientar que estaremos diante de um processo de produção discursiva bem diferente do que geralmente se vê nos jornais brasileiros. Outro ponto a destacar é que não faz parte dos objetivos desta tese realizar análise sociolinguística decorrente das variações linguísticas da língua portuguesa.

Sendo assim, o nosso objetivo é descrever a modalização a partir das marcas discursivas desveladas no relato jornalístico. É possível que algum traço de variação linguística seja destacado, uma vez que sabemos que o linguístico é intrínseco ao discurso.

Além do aspecto linguístico e discursivo, faz-se necessário compreender que o comportamento sociocultural em Portugal é bastante diferente ao do Brasil, o que nos

leva a um olhar diferente – e jamais xenofóbico – das condições de produção do relato jornalístico.

Dessa forma, pode-se perceber nas notícias de violência contra a mulher uma certa “variante discursiva”, ou seja, a probabilidade de a mídia impressa portuguesa apresentar uma prática discursiva outra no que tange à construção da notícia.

Por fim, identificaremos, também, as manchetes das notícias selecionadas para análise:

N1: (18/04/2014) – Homem que disparou sobre quatro mulheres já tinha ameaçado matá-las

N2: (02/06/2014) – Crimes de violência doméstica somam mais de três vítimas

N3: (22/08/2014) – Avisaram Adélia para não abrir porta a ex-marido. Agora corre risco de vida

N4: (21/10/2014) – Mãe e filha morreram à porta de casa vítimas de violência doméstica

Notícia 1 – PÚBLICO (18/04/2014)

6 | PORTUGAL | PÚBLICO, SEX 18 ABR 2014

Homem que disparou sobre quatro mulheres já tinha ameaçado matá-las

A PJ e a GNR preparavam-se, por volta das 24h de ontem, para entrar na residência do homem que disparou contra quatro familiares, matando duas delas, em Valongo dos Azeites, no distrito de Viseu. O carro do suspeito encontrava-se estacionado junto à sua casa, em Trevões, a cerca de quatro quilómetros do local onde foram feitos os disparos que mataram a sogra e a tia da ex-mulher e que deixaram feridas a antiga companheira e a filha, esta com gravidade.

As autoridades planearam com alguma demora a operação de entrada na casa, já que temiam que o alegado homicida estivesse armado e disparasse contra os agentes. Apesar da precaução, as autoridades admitiam que o autor dos disparos se tivesse suicidado, algo que, aliás, o suspeito já tinha dito que faria nas várias vezes que prometeu matar a ex-mulher e as familiares que a ajudavam e protegiam. Mal deu os tiros, o suspeito fugiu do local, tendo estado a GNR e a PJ tentado localizá-lo.

O alerta do incidente foi dado pelo Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) à GNR de Viseu e, simultaneamente, por familiares que ouviram os disparos pouco depois das 16h. Na aldeia isolada de Valongo dos Azeites todos dizem que esta era uma tragédia anunciada. As agressões e as ameaças não eram recente e, neste momento, o suspeito até estava obrigado a usar uma pulseira

electrónica que tinha o objectivo de fiscalizar a obrigação de se manter afastado da ex-companheira. Ao violar a medida de coacção accionou um alarme num aparelho tipo telemóvel que estava com a vítima e outro na central da DGRSP.

O homem estava proibido de contactar com a ex-mulher no âmbito de um inquérito por violência doméstica aberto no ano passado. Os primeiros a chegar ao local foram os Bombeiros de S. João da Pesqueira que tinham sido chamados para assistir uma mulher em paragem-cardiorrespiratória. Porém, no local depararam-se com um cenário bem mais complicado. Segundo o comandante da corporação, Paulo Esteves, quando chegaram o agressor já não se encontrava no local. Os bombeiros tentaram de imediato socorrer as quatro vítimas. A equipa de socorro tentou reanimar, sem sucesso, a sogra e tia da ex-mulher, que morreram no local.

Sucessão de agressões

Um helicóptero do INEM resgatou a filha do casal, uma mulher de 30 anos, a ferida mais grave. A jovem foi transportada para os hospitais universitários de Coimbra e a mãe, com 52 anos, foi levada de ambulância para o hospital de Viseu. A filha apresenta ferimentos na zona do tórax e teve que ser operada de urgência, uma intervenção arriscada que correu bem. Já a mãe, de 52 anos, apresenta “apenas algumas escoriações”.

De acordo com vizinhos das vítimas em Valongo dos Azeites, uma pequena localidade com 227 habitantes, a ex-mulher seria vítima de violência doméstica, o que terá motivado o divórcio há cerca de cinco anos. Apesar da separação, o ex-marido terá continuado a perseguir a antiga companheira que terá ameaçado de morte inúmeras vezes na presença de terceiros, contaram ao PÚBLICO. Aliás, o homem prometera matar a ex-mulher, a sogra e a tia, que ajudavam e protegiam a antiga companheira. No final do ano passado, a GNR realizou buscas na residência do alegado agressor, em Trevões. Na diligência, realizada no âmbito do inquérito por violência doméstica, foram apreendidas várias armas encontradas na casa. A GNR acredita que o suspeito terá comprado recentemente a caçadeira usada ontem.

Os moradores de Valongo dos Azeites, que preferiram não se identificar com medo de represálias do alegado homicida, elogiam a combatividade da ex-mulher e dizem que o alegaautor dos disparos é um homem agressivo, que não se cansava de perseguir a antiga companheira.

“Ela até chegou a estar fugida numa daquelas instituições de acolhimento de vítimas de violência, mas ele acabava sempre por a encontrar”, relatou uma vizinha. Por isso, há cerca de dois anos a ex-mulher decidiu regressar à terra onde nasceu, tendo ficado alojada em casa da mãe.

As agressões continuaram e o suspeito terá chegado a arrombar a porta da casa onde vivia a ex-mulher e a ameaçar alguns dos seus patrões por lhe darem emprego. A ex-mulher do alegado homicida terá então decidido colocar a mãe num lar, onde a tinha ido buscar para passar a Páscoa em família. O casal teria um processo em tribunal em que a ex-mulher exigia a restituição de uns terrenos que pertenciam à sua família e que o ex-marido terá colocado em seu nome, sem o seu conhecimento — a mulher que terá assinado de boa fé os documentos sem saber para que efeitos seriam.

Além da filha que foi ferida com gravidade a, o casal tinha ainda um filho, com cerca de 30 anos, que vive na Régua.

A notícia relata o caso de feminicídio e tentativa de feminicídio, na cidade Valongo dos Azeites, em que o homem mata a ex-sogra e a tia da ex-mulher, e fere a ex-mulher e a filha de casal que, inclusive teve ferimentos mais complexos. O agressor, ainda que portando uma pulseira eletrônica para não se aproximar da ex-mulher, cometeu um crime que, pela PJ (Polícia Judiciária) e a GNR (Guarda Nacional Republicana) de Portugal, pareceu bem premeditado.

O jornalista, enquanto sujeito do enunciado, de antemão nos revela o tipo de crime que foi cometido: trata-se de um crime de vingança contra as pessoas que porventura ajudaram a vítima quando esta havia perdido o emprego, por exemplo:

“... o suspeito já tinha dito que faria nas várias vezes que prometeu matar a ex-mulher e aos familiares quem ajudavam”

É muito comum, nos crimes contra a mulher, o acusado também se voltar contra aquelas pessoas que estiveram mais próximas da vítima, dando-lhe algum tipo de assistência e de vida.

O sujeito do enunciado apresenta uma informação relevante para a contextualização do ato de violência, quando diz que

“Na aldeia isolada de Valongo dos Azeites todos dizem que esta era uma tragédia anunciada”; “uma pequena localidade com 227 habitantes”,

ou seja, as constantes brigas do casal com agressões e ameaças culminaram no crime brutal.

Nesse presente relato, o tema que emerge do interior do discurso é a ineficiência do poder judiciário em garantir à vítima de violência o real cumprimento das medidas protetivas. Tal assertiva se baseia no fato de que

“o suspeito até estava obrigado a usar a pulseira electrónica que tinha o objetivo de fiscalizar a obrigação de se manter afastado da ex-companheira”.

Além da falta de fiscalização e de eficiência na manutenção das prerrogativas jurídicas, fica claro um tom depreciativo em relação ao poder judiciário português, ainda que de uma forma implícita.

Na passagem,

“Os moradores [...] elogiam a combatividade da ex-mulher”,

o enunciador ressalta a impressão (voz alheia) dos vizinhos em relação à vítima, empregando o termo “*combatividade*”, relacionando a situação vivida por ela como se fosse uma batalha árdua, nesse caso, existe uma marca de adesão do próprio enunciador diante do discurso que produz, pois revela não só a impressão dos vizinhos que testemunharam o ato de violência, como parece compartilhar da opinião deles.

Na proposição,

“As autoridades planejaram com alguma demora a operação de entrada na casa, já que temiam que o alegado homicida estivesse armado e disparasse contra os agentes”,

o enunciador modaliza o discurso ao se referir à ação empreendida pelos policiais, que, na verdade, levaram muito tempo para realizar.

Pode-se observar, também, traços de modalização quando o enunciador, ao relatar a chegada dos bombeiros para socorrer as vítimas, ele descreve a cena do crime da seguinte forma

“... no local depararam-se com um cenário bem mais complicado”.

O termo “complicado” representa a brutalidade do ato de violência, intensificado com dois advérbios, sendo que o “bem” ressalta a gravidade do crime.

Vale ressaltar que na notícia predomina o discurso indireto, o narrador não recorre ao discurso direto, restringindo-se apenas a relatar o fato a partir de um percurso histórico dos conflitos que havia entre o criminoso e suas respectivas vítimas.

PÚBLICO, SEG 2 JUN 2014 | PORTUGAL | 13



Queixas estão a aumentar em Portugal

Crimes de violência doméstica somam mais três vítimas

Este domingo, um homem matou a mulher e outro esfaqueou a ex-mulher e a filha. Em 2013 morreram 30 mulheres e dez homens

De manhã, um homem asfixiou a mulher até à morte, em Santarém. Ao final de tarde, outro homem esfaqueou a ex-mulher e a filha, em Felgueiras, com vários golpes, deixando a primeira vítima ferida com gravidade. Em comum os dois casos têm na base processos de separação. Mas se o primeiro agressor se entregou de seguida às autoridades, o segundo desapareceu após o crime e, ao início da noite de ontem, continuava fugido, com elementos de vários postos territoriais da GNR e da Polícia Judiciária de Braga no seu encalço.

Foi no final da tarde, por volta das 18h, que foi dado o alerta e pedida ajuda para a Rua de Fonte de Santa Quitéria, em Margaride, Felgueiras. Um homem tinha agredido a ex-mulher e a filha, desferindo-lhes vários golpes com uma faca de tipo militar. A adolescente, com 16 anos, ficou ferida porque tentou defender a mãe, que estava divorciada do pai há cerca de um ano. Os dois estão desempregados. Segundo uma fonte da GNR, já tinha havido um processo de violência doméstica que tinha sido arquivado.

No caso de Santarém, o motivo do desentendimento entre o casal que estava em processo de separação (ela era podologista e tinha 53 anos) foi a tentativa da venda da residência onde viviam. Após o crime, o homem, com 45 anos e que está desempregado, ligou para a GNR e entregou-se sem oferecer resistência. Ficou detido e hoje deverá ser apresentado ao juiz de instrução criminal.

O número de crimes de violência doméstica está a aumentar em Portugal. Quando apresentou o relatório anual de 2013, em Março passado, o secretário-geral do Sistema de Segurança Interna, Antero Luis, já demonstrava preocupação perante o acréscimo quer de mortes resultantes de violência entre cônjuges – no ano passado houve mais de três homicídios em relação a 2012 –, quer de queixas apresentadas às autoridades por violência. O fenómeno, observou então, é muito difícil de prevenir por parte das forças de segurança, dada a sua natureza.

Segundo o *Relatório Anual de Segurança Interna*, o número de crimes de violência doméstica aumentou 2,4% em 2013, ano em que se registraram 40 homicídios conjugais, mais três do que em 2012. No ano passado morreram 30 mulheres e também 10 homens vítimas de violência doméstica. Nesse ano, as autoridades receberam 22.247 participações contra cônjuges, mais 681 do que no ano anterior.

Os distritos onde se registrou o maior número de casos de violência doméstica foram Lisboa, Porto e Setúbal. Com mais de mil casos registados constam ainda os distritos de Braga, Aveiro, Faro e Coimbra.

Em Dezembro de 2013 estavam detidos 427 reclusos pelo crime de violência doméstica, mais 189 do que em 2011, e havia 210 agressores compulsiveira electrónica contra 51 em 2011.

A notícia, publicada em 02 de junho de 2014, na editoria Portugal, que traz notícias do cotidiano dos portugueses, apresenta características bem peculiares. O seu título é muito semelhante ao modelo empregado nas reportagens. Como já mencionado em uma análise anterior, os títulos de notícias sobre violência apresentam, geralmente, a ordem X + verbo de ação + Y, em que X representa o agente da agressão e Y refere-se à vítima do ato de violência, ou da outra forma também típica de construção da manchete: Y + verbo na voz passiva + agente da passiva (representando o agressor).

Nessa notícia, enquanto o título assemelha-se ao modelo de uma reportagem, a linha fina, por sua vez, aproxima-se ao da notícia. Essas escolhas do enunciador e a forma de construção discursiva nos leva a inferir sobre a possibilidade da ocorrência do processo de hibridação de gêneros. Logo, notícia e reportagem se fundem, linguisticamente e discursivamente, e o produtor da notícia, enquanto sujeito desse enunciado, reelabora um outro gênero, dessa vez híbrido, cuja função primordial ainda é a de informar.

Como já vimos, ao longo desta tese, o lide é o parágrafo que traz as respostas básicas que compõem o gênero notícia. No entanto, também já mencionamos que ele pode vir destrinchado ao longo da notícia, apresentando inicialmente as informações consideradas mais importantes, seguidas das que se configuram secundárias.

No caso dessa notícia, a fusão de dois gêneros – a notícia e a reportagem – podemos constatar que o lide sofre uma reformulação, em que parte de seu conteúdo remete ao mundo narrado e outra à do mundo comentado.

Segundo Koch (1996, p. 194),

“ao mundo narrado, pertencem todos os tipos de relato, literários ou não; tratando-se de eventos relativamente distantes, que ao passarem pelo filtro de relato, perdem muito de sua força, permite-se aos interlocutores uma atitude mais “relaxada”. Ao mundo comentado pertencem a lírica, o drama, o ensaio, o diálogo, o comentário, enfim, por via negativa, todas as situações comunicativas que não consistam, apenas, em relatos, e que apresentem como característica a atitude tensa: nelas o falante está em tensão constante e o discurso é dramático, pois se trata de coisas que o afeta diretamente”.

O tom apreciativo da notícia vem marcado exatamente por essa forma de construção da notícia-reportagem ou reportagem-notícia. É somente no segundo e terceiro parágrafos que o enunciador esmiúça os dados referentes aos crimes cometidos

pelos agressores, informações que complementam o “lide clássico”, que foi destrinchado ao longo da notícia.

Já nos dois últimos parágrafos, o enunciador retoma a dados e informações típicos de uma reportagem, porém prevalece o tema do enunciado, dados os sentidos que são produzidos ao longo da narrativa.

As estratégias empregadas nessa notícia são capazes de revelar algumas vozes relevantes – além da voz do discurso machista, encontramos o discurso político e o discurso oficial. A partir dos dados coletados na medida em que eram registrados os casos, foi sendo concebido um relatório. Esses dados possivelmente conduzirão a elaboração de políticas públicas voltadas para o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher.

O produtor da notícia, enquanto enunciador, pode ser capaz de articular informações, baseadas em fontes oficiais, para produzir o seu discurso. No entanto, os próprios dados oficiais aparecem destoados com a realidade, uma vez que nem todos os casos chegam até os órgão de defesa da mulher, como delegacias e juizados especializados, unidades e profissionais de saúde qualificados para o atendimento às vítimas de violência doméstica, nem os serviços de assistência social são capaz de dar conta dessa realidade, segundo relatam os documentos de pesquisa sobre o tema, como o Mapa da Violência 2015.

A notícia, por fim, apresenta um aspecto discursivo estritamente referencial, ainda que trazendo dois casos de violência, e sua linguagem está marcada pelo discurso indireto, diferente de algumas notícias, aqui já apresentadas, em que o discurso indireto aparece imbricado com o direto.

8 | PORTUGAL | PÚBLICO, SEX 22 AGO 2014

Avisaram Adélia para não abrir porta a ex-marido. Agora corre risco de vida

Há mulheres que visitam na cadeia maridos que estão presos por as terem agredido. Elza Pais defende mais prisão preventiva para os suspeitos de violência doméstica, como forma de reduzir risco de homicídio

Abordou-a à porta de casa, regou-a com álcool e ateou-lhe fogo. Na casa dos 50 anos, Adélia está há vários dias entre a vida e a morte, depois de duas décadas de violência doméstica.

Ocorrido em Braga, o caso parece ser exemplar do ponto de vista do comportamento das mulheres vítimas de agressão – feito muitas vezes de avanços e recuos por parte das queixosas, que tão depressa chamam a polícia para lhes acudir como a seguir encobrem os companheiros. Chegam a procurá-los na cadeia, ao abrigo do regime e visitas íntimas concedido aos cônjuges, quando eles cumprem pena por as terem maltratado, revelava um recente relatório da Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa. “Têm de ser protegidas de si próprias”, observa a ex-secretária de Estado da Igualdade e deputada socialista Elza Pais, que não se conforma com as quatro dezenas de homicídios conjugais que ocorrem todos os anos em Portugal. Preveni-los, defende, passa pelos magistrados usarem mais vezes a prisão preventiva como forma de afastarem os agressores do objecto da sua obsessão. E também pela criação de casas de abrigo para este tipo de criminosos, “onde poderiam ser sujeitos a programas de tratamento para a prevenção da reincidência”. Para esta especialista, “não faz sentido que sejam as vítimas que têm de ir para casas de abrigo para se protegerem dos agressores, que continuam impávidos e serenos a residir na casa de residência da família”. Funcionária administrativa do Hospital de Braga, Adélia apresentou nos últimos anos pelo menos cinco queixas na PSP contra o companheiro, um empregado de balcão que entretanto ficou desempregado. Da penúltima vez, há uma escassa semana, foi parar à unidade hospitalar onde trabalhava, depois de ele lhe ter arremessado um objecto à cabeça. Em 2011 as autoridades pediram ao Ministério Público que o proibisse de contactar com ela. Tinha, então, paradeiro desconhecido. Chegou a ser julgado pelas agressões, mas foi absolvido. Se é raro as queixas de violência doméstica chegarem a julgamento, mais raro ainda é resultarem em condenação dos agressores. Outra especialista, Carina Quaresma, da Direção-Geral da Administração Interna, explica, num estudo que efectuou sobre o fenómeno, como à falta de provas se junta com alguma frequência a desistência da queixa. É que embora a violência doméstica esteja entre os crimes que não admitem desistência, acontece por vezes o crime ser reclassificado pelas autoridades como ofensa à integridade física, que já a permite. “Os dados apontam para que a esmagadora maioria dos casos de violência doméstica tendem a ser efectivamente arquivados”, refere o trabalho de Carina Quaresma. A polícia aconselhou Adélia a não abrir a porta se o ex-marido lhe aparecesse em casa. Mas ele continuou a rondá-la e a tentar fazer-lhe mal, uma das vezes fora de portas, mas na maior parte do tempo indo ao apartamento da Rua dos Congregados, onde havia morado com ela e uma filha durante mais de década e meia. “Cada vez que lá íamos encontrávamo-lo lá dentro porque ela o tinha deixado entrar”, descreve fonte policial. “Ela corria com ele e ele voltava lá outra vez”, confirma um vizinho.

A notícia foi publicada no dia 22 de agosto de 2014, na editoria Portugal. O formato da notícia do jornal Público não traz a retranca nem o chapéu no texto.

Nessa notícia, o tom apreciativo marcado pelo enunciador é muito peculiar, pois o modo como ele constrói o título revela também as vozes sociais que nele ecoam, dado o teor com o qual se narra a história.

Na perspectiva linguística, podemos perceber que o título da manchete foi construído por um período composto por coordenação, tendo apenas a primeira palavra de cada um deles iniciada em letra maiúscula. Ainda, na manchete dessa notícia, chamamos a atenção a semelhança com a peça teatral, como se o acontecimento fosse marcado por dois atos.

Embora sejam sintaticamente independentes, as orações que formam o período composto da manchete possuem uma dependência semântica, estabelecendo uma relação de causa-efeito. Porém, essa estratégia traz uma certa ambiguidade quanto ao aspecto temporal da ação, o que é esclarecido somente com a leitura completa do texto.

Há de se considerar, também, que a identidade da vítima é revelada na notícia sem um motivo relevante, o que provoca a sua exposição social. Mais que isso, ao dividir a manchete em dois blocos, o enunciador, a partir de um possível efeito de sentido, acaba sentenciando a vítima [Adélia] como corresponsável pela agressão da qual foi vítima. Ei-la:

“Avisaram Adélia para não abrir porta a ex-marido. Agora corre risco de vida.”

A manchete inicia-se marcada pela flexão do verbo avisar na 3ª pessoa do plural, revelando um sujeito indeterminado que, discursivamente, aparenta um provável perfil de proteção, como se quisesse alertar a vítima sobre os potenciais riscos que ela correria. Porém, a segunda oração – que traz implicitamente o efeito da ação contrária de Adélia, indiretamente revela a tentativa de responsabilização da vítima, o que não deixa de ser um outro ato de violência, dessa vez praticado pelo produtor da notícia.

Nota-se aí o tom apreciativo, dessa vez, não do enunciador do discurso, mas, sim, das vozes sociais que dialogam com ele no interior do discurso. Essas vozes, como a do discurso conservador, a do discurso moralista, religioso, feminista, inclusive a do discurso político. A questão que podemos inferir realizada por essas vozes:

Quem mandou? A culpa é sua!

Essa estratégia adotada pelo enunciador, na produção de seu discurso, produz um efeito de sentido muito inadequado – quiçá infeliz, pois ratifica a ideia estereotipada de que a mulher torna-se vítima simplesmente pelo fato de tomar atitudes “impensadas”. E, para corroborar com essa ideia, segue no primeiro parágrafo do texto a tentativa de culpabilizar a vítima pelos atos de violência praticados pelo homem com quem mantinha alguma relação íntimo-afetiva:

["Abordou-a à porta de casa, regou-a com álcool e ateou-lhe fogo. Na casa dos 50 anos, Adélia está há vários dias entre a vida e a morte, depois de duas décadas de violência doméstica."]

Podemos constatar que a notícia revela um tom muito ríspido com relação à mulher vítima de violência doméstica, o enunciador constrói uma linha narrativa que é constantemente marcada pela argumentação, por exemplo:

["o caso parece ser exemplar do ponto de vista do comportamento das mulheres vítimas de agressão..."]

["...Chegam a procurá-los na cadeia, ao abrigo do regime de visitas íntimas..."]

["... A dependência emocional das vítimas, que chega a ser comparada à utilização de drogas..."]

Fica evidente, então, como o sujeito do enunciado demonstra o seu julgamento moral em relação a seu objeto do discurso, nesse caso, ratificado pelo discurso de autoridade de duas especialistas no assunto, citadas no texto.

Podemos inferir, de certa forma, que estrategicamente o enunciador constrói a notícia de forma que provoque no leitor a necessidade de uma tomada de posição diante de um problema social. Sendo assim, a notícia apresentaria, além de seu caráter informativo, a função conativa de linguagem, apelando ao leitor sobre a necessidade da prevenção da violência doméstica na sociedade.

Na primeira posição, sugere que o caso que vai ser narrado sirva como orientação para as tantas mulheres que, mesmo sendo agredidas por seus companheiros

ou ex-companheiros, acabam perdendo a agressão e buscam uma espécie de “lua-de-mel”, comportamento típico dentro do ciclo de violência.

O enunciador chega a fazer uma comparação entre a mulher vítima de violência doméstica e os dependentes químicos, quando comenta sobre a dependência emocional sob a qual ela se encontra. Nesse ponto, podemos inferir o quanto cuidadoso precisa ser o discurso, em especial aquele divulgado nas mídias, pois dele podem emergir efeitos de sentido que incite o julgamento da vítima, invertendo por completo o papel de quem é o agressor e de quem é a vítima.

Notícia 4 – PÚBLICO (21/10/2014)

12 | PORTUGAL | PÚBLICO, TER 21 OUT 2014

Mãe e filha morreram à porta de casa vítimas de violência doméstica

Vítimas pediram socorro aos vizinhos através da porta trancada. GNR arrombou-a, mas já não foi possível salvá-las. Outra filha está livre de perigo. Pai, suspeito, estava deitado na cama do quarto de casal

A mulher de 47 anos e a sua filha de 16, esfaqueadas na madrugada de ontem num contexto de violência doméstica, em Soure, Coimbra, morreram à porta de casa. Tentavam fugir do companheiro e pai de 49 anos que empunhava uma faca de cozinha. À chegada, a GNR ainda ouviu uma delas a pedir socorro e arrombou a porta, mas já nada havia a fazer.

As vítimas tinham vários golpes no peito e abdómen. Tinham também diversos golpes nos braços, um tipo de ferimento que indicia que se tentaram defender dos golpes, apontou fonte policial ao PÚBLICO. Na primeira revista à casa, a polícia não conseguiu encontrar as chaves da porta da habitação. Foram, aliás, os insistentes pedidos de socorro que as duas fizeram através da porta que alertaram os restantes moradores do prédio de três andares na Urbanização Encosta do Sol, no centro de Soure, próximo da escola básica e secundária desta vila. De acordo com a GNR, o agressor não tem antecedentes criminais e as autoridades nunca tinham sido chamadas àquele apartamento por qualquer desacato. Aliás, a situação é descrita pela própria polícia como surpreendente. Também os vizinhos se mostraram admirados com o sucedido. Não são, para já, conhecidas as razões que terão levado o suspeito a agir desta forma. A situação acordou boa parte dos moradores do prédio. Cerca de 20, segundo relatos de fontes policiais, saíram de suas casas e desceram para a rua. Uma vizinha do segundo andar, o mesmo das vítimas, ouviu os gritos, telefonou para o posto da GNR de Soure pelas 1h30 e pediu ajuda. Já fomos chamados para vários episódios de agressões no âmbito de violência doméstica, mas nunca tinha visto um cenário deste tipo, assim tão violento, referiu o comandante dos Bombeiros Voluntários de Soure, João Paulo Contente. Os bombeiros seguiram depois para outras divisões, sempre protegidos por militares da GNR que, armados, varreram a casa em busca do agressor. Encontraram na sala uma menor de 13 anos também gravemente ferida com golpes no peito que resultaram na perfuração de um pulmão. Foi de imediato assistida por elementos da viatura médica do INEM que entretanto chegaram. Face ao estado grave em que foi encontrada, não terá conseguido falar sobre o que aconteceu, apesar de questionada pela polícia. Só lhe

restavam forças para pedir socorro, repetidamente. O pai, vendedor de equipamento informático, estava no quarto do casal deitado na cama. A GNR teve de forçar também a entrada. O homem foi encontrado com diversos ferimentos no peito. Terá desferido vários golpes a ele próprio. A polícia não tem dúvidas de que se pretendi pôr também termo à sua vida. Disse várias vezes que se queria matar, disse ao PÚBLICO um polícia. Apesar do cenário violento, a polícia sublinha que o homem estava muito calmo. Tão calmo que esse pormenor deixou os agentes intrigados. O suspeito apenas brandia a faca de cozinha no ar em direcção aos militares da GNR que tiveram de o manietar para que fosse assistido pelo INEM. Foi transportado pelos bombeiros, acompanhados pela polícia, para o Centro Hospitalar de Coimbra, onde continua internado e vigiado por inspectores da Polícia Judiciária. A filha que sobreviveu foi levada para o Hospital Pediátrico de Coimbra. Fonte da GNR adiantou que a menos está em estado grave, mas não corre risco de vida. Pelas 4h30, estavam no local ainda dez elementos da GNR e quatro da Polícia Judiciária de Coimbra que investiga agora os contornos do caso. Os bombeiros de Soure enviaram para o local um dispositivo com dez elementos, três ambulâncias e um carro de comando.

A notícia relata um caso de feminicídio sofrido por uma mulher e tentativa de feminicídio contra a sua filha praticado pelo próprio esposo e pai, respectivamente. As duas mulheres foram esfaqueadas pelo criminoso, tendo a filha resistido aos ferimentos. No relato, não constam as causas que levaram à prática criminosa, [*“Não são, para já, conhecidas as razões que terão levado o suspeito a agir desta forma”*].

A produção textual é construída a partir das informações cedidas pelas autoridades, por meio do discurso indireto, embora apareçam trechos com discurso direto, com o intuito de autenticar o dito. Em relação ao discurso direto, chama-nos a atenção o modo como o produtor da notícia, enquanto sujeito do enunciado, inscreve a fala do outro na construção do relato jornalístico, conforme observamos no enxerto abaixo:

[*Já fomos chamados para vários episódios de agressões no âmbito de violência doméstica, mas nunca tinha visto um cenário desse tipo, assim tão violento, referiu o comandante dos Bombeiros Voluntários De Soure, João Paulo Contente.*]

Podemos perceber que o discurso direto é incluído na relato jornalístico sem o uso das aspas, uma forma diferente de se produzir o discurso indireto livre. Tal fato, nos leva a inferir um certo grau da marca do próprio enunciador no discurso citado, como se ele também compartilhasse da mesma visão do cenário de violência.

Em todo relato jornalístico, constata-se uma linha de narração bastante peculiar, que evidencia muito mais o perfil do criminoso do que o próprio acontecimento em si, uma vez que nesse tipo de notícias de violência contra a mulher busca-se destacar as

causas do crime, o tipo e relação que havia entre os envolvidos, ou seja, a trajetória de violência que pudesse existir entre vítima e agressor. A hipótese por nós levantada é confirmada a partir de trechos mencionados ao longo da notícia, como:

[“... o agressor não tem antecedentes criminais e as autoridades nunca tinham sido chamadas àquele apartamento por qualquer desacato”]

[“Aliás, a situação é descrita pela própria polícia como surpreendente. Também os vizinhos se mostraram admirados com o sucedido”]

O fato é descrito como uma atitude inesperada, uma vez que, dado o alto grau de brutalidade com o qua o crime foi praticado, o agressor não possuía um histórico de violência registrado pelos policiais. Vale destacar que, ainda que não houvesse queixas contra o suposto assassino, isso não significa que a sua companheira não sofresse nenhum tipo de violência dentro do relacionamento. É muito comum que as mulheres vítimas de violência não relatem os atos de violência a que são submetidas, ora por se sentirem culpadas ou responsáveis por terem causado algum tipo de frustração a seu agressor, ou por terem tomado uma decisão que o tenha desapontado, ou por serem financeira e/ou emocionalmente dependentes de seus algozes.

Ainda sobre o perfil descrito do agressor, podemos perceber, a partir do relato construído pelo enunciatador com base nas informações coletadas, uma provável dupla personalidade, como se vê nos trechos seguintes:

[“A polícia não tem dúvidas de que pretendia pôr também termo à sua vida. Disse várias vezes que se queria matar, disse ao PÚBLICO um polícia”]

[“Apesar do cenário violento, a polícia sublinha que o homem estava muito calmo. Tão calmo que esse pormenor deixou os agentes intrigados”]

No primeiro trecho, constatamos uma característica típica em relação ao autores de crimes passionais que, tendo ceifado as vidas de suas esposas/companheiras/namoradas ou ex-esposas/ex-companheiras/ex-namoradas, acabam suicidam-se, quer seja porque acreditam que a morte é a única forma de garantir um “amor eterno”, quer seja por saberem que sofrerão algum tipo de coerção ao longo

do cumprimento da pena, quando condenados à prisão. Já no segundo trecho, deparamo-nos com um sujeito “calmo”, como se estivesse indiferente ao crime que acabara de cometer, um sujeito frio, desprovido de sentimentos.

Diante disso, podemos notar o quão delicado é o processo de construção da realidade, já que o leitor, na apreensão do fato, tende a construir a sua apreciação vinculada às do produtor da notícia, o que pode contribuir para uma certa manipulação, ou seja, o tom empregado na notícia pode influenciar a interpretação do fato narrado.

4.2.1 Considerações acerca das notícias do jornal *Público*

A princípio, destacamos o *modus operandi* da “construção discursiva da realidade”, de acordo com as palavras de Bucci (2003). Nessa perspectiva, o enunciador pode marcar o seu discurso com um grau maior ou menor de envolvimento. Remetemo-nos, então à ideia de mundo narrado e mundo comentado. Neste, o produtor da notícia – no papel de enunciador, compromete-se com o seu “dito”, ou seja, comentar é falar comprometidamente; já naquele, o enunciador coloca-se numa posição de distanciamento em relação ao que está sendo dito.

No caso das notícias publicadas no jornal português, podemos perceber que o enunciador demonstra uma tentativa de distanciar-se daquilo que enuncia, buscando, por meio do discurso citado, construir o seu relato. Porém, ao organizar um discurso aparentemente neutro e imparcial, ele acaba revelando a sua presença a partir das escolhas lexicais que compõem a estrutura do texto. A modalização, nesse caso, pode ser constatada pelo tom apreciativo que se revela ao longo da narrativa e por meio do qual são constituídas as representações dos objetos do discurso – a mulher vítima de agressão, o autor do ato de violência e demais personagens que compõem o relato jornalístico.

Percebe-se, também, um certo hibridismo entre dois gêneros discursivos da esfera jornalística – a notícia e a reportagem. O texto não se prende ao formato canônico do gênero notícia, pois a sua estrutura composicional e o seu estilo são muito parecidos aos da reportagem. Essa forma de produção da notícia é bastante comum nas notícias publicadas pelo jornal Público, em que os fatos vêm seguidos ou ligados por um

discurso citado de autoridade. Quanto à linguagem, há um nível mais formal, reforçando um tom mais sério que, talvez, esteja visando à credibilidade ao que se enuncia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como relatado no início do trabalho, esta tese surgiu de uma inquietação diante do contexto de violência sobre o qual estava inserido o adolescente em conflito com a lei. Nesse processo de reflexão, decorrente de uma análise do discurso produzido por esse adolescente em privação de liberdade, vimos que os atos de violência eram praticados dentro de sua casa, e cuja vítima era a sua mãe.

Esse retrospecto é muito importante, pois dele emerge o interesse em realizar uma pesquisa que traga em sua essência um problema social, muito comum na sociedade contemporânea.

Para tal, começamos a pensar sobre como a mídia escrita constrói as notícias de violência doméstica contra mulher, e se nesse processo de construção há uma possível tendência em instituir ou promover representações sociais sobre a mulher vítima dessa agressão.

Nesse primeiro momento, então, vimos que a notícia pode transcender o seu papel social de informar, uma vez que o modo de construção do enunciado pode desencadear a construção de uma representação, positiva ou negativa, sobre o objeto do discurso, neste caso, a mulher vítima de violência doméstica.

A partir dessa constatação, ainda que incipiente, buscamos identificar as estratégias linguísticas que incidiam sobre o discurso da violência e, dentre elas, escolhemos pesquisar sobre a modalização como estratégia na construção do discurso noticioso.

Nesta tese, porém, a modalização é vista como uma estratégia linguística e discursiva que se manifesta por meio de um processo dialógico e discursivo entre o produtor da notícia, enquanto sujeito do enunciado, e o seu público-leitor.

Tendo constatado que a mídia escrita utiliza-se de estratégias linguísticas e discursivas para a construção da notícia, partimos da hipótese de que a modalização, como uma das estratégias linguísticas e discursivas que tendem a orientar a compreensão do leitor sobre determinada informação, pode ser um procedimento adotado pelo

enunciador para mitigar as marcas de subjetividade em seu discurso, (re)velando o seu posicionamento (e comprometimento) diante daqui que diz a partir do modo como se diz

Ao propor um objetivo geral para a pesquisa, decidimos analisar de que forma a modalização pode se constituir como uma estratégia dialógica e discursiva, levando em consideração as categorias propostas para a análise, como Vozes sociais, Tom apreciativo, Tema/Significação e Discurso Citado.

Constituímos a nossa base teórica a partir da perspectiva dialógica do discurso em Bakhtin (2006, 2010a, 2010b, 2011), que leva em consideração o dialogismo a partir das variadas práticas sociais como fonte para a constituição do sujeito social.

Sendo assim, todo sujeito social é também um sujeito dialógico, na medida em que compreendemos que nos constituímos na relação com o outro, no espaço e no tempo de um contexto de enunciação.

Escolhida a linha teórica que fundamentaria a tese, procedemos à realização da revisão da literatura, a fim de identificar as abordagens teóricas sobre a modalização nos estudos da linguagem. Percebemos que a grande maioria dessas abordagens possuem uma linha estruturalista, tendo a língua como ponto de partida e principal elemento para a compreensão do discurso, descartando outros fatores de extrema importância, tal como os aspectos sócio-histórico e culturais nos quais estão inseridos os sujeitos sociais.

Após concluirmos os procedimentos metodológicos de pesquisa, fomos em busca do objeto de análise, a fim de constituirmos o *corpus* desta tese. Foi então que decidimos pelo jornal A Gazeta, um jornal publicado no estado do Espírito Santo – no qual residimos – e com uma linha editorial que por meio da linguagem busca, conforme afirmam os seus editores, consegue não só informar sobre os acontecimentos a seus leitores, mas também exercem, indiretamente, a função social de mobilizar certas reflexões.

Tivemos, também, a oportunidade de analisar, de formar comparativa, as notícias publicadas no jornal Público, um jornal português cuja linha editorial aproxima-se à do jornal brasileiro, por meio da realização de um estágio sanduíche na Universidade de Coimbra, experiência que nos fez perceber como os mecanismos de produção da notícia refletem e refratam as características do público para o qual ele é destinado.

Após as leituras e análises das notícias selecionadas dos dois jornais, A Gazeta e Público podemos chegar à conclusão de que a modalização pode aparecer mais explícita ou implicitamente no discurso jornalístico, a partir de determinadas estratégias linguísticas, como o discurso citado, em que o enunciador, recorrendo ao discurso alheio, decide por distanciar-se daquilo que diz, a fim de não se comprometer, construindo ilusoriamente, uma “sensação” de imparcialidade, neutralidade e objetividade na produção de seu discurso.

A modalização também pode se manifestar pelo tom apreciativo (re)velado nos relatos jornalísticos, o que contribui não só para a apreensão do fato, mas também pode induzir o leitor nas conclusões a que pode chegar sobre o objeto do discurso. Dessa forma, mais que apresentar um relato, a notícia também pode influir, direta ou indiretamente, no comportamento do leitor em relação as suas impressões sobre o mundo.

Vimos também que as vozes sociais estão intrinsecamente presentes na notícia, pois revelam os discursos que, dialogicamente, fazem parte da constituição de enunciados concretos novos. Essas vozes também revelam o tema do enunciado, haja vista que a significação da palavra está ligada ao abstrato, e o sentido é produzido somente por meio de práticas sociais que promovam a relação dialógica dos sujeitos, que, numa relação de alteridade, constituem novas consciências capazes de influir sobre as representações sociais que se realizam no contexto sócio-histórico-cultural.

Por fim, e não menos importante, é necessário dizer que, na perspectiva do discurso não há garantias incontestáveis sobre a ocorrência da modalização. No âmbito da teoria linguística, podemos dizer a modalização está intrínseca à forma da língua, porém, em situações concretas de uso, essa afirmação pode ser refutada, uma vez que o sentido no discurso vai estar também atrelado ao contexto social, histórico e cultural dos sujeitos sociais da interação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paul: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- ANDRADE, B. V. de. **A modalização como estratégia argumentativa em textos de vestibulandos**. [Dissertação de Mestrado em Letras]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal, 2008.

- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique française**. 4ª ed. Berna: Éditions Fracke, 1965 [1932].
- BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal na sala de aula**. Caxias do Sul-RS: Educus, 2004.
- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e estética: A Teoria do Romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010a.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução direta do russo de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARTHES, R. Structure du fait divers. In : **Essais critiques**. Paris : Seuil, 1964.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BOSCH, E. F.; PÉREZ, V. A. F. **La violencia de género: de cuestión privada a problema social**. Psychosocial Intervention, vol. 9, nº. 1, pp. 7-19, Madrid, 2000.
- BUCCI, E. O jornalismo ordenador. In: GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar**. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003. p. 09-13.
- BUDÓ, M. D. **Editoria policial: da legitimação à reprodução da seletividade do sistema penal**. In: Congresso de Ciência da Comunicação na Região, 11. 2010, Novo Hamburgo, Anais, Universidade Federal de Santa Maria, 2010, p. 1-15.
- CASTILHO, A. T. & CASTILHO, C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. **Gramática do Português Falado**. Vol. II. Níveis de Análise Linguística. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 1993.
- CERVONI, Jean. **A Enunciação**. Trad. de L. Garcia dos Santos. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- DEL PRIORE, M. **A mulher na história do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- DEL PRIORE, M. **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.
- DESCARDECI, M. A. S. Ler o mundo: um olhar através da semiótica social. In: ETD – **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 19-26, jun. 2002.
- DOTA, Maria Inez M. **Das estratégias de leitura às operações enunciativas: a modalidade**. Tese de Doutorado. FCL, Unesp – Araraquara, 1994.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. 3ª ed. (revisada e atualizada). São Paulo: Ática, 2007.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FLORES, V. N. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). In: LETRAS DE HOJE/PUC-RS. **Estudos sobre Enunciação: texto e discurso**. Revista Letras de hoje. Vol. 36, nº 4. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- FLORES, V. N. e TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo: Publifolha, 2007.

- GOMIS, L. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente**. Barcelona: Paidós, 1991.
- GREGORI, M. F. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. São Paulo: Paz e Terra/ANPOCS, 1992.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **La enunciación**. De la subjetividad en el lenguaje. Buenos Aires: Hachette, 1986.
- KRESS & VAN LEEUWEN, T. **Reading Images – The grammar of visual Design**. London: Routledge, 1996.
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. Séries Princípios. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.
- LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4ª ed. – 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- MATOS, F. C. V. de. **Modalização: uma estratégia argumentativa**. São Paulo: 2009. 108 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
- MENDES, Conrado Moreira. **Um olhar tensivo sobre a estrutura barthesiana do fait divers**. Estudos Semióticos. [on-line] Disponível em: <http://revistas.usp.br/esse> i. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 22–27. Acesso em janeiro 2016.
- MICHAUD, Yves. **A violência**. Tradução de L. Garcia, São Paulo: Ática, 1989.
- MORRO DO MORENO. **História do Espírito Santo**: Jornal A Gazeta. Disponível em: <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/a-historia-do-jornal-a-gazeta.html>. Acessado em março 2017.
- MOSCOVICI, S. **A representação social na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NEVES, M. H. M. A Modalidade. In: KOCH, I.V. (Org.) **Gramática do Português falado**. Campinas: Edunicamp, v.VI, 1996.
- NEVES, M. H. M. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- O ESTADO DE S. PAULO. **Manual de redação e estilo**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1990.
- OLANO, C. O. **Análisis Lingüístico del Discurso: la lingüística enunciativa**. Madrid: Ediciones Académicas, 2006.
- OLIVEIRA, E. C. **O discurso da notícia e a representação da identidade de gênero feminino nos crimes passionais**. São Paulo: 2010. 255f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
- OLIVEIRA, M. R. C. C. **O gênero “notícia” e suas possibilidades de modalização na construção do sensacionalismo: uma abordagem linguístico-discursiva**. Belo Horizonte: 2009. 138f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra: Editado por Etienne G. Krug [e outros], 2002.

- PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2010.
- PENNA, M. A. O. Reflexões sobre estilo e referenciação: a relevância das anáforas lexicais como mecanismos estratégicos para a construção dos sentidos In: GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Arenas de Bakhtin: linguagem e vida**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.
- PINAFI, T. **Violência contra a mulher: políticas públicas e medidas protetivas na contemporaneidade**. Edição nº 21. Abril/maio de 2007. Disponível em <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao21/materia03/>. Acesso em abril de 2017.
- PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Tradução sob coordenação de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2009.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Violência de gênero no Brasil atual**. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro: volume 2, pp. 443-461, 1994.
- SELIGMAN, L.; COZER, K. R. B. **Jornais populares de qualidade: ética, e sensacionalismo em um novo padrão de jornalismo de interior catarinense**. Rio de Janeiro: Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-jornais-seligman.pdf>. Acesso em maio 2016.
- SOARES, Barbara M. **Mulheres invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de segurança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- SUÁREZ, M. Gênero: uma palavra para desconstruir ideias e um conceito empírico e analítico. In: I Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo de Gênero no Brasil. **Gênero no mundo do trabalho**. Brasília: [s.n.], 2000.
- SULLIVAN, T.; THOMPSON, K.; WRIGHT, R.; GROSS, G.; SPADER, D. **Social problems: divergent perspectives**. New York: John Wiley and Sons, 1980.
- TORREBLANCA, José Ignacio. O macho, arma de destruição em massa. [on-line] In: **Jornal El País – Brasil**. Caderno Opinião. Texto completo para leitura disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/25/opinion/1390669671_059501.html. Acesso em agosto de 2015.
- UNIÃO DE MULHERES ALTERNATIVA E RESPOSTA (UMAR). **Relatório final dos dados sobre femicídio e tentativas de femicídio em Portugal (Ano 2014)**. Observatório de Mulheres Assassinadas. Lisboa, 2014. Disponível em <https://www.cig.gov.pt/siic/wp-content/uploads/2015/01/Oma-10-Dez-2014.pdf>. Acesso em agosto de 2015.
- VAN DIJK, T. A. **Discurso, Notícia e Ideologia: estudos na análise crítica do discurso**. Tradução de Zara Pinto-Coelho. Porto: Campo das Letras Editores, 2005.
- VOLOSHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. [1926] Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da versão em inglês *Discourse in Life and Discourse in Poetry*.
- VRISSIMTZIS, N. A. **Amor, sexo e casamento na Grécia antiga**. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002.
- WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso, 2015.

7. ANEXOS

Cidades.

FGTS para vítimas da chuva

A Prefeitura de Vila Velha vai iniciar o processo de liberação do FGTS para moradores de bairros que foram atingidos pela chuva, a partir de segunda. *Pág. 10*

EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
apiraja@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

REPORTAGEM ESPECIAL

AMOR E TRAGÉDIA HOMEM MATA AMANTE E SE ATIRA DA 3ª PONTE

Empresário deu cinco facadas no peito da mulher no carro



FOTO LEITOR



MARCOS FERNANDEZ

Gizele Rossi dirigia o carro em direção a Vila Velha, levando Carlos Eduardo no banco da corona; no trajeto, ele a esfaqueou e depois se suicidou, jogando-se no mar

de IARA DINIZ

Um romance fora do casamento acabou em tragédia na Terceira Ponte – ligação entre Vitória e Vila Velha – no final da tarde de ontem. O empresário Carlos Eduardo da Silva Barcelos, 40 anos, matou a facadas a amante, a gerente de comércio exterior Gizele Rossi dos Santos, 30, e logo em seguida suicidou-se, se jogando no mar.

O casal seguia em direção a Vila Velha quando começou a discutir dentro do carro, por volta das 16h. Gizele teria ido buscar Carlos Eduardo na empresa dele, onde ela havia exercido a função de gerente. O objetivo era conversar sobre o relacionamento, que havia ter-

minado há duas semanas.

A gerente de comércio exterior dirigia um New Fiesta vermelho quando o empresário sacou uma faca e começou a golpeá-la. Ela foi atingida com cinco facadas no peito.

Ferida, Gizele perdeu o controle da direção e o carro foi se arrastando na murta lateral da ponte, até que um pneu furou. O homem teria, então, tentado retirá-la do carro, mas desistiu quando viu que muitas pessoas se aglomeravam no local.

De acordo com testemunhas, momentos depois Carlos Eduardo saiu do veículo correndo, ensanguentado, e se jogou da ponte.



Carlos Eduardo, 40 anos, e Gizele Rossi, 30, relacionavam-se havia 15 anos



REPRODUÇÃO/FACEBOOK

DOIS FILHOS

Apesar de casado há 20 anos, e pai de dois filhos, de 17 e 19 anos, Carlos Eduardo mantinha o romance com Gizele havia 15. Seguindo uma irmã dela, o ho-

mem, que era evangélico, teria conhecido a gerente de comércio exterior numa igreja. Eles, então, começaram a sair, trabalharam juntos e teriam iniciado o mesmo curso na faculdade.

Carlos Eduardo teve o corpo resgatado do mar, já sem vida, pelo Corpo de Bombeiros e por um barco de pesca. Já Gizele foi socorrida por uma ambulância da Rodosol, concessio-

nária da ponte. Ela foi encaminhada para um hospital particular em Vila Velha, onde morreu no centro cirúrgico.

Um irmão de Gizele, que foi até o hospital para acompanhar o estado de saúde dela, contou à polícia um dos motivos da separação do casal.

Segundo ele, a gerente de comércio exterior queria ter filhos e, devido a uma vasectomia, Carlos Eduardo não poderia ser pai novamente. Disse ainda que depois do fim da relação, a irmã passou a ser perseguida e ameaçada pelo empresário.

A polícia vai investigar o crime, mas acredita que o motivo tenha sido passional.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

MULHER É ESFAQUEADA AO AMAMENTAR O FILHO

Após deixar a prisão por agredir a mulher, ex-marido tentou matá-la

de RUHANI MAIA
ruhani.maia@redgazeta.com.br

Menos de um mês após ser preso por agredir a ex-mulher, um homem cumpriu a ameaça e tentou matá-la, ao sair da cadeia. A mulher, de 40 anos, foi esfaqueada enquanto amamentava o filho do casal, de 2 anos.

O crime aconteceu na noite de domingo, no bairro Vila Nova, em Vila Velha. Segundo a dona de casa, o acusado tentou matá-la porque não aceita a separação. Ele já a teria agredido e ameaçado de morte outras vezes.

O homem não está sendo identificado para preservar a identidade da vítima e dos filhos dos dois. Entretanto, já está sendo procurado pela polícia.

O ex-marido havia sido preso no último dia 2, após agredi-la. Na ocasião, ele ameaçou matá-la quando saísse da prisão.

A dona de casa conta que, desde que o ex-marido saiu da prisão, há uma semana, tem feito ameaças não só a ela, mas também à enteada de 15 anos, que, segundo a mulher, já foi abusada sexualmente por ele.

“Nós ficamos juntos du-

AMEAÇA

“Ele disse que se eu não ficar com ele, não ficarei com mais ninguém”

DONA DE CASA, 40
Esfaqueada pelo ex-marido

rante 11 anos. Ele sempre foi agressivo, mas de cinco anos para cá piorou. Isso aconteceu depois que a minha filha cresceu mais. Como ele a criou, queria tomar posse. E tentou estuprá-la. Foi por isso também que passou a me perseguir”, ressaltou.

O CRIME

A dona de casa, que trabalha como artesã, contou que estava na porta da casa de uma amiga, junto com outras quatro pessoas, quando o ex-marido chegou com os filhos do casal - um menino de 9 anos, uma menina de 5 e o menino de 2 -, por volta das 22 horas.

Segundo ela, o acusado pegou as crianças na casa dessa amiga sem pedir autorização. E, apesar de ter marcado de entre-



Dona de casa foi atingida por três golpes de faca na barriga e um nas costas

gar os filhos às 13 horas de domingo, só os devolveu à noite.

“Ele chegou com as crianças e começou a dizer que queria conversar comigo. Disse que não tinha nada para falar com ele. Ele estava alterado, bêbado. Quando eu disse que não ia conversar, ele tirou uma faca grande de uma bolsa com roupas de criança e me esfa-

queou”, lembrou.

FUGA

A dona de casa ressaltou que estava amamentando o filho mais novo no momento em que começou a ser esfaqueada pelo ex-marido. Para proteger a criança, ela teve que soltá-la e, em seguida, correu para dentro da casa da amiga. Mesmo assim, foi atingida por três

golpes de faca na barriga e um nas costas.

Após agredir a dona de casa, o acusado fugiu. Já a vítima foi levada para o Hospital Antônio Bezerra de Faria, em Vila Velha, e não corre risco de morte. “As pessoas da rua queriam pegá-lo, então, ele fugiu. Nós estamos separados há 20 dias, e ele fez isso porque não quer a separação”, contou.

REVOLTA

“MEDIDAS
PROTETIVAS NÃO
VALEM NADA”

Dona de casa, 40
Esfaqueada pelo ex-marido

“Ele já estava bêbado e ficou ainda mais alterado quando eu disse que não queria conversar. Disse: ‘você vai morrer’, e partiu para cima de mim com a faca. Ele já tentou me matar muitas vezes... Sexta-feira passada tentou me esfaquear. Saiu da prisão com o intuito de fazer o serviço, de me matar. Ele não aceita a separação. Mas acho que começou a me perseguir também depois que eu descobri que ele tentou estuprar minha filha. A Lei Maria da Penha só serve para ficar no papel. Tenho duas medidas protetivas que não valem nada, porque ele nunca as obedece. Já pedi o botão do pânico e eles não me deram”.

16 CIDADES

A GAZETA DO PIAUÍ, 25 DE FEVEREIRO DE 2014

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

TERROR DENTRO DE CASA

“Ele me torturava de todas as formas. Dizia que ia me matar”

Doce até à do doméstica que viu o marido jogar álcool no seu corpo, para quietá-la viva

4 ANOS DE MORTE
morte de uma mulher

“Ele me torturava de todas as formas, fisicamente e emocionalmente. Dizia que ia me matar quando eu chegava dormindo em me chamava viva. Que ia arrancar minha orelha, queimar meu corpo, se encher um pouco meu para eu lembrar dele para não me da vida”. O discurso é de uma doméstica de 40 anos, vítima de violência dentro de casa há pelo menos 15 anos.

Na noite de domingo, a mulher escapou por pouco da morte. Seu marido, um solitário de 38 anos, foi preso em flagrante após jogar álcool e acender fósforo a esposa, dentro de casa, no bairro Eldorado, na Serra. A doméstica foi salva por vizinhos, que chamaram os vizinhos e acionaram a polícia.

Hoje apenas mais um episódio em sua vida infeliz de sofrimento. Na sequência sempre foram parte do relacionamento de 15 anos. “Isso parece uma dorça. Ele bebe muito e fica agressivo. Além disso, é muito ciumento”, diz ela.

Na tarde de sábado, os dois estavam em um bar e



O homem foi preso em flagrante e levado para o Plantão Especializado da Mulher

o solitário passou a arrastar a esposa de casa, alegando que ela estava firmando com outro homem.

Após chegarem em casa, ele começou a agredir a mulher e ameaçou matá-la com uma faca. “Ele disse que ia me matar dormindo enquanto eu estava no banho”, relatou a vítima.

Constatado, o marido foi preso em flagrante, porém acabou se fugando e se jogando no rio. Depois, o casal foi dominado e drogado, a doméstica

acordou com o marido acordado no lado dela, a situação financeira. “Não consigo dormir mais”, diz ela.

No dia seguinte, domingo, a mulher acordou cedo e começou a se arrumar para ir ao lado do pai, para visitá-lo. Isso foi motivo para o marido ser uma crise de ciúme e passar a bater na vítima.

RUGO

Ele pegou uma garrafa de álcool, despejou todo o líquido em cima da esposa e disse que ia quietá-la viva. Ao se virar para pegar o bequero, a vi-

zina aproveitou a distração do marido e correu para o perigo de casa. Quando chegou na rua, se deparou com uma viatura da Polícia Militar, que já havia sido acionada pelos vizinhos.

Os militares relataram na ocorrência que a vítima estava completamente inconsciente de álcool. O homem foi preso e levado para o Plantão Especializado da Mulher, na Vitória. Ele nega a acusação e disse que estava agredido a esposa. O soldado foi acusado por acusação de homicídio e encaminhado para o presídio.

DORMINDO COM O INIMIGO

“ACHAVA QUE ELE IA MURAR. TINHA MEDO, VERGONHA”

X, 40 anos doméstica

4 Abatida, a doméstica de 40 anos agredida pelo marido diz que agora vai se mudar do Estado, por medo do homem, e evitar reconstruir sua vida.

Sempre foi agredida por ele?

“Desde pequena, fiquei assim apavorada. Sou muito tímida. Ele bebia muito e ficava agressivo. Além disso, é muito ciumento. Vivía me ameaçando. Vivia me dizendo que ia me matar. Sempre foi assim, desde pequena.”

Como?

“Ele me torturava de todas as formas, fisicamente e emocionalmente. Dizia que ia me matar quando eu chegava dormindo ou iria me chamar viva. Dizia várias vezes que ia arrancar minha orelha, queimar meu corpo, se encher um pouco meu para eu lembrar dele para não me da vida.”

O que você ele fez/foi?

“Me ligava, me ameaçava”

colou no estômago. Ficava firme de dentro. Ligava para o meu trabalho e me ameaçava. Tinha medo que eu mandava mensagem dizendo que Deus iria me proteger e que eu iria me salvar. Depois, mandava outra dizendo que ia me matar e me chamar para o inferno. Que queria me ver sofrer. Um dia aconteceu com um vizinho em casa, viveu no bairro e ficou apavorado e fugiu no meu estômago. Aquilo durou um dia inteiro.

Por que não o denunciou antes?

“Por medo, vergonha. Acreditava que ele iria mudar. Um dia ele me machucou e no outro me fez a mesma coisa. Um pouco mais. Um pouco mais.”

O que a senhora vai fazer?

“Quero ser feliz. Quero ter uma vida melhor, mas longe daqui. Tenho medo do dia em que ele sair da cadeia. Aprendi que não devemos do mesmo jeito de situação. Não podemos ficar calados diante de uma violência doméstica. O alívio que se tem depois é a morte.”

10 CIDADES SEGURANÇA

A GAZETA QUARTA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 2014

ESTUPROU, MATOU A FACADAS E AINDA FILMOU

Homem é preso e confessa crime bárbaro contra a namorada

GLACIERI CARRARETO
RUHANI MAIA

Um crime covarde e bárbaro chocou todo o Estado ontem. A jovem Gabryella Oliveira Bonfim Sampaio, 24 anos, foi morta a facadas depois de ser estuprada pelo namorado e por um amigo dele, na noite de segunda-feira, no bairro Novo México, em Vila Velha. Eles gravaram com um celular toda a violência sexual e enviaram o vídeo para a mãe da vítima, antes de matá-la. Gabryella era mãe de três filhos pequenos.

A jovem foi assassinada com seis facadas no pescoço. Os criminosos ainda colocaram um celular dentro da boca da vítima e cortaram os cabelos dela. “No Departamento Médico Legal (DML), uma faca foi encontrada na vagina da jovem. Foi um crime marcado por crueldade”, destacou o delegado Adroaldo Lopes, titular da Delegacia de Homicídios e Proteção à Mulher (DHPM).

Os acusados do crime são o namorado de Gabryella,



Gabryella Oliveira Bonfim Sampaio foi encontrada morta na casa onde o namorado morava, em Vila Velha



passou a ligar para Gabryella na tentativa de falar com a filha. Mas todas as chamadas caíam na caixa postal.

NAMORO

A família da jovem era contra o namoro, pois Thiago é ex-presidiário e usuário de drogas. Além disso, ele tinha ciúmes da vítima e havia agredido Gabryella no jogo do Brasil contra o México, no dia 17, depois que ela saiu com amigas.

Somente no início da manhã de ontem, a mãe conseguiu visualizar o vídeo. Chocada, ela se deu conta de que não se tratava de mais uma briga do casal, entre tantas que já haviam acontecido entre Gabryella e Thiago.

“No vídeo, ele violentava a minha filha e ela só gritava, pedindo para parar. Liguei para a polícia e fui até a casa. Eu cheguei primeiro e percebi que havia uma pessoa lá dentro”, lembrou Neize.

Quando entrou na casa, a polícia encontrou Gabryella morta, caída no chão, ensanguentada e vestindo apenas uma camisa da Argentina.

Thiago Rosa do Sacramento, 25, e o amigo dele, Lucas Manhães Bricio, 19. Ambos foram presos no final da tarde de ontem, em Guarani, Vila Velha, pelos policiais da DHPM. Na delegacia, eles confessaram o crime, segundo o delegado.

O casal assistiu ao jogo de Brasil x Camarões em uma casa de shows em Vila Velha e, por volta das 20h, deixaram o local juntos. O casal seguiu para a casa onde Thiago morava. Antes de violen-



O namorado da vítima, Thiago, e o amigo Lucas: presos



tar a namorada junto com o amigo Lucas, ele ligou para a mãe de Gabryella dizendo que iria estuprar e matar a jovem. E foi o que fez.

A tortura e a violência sexual contra Gabryella foi filmada pela dupla. O vídeo da barbárie foi enviado às 22h53 para a mãe de Gabryella, a doméstica Neize Oliveira Bonfim, 43, que era contra o namoro da filha. Ela não conseguiu visualizar o registro durante a noite, mas ficou preocupada e

Avó diz que acusado é agressivo

Além de ter uma relação conturbada com Gabryella, Thiago também não tinha um bom relacionamento com a própria família. “A família toda morava na casa, mas, por causa dele, todo mundo saiu, há uns sete meses. O local estava fechado, pois ele saiu também, mas voltou há uns quatro dias e invadiu a casa”, contou a avó do acusado, a pensionista Terezinha França Dias, 70, que é proprietária da casa onde a jovem foi morta.

Ela ressaltou que Thiago é agressivo principalmente por usar drogas. “Os dois viviam brigando... um tinha ciúmes do outro e eram agressivos. Um dia eu cheguei e vi a porta da sala com marcas de socos. Foi durante uma briga deles”, lembrou.

REVOLTA

“NÃO ESPERO JUSTIÇA. QUERO QUE ELE MORRA”

Neize Oliveira Bonfim
Mãe de Gabryella

Para Neize Oliveira Bonfim, mãe de Gabryella, não há dúvidas. O assassinato de sua filha “agiu com covardia e crueldade”. “O que passou pela sua cabeça quando ele ligou?”

Pensei no pior. Fiquei desesperada e tentei ligar para a minha filha, mas ninguém atendeu. Também tentei abrir o vídeo. Já passar na delegacia hoje (terça-feira) para contar o que havia acontecido.

Como era a Gabryella? Era o meu xodó. Tranqui-



la, carinhosa, tinha três filhos, dois meninos, de 9 e 5 anos, e uma menina de 2. Morava sozinha com eles em Ponta da Fruta.

Há quanto tempo ela namorava o Thiago?

Há uns cinco meses. Mas éramos contra esse namoro. Ele é ex-presidiário e usuário de drogas.

Que mãe quer ver a filha namorando alguém assim? Também era violento... tinha ciúmes dela. Eu dizia para ela sair fora porque ele iria matá-la.

Ela já havia sido agredida por ele?

Já. Na terça-feira da semana passada ele bateu nela, na rua, porque ela saiu para ver o jogo do Brasil sozinha. Queria ir com ela na delegacia, mas ela não quis prestar queixa.

O que deve acontecer com o Thiago?

O mesmo que aconteceu com a minha filha. Não espero justiça, quero que ele morra. Eu odeio ele, sempre odiei.

E agora?

Não sei. Vou cuidar dos meus netos.

Motivo do crime pode ser vingança

Com base nas características do modo como foi praticado o assassinato de Gabryella Oliveira Bonfim Sampaio, a polícia acredita que a motivação do crime pode ter sido vingança por causa de uma possível traição da moça. “A violência sexual, a crueldade, o celular na boca e o diálogo do namorado na gravação indicam isso. Mas ainda precisamos ouvir os suspeitos para que possamos definir a dinâmica da morte e a motivação do crime”, destacou o delegado Adroaldo Lopes.

O vídeo enviado para a mãe de Gabryella foi analisado em detalhes pela Polícia Civil durante o dia de ontem. Nele, Thiago e o amigo Lucas registram a tortura e o abuso contra a jovem. “Trabalhamos com

a hipótese de que o crime ter sido premeditado, pois o casal estava aparentemente bem durante o jogo, segundo testemunhas, e pelo fato de Thiago ter chamado o amigo. Além disso, a ligação com ameaças para a mãe da vítima e a gravação do estupro apontam para essa premeditação”, destacou Lopes.

Depois do crime, um dos suspeitos passou a noite no quarto ao lado onde Gabryella foi morta. Testemunhas contaram que uma pessoa foi vista correndo pelo quintal e pulando o muro da residência em Novo México, assim que a Polícia Militar chegou ao local. Porém, ainda não foi possível definir se foi Thiago ou Lucas quem passou a noite no cômodo ao lado do corpo.

Homem que disparou sobre quatro mulheres já tinha ameaçado matá-las

Crime
Mariana Oliveira
e Pedro Sales Dias

Polícia montou cerco à casa do homicida da sogra e da tia. Filha e ex-mulher ficaram feridas

A PJ e a GNR prepararam-se, por volta das 23h do ontem, para entrar na residência do homem que disparou contra quatro familiares, incluindo duas delas, em Valongo dos Azeites, no distrito de Viseu. O carro do suspeito encontrava-se estacionado junto à sua casa, em Trowões, a cerca de quatro quilómetros do local onde foram feitas as disparos que mataram a sogra e a tia de ex-mulher e que deixaram feridas a sogra e compãheira e a filha, com gravidade.

A autoridade policial entrou com alguma demora a operação de entrada na casa, já que estavam que o suspeito homicida está esse armado e o debate com a polícia. A partir da prisão, as autoridades afirmaram que o autor dos disparos se deveu matá-las, seja que, aliás, o suspeito já tinha dito que queria matar as três que estavam com a ex-mulher e as irmãs que a ajudavam a proteger. Mas, de um ritmo, o suspeito fugiu do local, sendo caçado a GNR na PJ também localidade.

O alerta de incidentes foi dado pelo Director-Geral da Restauração e Serviços Policiais (DGRSP) à GNR de Viseu e, simultaneamente, por familiares que estiveram no disparo depois de Valongo dos Azeites todos dizem que esta era uma tragédia anunciada. As autoridades em Valongo dos Azeites disseram que esta era uma tragédia anunciada. As autoridades em Valongo dos Azeites disseram que esta era uma tragédia anunciada. As autoridades em Valongo dos Azeites disseram que esta era uma tragédia anunciada.

O homem estava proibido de contactar com as ex-mulher no âmbito do inquérito por violência doméstica aberto no ano passado. Os primeiros a chegar ao local foram os Bombeiros do S. João da Figueira que tinham sido chamados para assistir uma mulher em paragens cardíacas. Porém, no local depararam-se com um cenário bem mais complicado, segundo o comandante da corporação, Paulo Soares, quando chegou



Uma das mulheres feridas foi transportada para Coimbra



com o agressor já tinha anunciado ao local. Os bombeiros chegaram da imediato ao socorro aos quatro vítimas. A equipa de socorro também constatou, sem sucesso, a sogra e tia da ex-mulher, que estavam no local.

Sequelas de agressões

Um helicóptero da INEM resgatou a filha do casal, uma mulher de 20 anos, a ferida mais grave. A jovem foi transportada para os hospitais universitários de Coimbra e a mãe, com 52 anos, foi levada de ambulância para o hospital de Viseu. A filha apresenta ferimentos mas não de vida, o que quer ser operada de urgência, uma intervenção arriscada que correu bem. Já a mãe, de 52 anos, apresenta "apenas algumas sequelas".

De acordo com vitimas das vítimas em Valongo dos Azeites, uma personalidade com um histórico, a ex-mulher seria vítima de violência doméstica, o que terá motivos do distrito há cerca de cinco anos. Apesar da separação, o ex-marido será continuado a perseguir a mulher e compãheira que será acompanhada de morte imediata vai ser na presença de serviços, com um ao PÚBLICO. Aliás, o homem prometeu matar a

ex-mulher, a sogra e a tia, que seja de um o perigo e a sogra compãheira. No final do ano passado, a GNR realizou buscas na residência do alegado agressor, em Trowões. Na diligência, realizada no âmbito do inquérito por violência doméstica, foram apreendidos vários armas encontradas na casa. A GNR acredita que o suspeito terá comprado essas armas a capacidade modo em um.

O marido da V. Soares disse que preferiu não identificar um modo de o suspeito de alegado homicida, alegando a continuidade da ex-mulher e dizendo que o colega se deu disparos e acabou com a vida, que não se chegou de pagar a sogra e compãheira.

"Ele só chegou a estar fugido mas não chegou a fugir porque acabou com a vida de vítima de violência, mas ele acabou sempre por a matar", afirmou uma vítima. Por isso, há cerca de dois anos a ex-mulher decidiu regressar à terra onde nasceu, sendo ficado alojado em casa da mãe.

As agressões continuaram e o suspeito chegou a matar a ex-mulher e a ameaçar alguns dos seus parentes por se dar o emprego. A ex-mulher do alegado homicida decidiu decidir colocar a mãe num lar, sendo a intenção buscar para passar a férias em família.

O caso seria um processo em tribunal em que a ex-mulher exigiu a restituição do ano corrente que pertence à sua família e que o ex-marido será colocado em seu nome, sem o seu consentimento - a mulher que se retirou do lar de bom grado e sem saber para que o caso seria.

Além da filha que foi ferida com gravidade, o casal tinha ainda um filho, com cerca de 20 anos, que vive na Bélgica, com Sofia Cristina



Quelques estílios aumentam em Portugal

Crimes de violência doméstica somam mais três vítimas

Crime público

Foié domingo, um homem matou a mulher e outro esfaqueou a ex-mulher e a filha. Em 2013 morreram 30 mulheres e dez homens

De manhã, um homem atirou a mulher ao chão, em Santarém. Ao final do dia, outro fez duas esfaqueadas a ex-mulher e a filha, em Felgueiras, com vários golpes, das quais a primeira vítima ficou com gravidade. Um crime em dois casos diferentes na base processual de separação. Mas no primeiro, agrediu e se entregou de seguida às autoridades, o segundo desapareceu após o crime e, ao início da noite do crime, cometeu fuga, com elementos de violência pouco acrescentados da CPN e da Polícia Judiciária de Braga no seu encalço.

Foi ao final da tarde, por volta das 16h, que foi dado o alerta e pedida ajuda para a Rua de Forno de Santa Margarida, em Margarida, Felgueiras. Um homem tinha agredido a ex-mulher e a filha, dando-lhe três violentos golpes com uma faca de tipo militar. A adolescente, com 16 anos, ficou ferida porque tentou defender a mãe, que estava deitada do lado da filha cerca de um ano. Os dois estão desospitalizados. Segundo uma fonte da CPN, já tinha havido um processo de violência doméstica que tinha sido arquivado.

No caso de Santarém, o motivo do desospitalamento entre o casal que estava em processo de separação era psicológico e tinha 30 anos, foi a primeira vítima de homicídio doméstico. Após o crime,

o homem, com 45 anos e que está desempregado, ligou para a CPN e entregou-se sem oferecer resistência. Ficou detido e hoje deverá ser apresentado ao juiz de instrução criminal.

O número de crimes de violência doméstica está a aumentar em Portugal, quando apresentou o relatório anual do país, em Março passado, o secretário-geral do Sistema de Segurança Interna, Azeite Luis, já disse que a procura por parte do cidadão quer de meios resultantes de violência entre cônjuges — no ano passado houve mais três homicídios em relação a isto —, quer de queixas apresentadas às autoridades por violência. E, finalmente, observou ainda, é muito difícil de prevenir por parte das forças de segurança, dada a sua natureza.

Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna, o número de crimes de violência doméstica aumentou 2,4% em 2013, ano em que se registaram 43 homicídios conjugais, mais três do que em 2012. No ano passado morreram 30 mulheres e também 10 homens vítimas de violência doméstica. Nesse ano, as autoridades receberam 122.267 participações contra cônjuges, mais seis do que no ano anterior.

Os distritos onde se registou o maior número de casos de violência doméstica foram Lisboa, Porto e Setúbal, com mais de mil casos registados consecutivamente em distritos de Braga, Aveiro, Faro e Coimbra.

Em Dezembro de 2013 ocorreram dois casos de violência doméstica, mais três do que em 2012, e houve dois agressores com punição eletrónica contra 11 em 2012. PÚBLICO/Lusa

8 | PORTUGAL | PÚBLICO, SEX 22 AGO 2014

Avisaram Adélia para não abrir porta a ex-marido. Agora corre risco de vida

Há mulheres que visitam na cadeia maridos que estão presos por as terem agredido. Elza Pais defende mais prisão preventiva para os suspeitos de violência doméstica, como forma de reduzir risco de homicídio

Violência doméstica

Ana Henriques

Aberto à porta de casa, regou a com álcool e aceso fêlego. Na casa dos 50 anos, Adélia está há vários dias entre a vida e a morte, depois de duas décadas de violência doméstica.

Ocorrido em Braga, o caso parece ser exemplar do pânico devido do comportamento das mulheres vítimas de agressão – logo muitas vezes de ataque e recata por parte das mulheres, que do deprimem chamam a polícia para lhes acudir como a seguir acabarem as companhias. Chegou a procurar-las na cadeia, ao abrigo do regime de visitas breves concedido ao cativeiro, quando elas comparecem para por as serem maltratadas, volta a um recomeço indolente da Procuradoria-Geral do Trabalho.

“Tem de ser protegidas de si próprias”, observa a ex-secretária de Estado da Igualdade e Depressão Socialista Elza Pais, que não se contenta com os quatro meses de homicídios conjugal que se tornaram em anos em Portugal. Presente, de fundo, nas células empilhadas nas com: maltratos a prisão preventiva como forma de abocanar os agressores do objeto da sua obsessão. E também pela criação de casas de abrigo para as que de criminosas, “onde poderiam ser sujeitos a programas de reabilitação para a prevenção da reincidência”. Para esta especialista, “não há sentido que sejam vítimas que não de si próprias para se protegerem dos agressores, que continuam latentes e servem a pedir no caso de violência da família”.

Funcionária administrativa do Hospital de Braga, Adélia apresentou nos últimos anos pelo menos cinco queixas ao PSP contra o companheiro, um empregado de banco que viveu com ela desempregado. Da penúltima vez, há uma semana semana, foi para à unidade hospitalar onde trabalhava, depois de ele lhe ter arremessado um objeto à cabeça.

Em 2011 as autoridades pediram ao Ministério Público que o proibisse de contactar com ela. Tinha, então, parado de descontrolar. Chegou a ser julgado pelos agres-



Deputada do PS Elza Pais considera que as mulheres “tem de ser protegidas de si próprias”

Fundos estruturais estão a acabar

A deputada socialista Elza Pais está preocupada com o que poderá suceder ao final desta ano aos programas de ONG de apoio às vítimas de violência doméstica e à promoção da igualdade de género. “Os fundos estruturais acabam em Dezembro e ninguém sabe o que se vai fazer a seguir”, observa. São estes programas, explica, que podem quebrar o ciclo de violência em que muitas mulheres estão imersas, e que as levam a perder quase dez anos da sua existência.

ções, mas foi atalhado. Se é raro as queixas de violência doméstica chegarem a julgamento, não raro ainda é possível em em condenação dos agressores.

Outra especialista, carina guarneta, da Direção-Geral da Administração Interna, explica, mas entende que elevar o nível de prevenção, como é feita de provas se junta com alguma frequência a desistência da queixa. E que embora a violência doméstica seja um crime que não admite a desistência, acontece por vezes o crime ser socialmente do pelas autoridades como crime de insubordinação, que já a penaliza. “Os dados apontam para que a maioria dos casos de violência doméstica tendem a ser classificados como insubordinação”, afirma o trabalho de carina guarneta.

A política académica Adélia a não abrir a porta a um estado de apre-

tenção em casa. Mas ela continua a rondá-la e a tentar fazer-lhe mal, uma das vezes fez de portas, mas na maior parte do tempo indo ao apartamento da Rua dos Congressos, onde há a morada com ela e uma filha durante mais de década e meia. “Cada vez que lá fomos eu contava como foi lá dentro porque ela o tinha de volta entrar”, descreve como política. “Ela correu com ela e ele olhou a olhar”, confirma um vizinho.

Mais de 400 vítimas

A dependência emocional das vítimas, que chega a ser comparada à utilização de drogas, faz com que a vítima não se liberte do perigo que corre – por vezes de vida. A PSP deu a conhecer a aplicar de forma generalizada em Novembro um inquérito que lhe permitirá aver o nível do risco em cada caso de violência

doméstica, e reclassificar as respostas dadas pelas vítimas. Se o risco for considerado elevado, serão alertadas as autoridades judiciais para que possam ser aplicadas medidas de proteção, como a proibição eletrónica.

Quanto à prisão preventiva, Elza Pais explica que a lei também a permite. Basta aos magistrados equipararem a violência doméstica, cuja modalidade penal não se cria a partir da utilização desse mecanismo de prevenção, à criminalidade violenta – uma medida que já validou em 2010 pelo Tribunal da Relação do Coimbra.

Segundo a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, neste momento estão presos preventivamente por violência doméstica 46 pessoas, cumprindo pena por esse crime cerca de 174. Para além disso, há também outras vítimas.

12 | PORTUGAL | PÚBLICO, TER 21 OUT 2014

Mãe e filha morreram à porta de casa vítimas de violência doméstica

Vítimas pediram socorro aos vizinhos através da porta trancada. GNR arrombou-a, mas já não foi possível salvá-las. Outra filha está livre de perigo. Pai, suspeito, estava deitado na cama do quarto de casal

Crime
Pedro Sales Dias

A mulher de 41 anos e a sua filha de 16, enfraquecidas na madrugada de ontem num contexto de violência doméstica, em Soure, Coimbra, morreram à porta de casa. Tentavam fugir do apartamento e pai de 46 anos que acompanhava uma filha de Coimbra. À chegada, a GNR ainda ouviu uma delas a pedir socorro e arrombou a porta, mas já nada havia a fazer.

A s vítimas tinham vários golpes no peito e abdomen. Tinham também diversas gripas nos braços, um tipo de ferimento que indica que se tentaram defender dos golpes, apurou uma polícia ao PÚBLICO. Na primeira revista à casa, a polícia não conseguiu encontrar as chaves da porta da habitação. Foram, aliás, os primeiros pedidos de socorro que se foram fazer através da porta que alertar os vizinhos e os moradores do prédio de três andares e a habitação fazenda do sol, no centro de Soure, próximo da escola básica e secundária desta vila.

De acordo com a GNR, o agressor não tem antecedentes criminais e as autoridades nunca tinham sido chamadas àquele apartamento por qualquer denúncia. Além, a situação é descrita pela primeira polícia como "surreptícia". Também os vizinhos mostraram estranheza com o sucedido. No dia, para já, colheu-se ao rufar que se foi levado o suspeito a agir desta forma.

A situação acordou boa parte dos moradores do prédio. Cerca de 20, segundo relatos de fontes policiais, saíram de suas casas e desceram para a rua. Uma vítima da segunda andar, o mesmo da vítima, ouviu os gritos, telefonou para o posto da GNR de Soure e foi a pedir ajuda. "Já fomos chamados para vários episódios de agressão no âmbito da violência doméstica, mas nunca tinhamos um cenário deste tipo, assim de violento", admite o comandante dos Bombeiros Voluntários de Soure, João Paulo Coimbra.

Os bombeiros saíram depois para outras divisões, sempre protegidos por militares da GNR que, armados, varreram a casa em busca do agressor. Encontraram na sala uma mulher de 16 anos também gra-



Em julho registou-se uma média de quatro homicídios por mês no contexto de violência doméstica

Este ano já foram mortas 26 mulheres

Com estes dois homicídios em Soure, sobe para pelo menos 26 o número de vítimas mortais registadas num contexto de violência doméstica. Em julho, o Observatório de Mulheres Agressadas (OMA) indicava serem entre 26 as mulheres mortas este ano e 27 as que foram vítimas de tentativas de homicídio. Em média, foram verificadas quatro homicídios por mês, sendo que 20% das vítimas tinham mais de 60 anos e 25% entre 26 e 50 anos. O crime que neste âmbito mais se destacou ocorreu em Abril, em Valongo das Azenhas, O

suspeito, Manuel Zabeira, andou fugido 34 dias até que foi detido quando regressava a casa. Também conhecido como Manuel "Pitão", o agricultor terá alegadamente disparado sobre quatro mulheres. A tia e a ex-esposa morreram enquanto a ex-mulher e a filha ficaram feridas. Zabeira já tinha sido condenado a uma pena de quatro anos de prisão, suspensa na sua execução, por violência doméstica, ofensa já integrativa física qualificada e ameaça agravada. Passou a perseguir a ex-mulher quase todos os dias nos últimos cinco anos, após esta ter decidido separar-se.

uma mulher com golpes no peito que resultaram na perforação de um pulmão. Foi de imediato assistida por elementos da viatura médica do INEM que em pouco chegaram. Face ao estado grave em que foi encontrada, não terá conseguido falar sobre o que aconteceu, apesar de questionada pela polícia. Se lhe restavam hipóteses para pedir "socorro", rapidamente.

O pai, vendedor de equipamentos informáticos, vive no quarto de casal deixado na casa. A GNR teve de forçar também a entrada. O homem foi encontrado com diversos ferimentos no peito. Terá sofrido vários golpes a si próprio. A polícia não tem dúvidas de que presenciou pelo menos uma tentativa de suicídio por também ter sido visto. "Os vizinhos viram que se queimaram", disse ao PÚBLICO um polícia.

Apesar do cenário violento, a polícia sustenta que o homem estava

muito calmo. Os calos que esse perito deu ao agente foram frígidos. O suspeito apenas brandiu a faca de cozinha no ar em direção ao militar da GNR que deveria de o manobrar para que fosse assistido pelo INEM. Foi transportado pelos bombeiros, acompanhado pela polícia, para o Centro Hospitalar de Coimbra, onde continua internado e vigiado por inspetores da Polícia Judiciária. A filha que sobreviveu foi levada para o Hospital Pediátrico de Coimbra. Por sua vez, a filha de 16 anos que se encontrava no quarto de casal, mas não corre risco de vida.

Pelas 4h30, estavam no local todos os elementos da GNR e quatro da Polícia Judiciária de Coimbra que até então agiram no contexto do caso. Os bombeiros de Soure estiveram para o local num dispositivo com dois elementos, um ambulância e um carro de comando.